



Miguel Alves Marinho Rodrigues

**FIGURAÇÕES ZOOMÓRFICAS NO BRONZE FINAL
ATLÂNTICO
MATERIAIS, CONTEXTOS, COMENSALIDADE E
SIMBOLISMO**

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, orientada pela
Professora Doutora Raquel Vilaça, apresentada ao Departamento de História,
Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra.

Janeiro de 2021

FACULDADE DE LETRAS

FIGURAÇÕES ZOOMÓRFICAS NO BRONZE FINAL ATLÂNTICO MATERIAIS, CONTEXTOS, COMENSALIDADE E SIMBOLISMO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Figurações Zoomórficas no Bronze Final Atlântico
Subtítulo	Materiais, Contextos, Comensalidade e Simbolismo
Autor/a	Miguel Alves Marinho Rodrigues
Orientador/a(s)	Raquel Maria da Rosa Vilaça
Júri	Presidente: Doutora Helena Maria Gomes Catarino
	Vogais:
	1. Doutor Xosé-Lois Armada Pita
	2. Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Arqueologia Proto-histórica
Data da defesa	10-02-2021
Classificação	18 valores



“Animals are like humans but with a twist of difference that separates them unequivocally. (...) This paradox of similarity and strangeness engenders ambiguities of attitude that cause people to treat animals in contradictory ways, with admiration and contempt, with feelings of dependency yet superiority.”

Miranda Aldhouse-Green (2004: 114)

An Archaeology of Images: Iconology and cosmology in Iron Age and Roman Europe

Agradecimentos

Incontestavelmente, a elaboração da presente dissertação contou com o apoio de várias pessoas, às quais devo prestar os meus sinceros agradecimentos, pois sem elas, sem dúvida que não teria conseguido chegar e concluir este patamar.

À Professora Doutora, e minha Orientadora, Raquel Vilaça, por todo o apoio, atenção, disponibilidade, e rigor que, assim como a sua elevada capacidade de transmitir conhecimento, me permitiu superar as minhas capacidades e desenvolver o pensamento crítico.

À Doutora Cleia Detry, pela simpatia e ajuda oferecida na pesquisa bibliográfica quanto aos estudos zooarqueológicos referentes ao Bronze Final em Portugal.

A Olga Finch, Curadora de Arqueologia do *Jersey Heritage* e ao *Jersey Heritage* pela atenção e disponibilidade em oferecer informações e imagens relativas ao espeto articulado de St. Mary.

À D. Eunice Dionísio pela sua disponibilidade, simpatia e prontidão em ajudar os alunos no Instituto de Arqueologia.

À Doutora Marisa Marques que me ajudou imenso no momento mais difícil da minha vida (até à data) e me auxiliou nos primeiros passos desta investigação.

À Ana Amor Santos pela ajuda na recolha bibliográfica relativa às representações zoomórficas na arte rupestre.

À Graça Marília Martins e ao Rui Jorge Ribeiro por toda a disponibilidade e ajuda e por me terem recebido de braços abertos em sua casa.

À minha tia Cristina, tio Quim e primas Sara e Ana por todo o apoio, amizade, simpatia e interesse, que demonstraram desde o início, pelo tema desta dissertação.

À minha querida avó Vitória e tios Sérgio, Sandra, Paula e Luís e Catherine, pelo apoio incondicional, disponibilidade incansável e preocupação desmesurada que sempre ofereceram. Espero que não chegue o dia em que se acabe uma chamada ou visita e eu não oiça: “se precisares de alguma coisa diz!”.

À minha irmã pelas arrelias que me deu e que eu de muito bom grado retorqui, por todo o apoio, pela disponibilidade em ajudar, por todo o interesse que teve no meu trabalho e por todos os bons e maus momentos em que ela fez questão de estar presente.

À minha mãe, que se eu tivesse de enumerar todas as razões por lhe estar grato certamente superaria, por uma grande margem, o número de páginas que utilizei para escrever a presente dissertação, portanto enumero os principais (relativamente): pelo

amor incondicional e incansável, pelos sacrifícios a que se submeteu sem pestanejar nem pensar duas vezes (muitos deles que eu não conheço e provavelmente nunca irei conhecer), pelos valores que se esforçou por me transmitir (e eu espero tê-los absorvido a todos) e por me ter sempre incentivado a seguir os meus sonhos. Espero um dia conseguir retribuir que não seja $\frac{1}{4}$ do que tu me deste.

E por fim à Ana Ribeiro, o meu grande suporte, que aturou todos os nervos e ansiedades oferecidas neste longo (e curto) ano, a minha confidente que fez questão de estar sempre presente.

Ao meu pai e aos meus avós!

RESUMO

Figurações Zoomórficas no Bronze Final Atlântico: Materiais, Contextos, Comensalidade e Simbolismo

Na presente dissertação pretendemos reavivar o debate em relação ao significado e simbolismo das figurações zoomórficas em metais da Idade do Bronze Final Atlântico.

Para tal, começámos por discutir os contactos e influências do Bronze Final, com especial enfoque no Bronze Atlântico, tentando ao mesmo tempo compreender as mudanças a nível regional, dando o exemplo das comunidades que viviam no território atualmente português, assim como a relação das mesmas com os animais.

Em seguida abordámos os objetos metálicos aos quais as figurações zoomórficas estão associadas, nomeadamente fúrculas e espetos articulados ligando-as também aos rituais de comensalidade em que os objetos atuavam. Referenciámos então os conhecidos até à data, três fúrculas e onze espetos articulados, assim como uma figura zoomórfica isolada, descrevendo-os e contextualizando-os brevemente quanto à sua descoberta, dando novamente um enfoque aos encontrados em território atualmente português.

Numa tentativa de conhecermos e compreendermos melhor a importância dos objetos e das figuras para as comunidades que as empunhavam analisámos o enquadramento ritual em que aqueles eram utilizados, a relação da figura com o objeto (isto é, a razão pela qual estão juntos), e os seus contextos de achado, pois estes espelham diretamente a importância que as comunidades lhes ofereciam.

A partir destes dados, as ilações retiradas apontam para uma interpretação totémica das figurações zoomórficas, servindo como símbolo identitário das comunidades e meio de expressão dos seus ideais. No entanto, nem todas se enquadraram nesta interpretação, sendo também posta a hipótese de representarem uma divindade ou um acontecimento relevante para as comunidades.

Posto isto, o nosso objetivo não é chegar a quaisquer conclusões acerca da simbologia e significado das figurações zoomórficas, mas sim dar os primeiros passos para uma discussão do tema, pois sendo um mundo virtualmente desconhecido e difícil de se conhecer implica que seja ativamente investigado.

Palavras-Chave: Figurações zoomórficas, Metais, Espetos articulados, Fúrculas, Bronze Atlântico

ABSTRACT

Zoomorphic figurines of the Atlantic Bronze Age: Materials, Contexts, Commensality and Symbolism

In this dissertation we intend to revive the debate relating to the meaning and symbolism of zoomorphic figurines in metals from the Late Bronze Age.

To this end, we started by discussing the contacts and influences of the Late Bronze Age, with a special focus on the Atlantic Bronze Age, while trying to understand the changes at the regional level, giving the example of the communities that lived in the currently Portuguese territory as well as their relationship with animals.

Then we approached the metallic objects with which the zoomorphic figures are associated, namely flesh hooks and articulated spits, also linking them to the commensality rituals in which the objects were used. We then mentioned those known to date, two flesh hooks and ten articulated spits (as well as an isolated zoomorphic figurine), describing them and briefly contextualizing them regarding their discovery, again giving a focus to those found in currently Portuguese territory.

In an attempt to get to know and better understand the importance of objects and figures for the communities that wielded them, we analysed the ritual framework in which they were used, the relationship of the figurine with the object (the reason why they are together), and their finding contexts, as these directly mirror their importance for the communities.

From these data, the lessons learned point to a totemic interpretation of the zoomorphic figurines, serving as an identity symbol for the communities and a means of expressing their ideals. However, not all fit this interpretation, and the possibility of representing a deity or an event relevant to the community was also raised.

That said, our goal is not to reach any conclusions about the symbology and meaning of zoomorphic figures, but rather to take the first steps towards a discussion of the topic, since being a virtually unknown and difficult to know world, it needs to be actively investigated.

Keywords: Zoomorphic figurines, Metals, Articulated spits, Flesh-hooks, Atlantic Bronze Age

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract.....	iv
1. Introdução.....	1
2. Objetivos, Problemáticas e Metodologias	3
2.1. Objetivos e Problemáticas	3
2.2. Metodologias	5
3. O Bronze Final	11
3.1. No Norte de Portugal.....	21
3.2. No Centro e Estremadura de Portugal	24
3.3. No Sul de Portugal.....	30
4. A relação das comunidades do Bronze Final com os animais.....	35
4.1. Estudos zooarqueológicos do Bronze Final português.....	35
4.2. Representações zoomórficas nas estelas de tipo “guerreiro”	45
5. Objetos metálicos com figurações zoomórficas	53
5.1. No quadro Atlântico Europeu.....	56
5.1.1. Fúrculas	57
5.1.2. Espetos articulados	68
5.2. Em Portugal	75
5.2.1. Espeto articulado de Alvaiázere	75
5.2.2. Espeto articulado de Baiões.....	77
5.2.3. Espeto articulado da Cachouça.....	78
5.3. Notas finais	81
6. O contexto ritual, iconografia e simbolismo	85
6.1. Os rituais de comensalidade	85

6.2. O contexto de achado dos artefactos e o seu possível significado	89
6.3. A relação entre o objeto e a figuração zoomórfica.....	95
6.4. O significado simbólico das figuras zoomórficas.....	96
7. Considerações finais	105
8. Bibliografia.....	109
Índice de Figuras	125
Índice de Tabelas.....	128
Catálogo de objetos metálicos com figurações zoomórficas.....	130
Introdução.....	130
Figuras isoladas	131
Fúrculas	131
Espetos articulados	133

1. Introdução

O tema da presente dissertação enquadra-se, cronologicamente, na Idade do Bronze Final da região Atlântica Europeia, que engloba Portugal, o Noroeste e Norte de Espanha, o Noroeste de França, as Ilhas Britânicas e o Canal da Mancha. Esta época, nas referidas regiões, foi marcada principalmente pela troca de contactos e influências, que se manifestou na dissipação de cultura material, comportamentos sociais e até em comportamentos culturais, como os rituais de comensalidade.

Ora, independentemente da cronologia considerada, há sempre uma constante na arte: a representação da natureza. Efetivamente, desde as primeiras representações artísticas feitas pela humanidade que a reprodução da natureza é um “dado adquirido”, principalmente no que toca aos animais. No registo arqueológico encontramos uma grande diversidade tipológica de expressão de animais, seja em paredes de grutas, em rochas ao ar livre, em cerâmicas, em metais, esculpidas em terracota, em caracteres de escrita e até em enormes geoglifos. Assim verificamos que o modo de ver o mundo das sociedades foi evoluindo juntamente com as inovações tecnológicas, refletindo-se nestas.

Neste espectro incluem-se as figurações zoomórficas e os objetos metálicos com que estas se conjugam, que detinham uma função específica e um significado simbólico para as comunidades que os empunhavam. É neste âmbito que parte o tema da dissertação.

Tendo isto em conta, as figurações zoomórficas abordadas neste estudo são representações tridimensionais, mas de pequeno tamanho, de animais assentes em objetos culturais (nomeadamente espetos articulados e fúrculas). A sua maioria são aves, mas também foram encontrados quadrúpedes. Porém, normalmente, as figurações são altamente esquematizadas, ou encontram-se partidas, sendo muitas vezes difícil identificar as espécies de animais que estas possam querer retratar e, portanto, tentar compreender o seu significado.

Esta relação das figurações zoomórficas com os espetos articulados e as fúrculas permitiu-nos associá-las aos rituais de comensalidade, dando-nos uma perceção da sua importância para a comunidade. Posto isto, no segundo capítulo apresentamos as problemáticas, objetivos e metodologias que pretendemos abordar e cumprir.

No terceiro capítulo começamos por fazer o enquadramento da Idade do Bronze Final tendo em conta as suas zonas de influência, dando especial apreço à macro-região atlântica. Posteriormente iremos focar-nos nas regiões do território atualmente português

de modo a compreendermos melhor o modo como os contactos e diferentes influências afetam as comunidades no contexto regional, separando-as por Norte, Centro e Sul de Portugal.

No seguinte capítulo tentaremos compreender a relação das comunidades do Bronze Final com os animais, através de estudos zooarqueológicos nas diferentes regiões do país e da arte presente, nomeadamente, nas estelas de tipo “guerreiro”.

Em seguida, no quinto capítulo, apresentaremos então os objetos e as figuras que iremos estudar, separando entre fúrculas e espetos articulados, fazendo uma descrição dos mesmos e dos contextos de achado destes. Tal como no terceiro capítulo, iremos fazer um realce aos objetos e figurações encontradas em território atualmente português, aplicando assim, diretamente, o que verificámos acerca da absorção das influências atlânticas.

No sexto capítulo focar-nos-emos na simbologia e no significado que as figurações possam albergar. Para tal iremos expor as características gerais dos rituais de comensalidade no espectro do Bronze Final Atlântico, assim como o cenário em que as figurações e os utensílios a estas associados se inserem. Num outro ponto discutiremos mais aprofundadamente os contextos de achado dos artefactos, havendo uma vasta maioria de artefactos encontrados em contexto de depósito. Tendo isto em conta, falta compreender a relação da figuração zoomórfica com o objeto em que esta está assente, ou seja, perceber a razão pela qual estes estão juntos e em que teor se completam um ao outro. Tendo então reunido todos estes dados, passaremos à discussão dos mesmos, de forma a tentar aproximarmo-nos das possíveis simbologias e significados que as figurações detinham para as comunidades do Bronze Final Atlântico.

Como último capítulo iremos elaborar as considerações finais, fazendo um sumário do que foi dito ao longo da dissertação, projetando uma ênfase nas ilações retiradas e comentando também quanto à execução, ou não, do que nos propusemos fazer no início desta investigação, sem deixar de parte a ideia da contribuição desta dissertação para um estudo mais aprofundado destes objetos e uma apresentação de eixos de investigação futura.

De modo a compreender melhor o texto e ao mesmo tempo sintetizar a informação, elaborámos um anexo em que incluímos a proveniência, medidas, uma breve descrição, bibliografia e local de acondicionamento atual do objeto metálico e da figura a ele conectada.

2. Objetivos, Problemáticas e Metodologias

Como em qualquer estudo, é necessário, numa primeira fase de investigação, estabelecer objetivos a cumprir de acordo com as problemáticas inerentes ao tema escolhido. Em seguida, é indispensável criar uma metodologia de trabalho que nos guie ao longo da dissertação. Posto isto, este capítulo foca-se na apresentação dos objetivos, problemáticas e metodologias que nos propomos cumprir no presente estudo.

2.1. Objetivos e Problemáticas

A Arqueologia, como se sabe, não é uma ciência exata, pelo que muitas vezes é muito complicado, senão mesmo impossível encontrar evidências que comprovem ou sustentem determinada ilação que se queira estabelecer. Isto aplica-se principalmente quando falamos das épocas da Pré e Proto-História, sem qualquer registo escrito. Para estes casos muitas vezes recorre-se a outras ciências sociais como a Antropologia Social/Cultural, Sociologia e a Etnografia, que estudam as culturas, comportamentos e costumes de variados grupos populacionais.

Porém, a inspiração que estas podem dar ao estudo arqueológico fomenta o risco de formar paralelos e analogias que não respeitam a realidade, pois as ideias são sempre uma suposição, que, bem ou mal fundamentada continua a ser derivada de uma analogia entre povos que, muitas vezes, viveram em épocas distintas e em zonas geográficas diferentes. Portanto, de modo a diminuir até certo ponto a insegurança, a Arqueologia analisa os objetos, fazendo destes a sua principal base de estudo (assim como as estruturas, os espaços, as paisagens e os territórios), pois estes fornecem informações necessárias para a compreensão da sociedade que os utilizava, sem esquecer o seu valor pessoal (KNAPP e DOMMELEN, 2015: 317).

Os objetos de estudo do presente trabalho serão, no geral, todos os objetos metálicos do Bronze Final Atlântico que apresentem elementos zoomórficos, e mais concretamente aqueles que foram encontrados em território atualmente português. Na generalidade, estes elementos apresentam-se como figuras que encaixam ou estão montadas em artefactos metálicos, nomeadamente espetos articulados ou fúrculas, podendo ocasionalmente encontrar-se figuras metálicas isoladas cuja proveniência é incerta.

Tentar-se-á elaborar, dentro do possível, uma biografia do material estudado, dada a sua importância, tendo em conta as dificuldades anteriormente expostas, à semelhança

do que Bowman e Needham (2005 e 2007) e Kristiansen (2002) elaboraram, no sentido de apresentar o máximo de informação possível sobre os objetos (como a sua descrição, a sua descoberta e o contexto em que se encontravam), tentando ao mesmo tempo compreender a sua utilidade, funcionalidade, modo de emprego, tempo de vida útil, e por fim, o modo de deposição.

Subsequentemente, chegar-se-á à questão dos elementos zoomórficos e da sua possível simbologia. Estes não teriam o mesmo significado sem o objeto ao qual estão associados, seja uma fúrcula ou um espeto articulado, sendo que um complementa o outro, ou, por outras palavras, não é apenas a partir do elemento zoomórfico que se cumpre o seu simbolismo, mas sim com a junção deste com o objeto, pois estes funcionariam como um só no seio da comunidade e do ritual de comensalidade.

Deste modo, após admitirmos a figura e o objeto como um só, é necessário compreender a sua importância para a comunidade. Para tal, é fundamental estudar de modo mais aprofundado os contextos de achado dos artefactos, visto que o modo como foram “deixados”, em princípio, retratarão diretamente o modo como estes eram percebidos durante o seu tempo de vida útil. Posto isto, quanto mais conhecimento conseguirmos discernir, mais próximos conseguimos ficar da sua simbologia.

Assim, a dissertação terá essencialmente três patamares de objetivos a cumprir, sendo que o resultado do primeiro irá ajudar o faseamento do segundo e este do terceiro. No primeiro patamar estará a realização do estado da arte dos objetos metálicos da Idade do Bronze Atlântico com elementos zoomórficos e o estudo dos objetos (como referido anteriormente) nos seus contextos.

No segundo patamar, e de acordo com os resultados obtidos no patamar anterior, tentar-se-á compreender melhor a ligação das figurações zoomórficas com o objeto e contextualizar o ritual para as quais estas foram concebidas, neste caso a comensalidade e os banquetes, tentando perceber a sua função e importância para a comunidade. No terceiro patamar, após o estudo do elemento zoomórfico (na sua união com o objeto) e do seu contexto, tentar-se-á alcançar e compreender o seu significado, tendo, no entanto, sempre a consciência de que não se irá chegar a uma conclusão única e definitiva. Será feita uma aproximação da realidade, com várias hipóteses, dentro das possibilidades que se nos afiguram mais credíveis.

Posto isto, o principal objetivo será reavivar o debate do ritual no contexto do Bronze Atlântico português e dar um maior enfoque às figurações zoomórficas que neste se encontram e que tão menosprezadas são até à data.

2.2. Metodologias

O presente estudo necessita de uma base empírica que consiga abordar as diferentes relações entre o objeto e a sociedade em que se insere, portanto adotar-se-ão os “3M”, Materialidade, Materialismo e Materialização, como foi explicado por Timothy Earle (2013: 353-354), isto é: através do estudo da materialidade pode-se compreender o valor e a importância do objeto a partir da análise das trocas de pessoa para pessoa ou através do seu contexto social, querendo isto dizer que o sujeito social e o objeto material, utilizado para criar significados e relações sociais, se fundem; através do estudo do materialismo onde é possível compreender as interações e relações sociais e políticas da sociedade; e através da materialização procura-se descodificar os ideais, os mitos e os valores de uma realidade física que tomaria forma em eventos sociais, cerimónias, rituais, objetos simbólicos, entre outros.

Ora, para facilitar a leitura do texto e tornar mais compreensível o seu desenvolvimento, nos anexos encontrar-se-á um inventário das figuras isoladas e dos objetos metálicos com figurações zoomórficas estudados nesta dissertação, incluindo contexto e localização de achado, uma breve descrição e bibliografia referente aos mesmos.

Será necessário, portanto, ter a mínima noção da “cadeia operatória” dos objetos. Isto é, ao sabermos como um objeto foi criado, ou seja, ao obter conhecimento sobre a sua tecnologia de fabrico, por exemplo, conseguimos perceber a sua complexidade, o nível de experiência do fabricante e conseqüentemente recolher alguns dados acerca da sua importância na sociedade (EARLE, 2013: 354). A segunda parte da análise pressupõe a utilização do objeto na atividade para a qual está destinado (uma espada na guerra, um espeto num banquete), aferindo o potencial do seu uso e o desgaste (EARLE, 2013: 355), assim como a sua “história de vida”, como Kristiansen (2002) apresenta, e que consiste em todos os processos pelos quais determinado objeto passou, desde a coleta da matéria-prima utilizada para o seu fabrico até à deposição do mesmo.

Ao analisarmos um objeto pela base do materialismo teremos em consideração a utilidade primária deste, ou seja, no caso de uma espada da Idade do Bronze sugere-se a

dominação, através da intimidação e da morte, levando o seu desenvolvimento à transformação de estruturas de poder. Porém, é também necessário ter em conta o ser humano, pois uma espada faria tanto quanto as capacidades de quem a empunharia (teriam de ser utilizadas por guerreiros especializados, conferindo assim o poder) (EARLE, 2013: 356).

Por outro lado, a análise da materialização fornece-nos a perspetiva cultural e simbólica por detrás do fabrico e da utilização do objeto (EARLE, 2013: 356-357). Isto é, ajuda a compreender o significado depositado no objeto, aquando da sua criação, tendo em conta uma finalidade específica, pois, segundo Earle (2013: 357), o ser humano seleciona diferentes maneiras para expressar valores e significados (cultura), e neste processo são criadas relações sociais de poder.

Ora, este processo de criação de significado seria principalmente criado pelas elites, pois eram estas que escolheriam o meio de expressão cultural, que seria desenvolvido dependendo da disponibilidade de materiais e processos de produção e de troca, controlando deste modo a ideologia da sociedade (EARLE, 2013: 357). Resumidamente eram, então, selecionados os materiais a utilizar e os artesãos experientes para fazer os objetos carregados de significado (como espadas, espetos e caldeirões, entre outros), controlando deste modo o meio de expressão cultural.

Ao mesmo tempo, uma grande componente da vida das comunidades e sociedades Pré e Proto-Históricas seria o ritual e o religioso, logo é insensato não abordar estes temas, com maior foco no ritual, ao discutir a simbologia.

Tal como Jorge (2012: 28) reconhece: para além da impercetibilidade por parte da arqueologia no que toca às “ações rituais” (pois são materialmente invisíveis na sua maioria), a antropologia também se debate quanto à existência de ritual ou não, no sentido em que uma ação repetitiva, de âmbito social, formalizada, pode não estar, necessariamente, inserida no mundo ritual.

Contudo, em primeiro lugar há que definir “ritual”, sendo que de todas as possíveis definições existentes, a que se irá seguir será a de Verhoeven (2011: 117 e 118), pois o autor formula-a baseando-se em pontos cruciais (formulados por Catherine Bell, 1997: 138-169), de fácil compreensão, que nem são definitivos nem exclusivos, ou seja, são mutáveis e abrangentes.

Apresenta-se primeiramente o formalismo, que se baseia na existência de um contraste dentro do próprio ritual que se manifesta, por um lado através de expressões,

gestos, modos de comunicação e, por outro, através de comportamentos organizados de forma restrita e limitada com uma norma mais aberta e elaborada; o tradicionalismo, onde há uma tentativa de fazer com que as atividades pareçam idênticas ou consistentes com as realizadas anteriormente (em anos anteriores ou até pelos seus antepassados) ou em culturas passadas, detendo assim um fator de legitimação; invariância disciplinada, em que há uma série de ações caracterizadas por um grande controlo físico e repetições precisas; governação com regras¹, que se baseia num conjunto de regras impostas com vista a impedir ou diminuir a interação e/ou ações humanas; simbolismo sagrado, que se resume à utilização de um ou vários símbolos não profanos²; e performance, que é a autoconsciência da prática de atividades, na sua maioria, altamente simbólicas em público.

Porém, podem acrescentar-se outros pontos, como por exemplo o simbolismo explícito, que se baseia na existência de um significado próprio do ritual traduzido através de uma figura, de um objeto, ou até de uma pessoa, tendo muitas vezes uma conotação sagrada (VERHOEVEN, 2011: 116).

Segundo Verhoeven (2011: 118) um ritual pode, então, quanto à sua forma, ser definido como “exibições que são distinguidas no tempo e no espaço, marcadas por um simbolismo material e imaterial explícito, muitas vezes (mas nem sempre) relacionadas com o sobrenatural, em que o comportamento é orientado e restringido por tradições, regras e repetição” e quanto ao seu significado e função como “práticas em que a comunicação simbólica serve para estabelecer relações entre humanos e/ou seres sobrenaturais”.

Tendo já uma definição e uma noção do que está por detrás do ritual, podemos prosseguir para as especificidades do mesmo, englobando os seus variados tipos, e dividindo-os entre religiosos (como rituais xamânicos ou a celebração da Páscoa com a quaresma, os jejuns, as procissões, etc...) e profanos (como uma simples celebração de aniversário) (VERHOEVEN, 2011: 118). Dentro dos rituais de cariz religioso podemos mais uma vez destacar as religiões mundiais, como o cristianismo e o islão em que por norma o ritual está descrito nas escrituras, e as religiões “tradicionais” que não têm escrituras onde se basear (VERHOEVEN, 2011: 118).

¹ Traduzido do inglês “rule-governance”.

² Segundo Bell (1997: 159), o sagrado não está unicamente relacionado com o sobrenatural, mas sim com qualquer experiência que implique algo maior que o ser, como um grupo em específico, uma nação ou a humanidade.

Para categorizar mais ainda as ações rituais, Bell (1997: 93-137) apresenta seis tipos de ritual: rituais de passagem, que marcam a transição de uma pessoa para uma diferente etapa da vida social³; rituais calendarizados, que são rituais que dão significado e importância à passagem do tempo; rituais de troca e comunhão, em que se fazem oferendas (sacrifícios, por exemplo) a deuses ou mesmo a pessoas em troca de algo, como a fertilidade, ou para ter uma boa colheita; rituais de aflição, que têm como objetivo principal apaziguar ou conter as influências negativas do sobrenatural, como as purificações, por exemplo; rituais de comensalidade, jejum e festividades, cuja finalidade passa pela expressão dos membros da comunidade publicamente, muitas vezes sem um propósito religioso mas sim sociocultural, económico e/ou político; e rituais políticos, que são os rituais que têm como função promover ou construir um poder político.

Por fim falta apenas saber como abordar o estudo do ritual, sendo que irá ter uma influência direta da definição escolhida. Segundo Verhoeven (2011: 121-123) há dois possíveis caminhos, tendo em conta a sua definição de ritual, para tratar o tema, sendo estes uma abordagem cognitiva ou uma abordagem prática. A abordagem cognitiva resume-se à ligação entre a mente humana, o ritual e a religião, pois acredita-se que o desenvolvimento cognitivo está diretamente ligado ao ambiente envolvente do ser humano, podendo assim explicar o porquê da tamanha difusão da religião, e de tantas religiões terem tanto em comum, sendo que se faz intuitivamente uma diferenciação entre o natural e o sobrenatural, fazendo das representações religiosas componentes persistentes da mente humana (VERHOEVEN, 2011: 121). Assim, os objetos e o seu contexto são fundamentais.

A abordagem prática, por outro lado, afirma que o significado do ritual é formado pela realização de atividades, ou seja, o ritual é uma ação social (VERHOEVEN, 2011: 122). Neste sentido surge o termo ritualização, que sugere que o ritual é formado pela combinação de diversas formas de comportamento, fazendo de um ritual uma qualidade adquirida por uma ação, isto é, determinada atividade pode fazer parte do quotidiano de uma pessoa, mas por qualquer ocasião é ritualizado, como por exemplo o jantar de natal, que poderia ser como qualquer outro jantar de família mas que, devido à simbologia nele retratada (principalmente a união) é ritualizado, pois é intencionalmente um feito especial (VERHOEVEN, 2011: 123).

³ Muitas vezes são realizados em estádios de mudança biológica, como a puberdade, porém, normalmente retratam a ordem sociocultural e não tanto a biológica (BELL, 1997: 94).

Será então deste modo que se tentará contextualizar o ritual para as quais as figurações zoomórficas foram concebidas e, juntando a análise do objeto, talvez obter uma resposta quanto ao seu significado e simbologia.

3. O Bronze Final

O registo arqueológico dá conta do aparecimento de figurações zoomórficas a partir do Neolítico Tardio-Calcolítico (VALERA *et al.*, 2014: 15). Inicialmente seriam criadas a partir de materiais como osso, marfim, barro, rochas ou minerais, e por vezes até seriam moldadas na forma de um recipiente, representando principalmente lagomorfos (coelhos/lebres), bovídeos (cabra, ovelha, vaca), suídeos (porcos/javalis) ou aves (VALERA *et al.*, 2014: 15). Eventualmente, estas figurações começaram a ser criadas a partir de metal, nomeadamente bronze e ouro⁴, o que nos leva ao Bronze Final e às figuras zoomórficas que aqui serão analisadas.

Ora, de modo a discernir o significado e simbolismo que estas “emitem” para a comunidade que as criou é necessário enquadrá-las no tempo e no espaço. Tendo isto em conta, a Idade do Bronze Final teve início por volta de 1300-1200 a.C., estendendo-se até cerca de 700 a.C. (variando de região para região), e foi marcado pelo desenvolvimento da cultura dos Campos de Urnas na Europa Central e das sociedades guerreiras e com uma base na comensalidade, tanto na Europa Atlântica como na Europa Central (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995b: 140; BURGESS e O’CONNOR, 2008: 43).

Segundo Burgess e O’Connor (2008: 43) o aparecimento destas sociedades decorreu, principalmente, devido a uma crise económica, política e social, que pressionou as populações. Multiplicaram-se os guerreiros, assim como os seus apetrechos, ao mesmo tempo que se “alimentavam” os rituais guerreiros e a comensalidade, dando origem a uma ampla variedade de novas armas e à proliferação de equipamentos de banquete (BURGESS e O’CONNOR, 2008: 43). Com isto elevou-se a importância do metal a um nível nunca antes visto, tornando o trabalho metalúrgico uma atividade económica muitíssimo importante na época, tendo também uma ressonância a nível social (VILAÇA, 2012: 13; BURGESS e O’CONNOR, 2008: 42-43).

No contexto Atlântico Europeu acentuou-se, por um lado, uma continuação mais intensa da circulação de pessoas, culturas, ideais e materialidades através do Canal da Mancha, entre a Grã-Bretanha e a França, que já se teria iniciado na Idade do Bronze Médio, e por outro lado aumentou o movimento ao longo da costa atlântica de França,

⁴ É de destacar uma figura zoomórfica de um ungulado feita inteiramente em ouro encontrada no sítio arqueológico de Akrotiri, na ilha de Thera (Santorini, Grécia), datada do Bronze Final (MASSETI, 2008).

tendo inclusive existido circulação para a Península Ibérica, a partir de Gironda, pelo Golfo da Biscaia (BURGESS e O'CONNOR, 2008: 43).

Posto isto, terá sido deste modo que a Península Ibérica deu os primeiros passos nesta nova identidade do Bronze Final Atlântico, começando pela implementação de novas armas, nomeadamente estoques e punhais, tipicamente atlânticos, como os que foram encontrados juntamente com uma ponta de lança, no rio Ulla, perto de Isla de Cheta, em Pontevedra, e Croa de Zoñán, em Lugo, e que se assemelham tipologicamente a estoques do Grupo IV da Inglaterra e Irlanda (BURGESS e O'CONNOR, 2008: 43).

O Bronze Atlântico pode ser resumido como uma série de relações entre sociedades da Costa atlântica Europeia e Ilhas Britânicas, definidas inicialmente a partir de várias descobertas de depósitos de armas e ferramentas em bronze e pelo complexo de Língua-de-Carpa, nomeadamente as espadas (BURGESS e O'CONNOR, 2008: 42). Contudo, na fase do complexo, se ainda existisse o Bronze Atlântico, este já estaria no final, ou seja, mesmo com várias perspetivas, de diferentes autores, o principal foco desta identidade foi o metal (BURGESS e O'CONNOR, 2008: 42; LULL *et al.*, 2013: 612).

Porém, apesar de existir uma tipologia de metais comum, como Bettencourt (1998) propõe, devido à diversidade regional da cultura material, da expressão artística, das estratégias de tumulação e do micro-regionalismo, em geral, o Bronze Atlântico não se pode considerar uma cultura (pelo menos na Península Ibérica), ou até uma identidade na sua plenitude, visto que é insensato correlacionar tipologias, contextos geográficos tecnologias e cronologias, como se irá compreender. O Bronze Atlântico terá então de ser visto, talvez, apenas como uma influência adotada pelas sociedades do Bronze Final e que, de certo modo, deixou uma pesada marca na Península Ibérica, mesmo que tenha sido de modo tão irregular.

Independentemente, o conceito de Bronze Atlântico foi pela primeira vez proposto pelo arqueólogo espanhol Julio Martínez Santa Olalla, entre 1938 e 1941, através de critérios tipológicos associados à produção metalúrgica e às suas relações para lá da Península Ibérica (BETTENCOURT, 1998: 18). Segundo a sua perspetiva (evolucionista e linear), a Idade do Bronze na Península Ibérica estaria dividida em duas partes: o Bronze Mediterrânico (conceito ultrapassado) e o Bronze Atlântico, sucessivamente, sendo as influências orientais substituídas pelas da Grã Bretanha, Irlanda, França, Europa Central e Europa Nórdica (MacWHITE, 1951:14; BETTENCOURT, 1998: 19).

A sua periodização para o Bronze Atlântico estaria dividida em duas fases: Bronze III (1200 a 900 a.C.), constituída por machados de talão com dois anéis, considerada uma produção peninsular, machados de aletas, punhais e espadas de nervura central; e Bronze IV (900 a 650 a.C.), com machados de alvado, foices, pontas de lança, navalhas de barbear e espadas e punhais em língua de carpa (MacWHITE, 1951: 14-15).

Uma década mais tarde, em 1951, MacWhite repensa a distribuição geográfica do Bronze Atlântico na Península Ibérica e restringe-o apenas à fachada atlântica, pois acredita que não está correto utilizar este termo em fenómenos culturais da Catalunha ou da Meseta que teriam uma forte influência da Europa Central, por exemplo, tendo, portanto, a península uma variedade cultural muito diversa para poder ser contida num único conceito (MacWHITE, 1951: 15-16; BETTENCOURT, 1998: 19).

O mesmo se sucede com a cronologia proposta por Santa Olalla (SANTA OLALLA em MacWHITE, 1951: 9), que MacWhite contesta por se basear apenas em pretextos tipológicos, sugerindo que se tenha também em conta a distribuição geográfica dos vários grupos culturais que usufruem das tipologias (MacWHITE, 1951: 9-11; BETTENCOURT, 1998: 19). Na sua nova cronologia, MacWhite mantém a bipartição da Idade do Bronze, distinguindo para o Bronze Atlântico o Bronze III (1200-800 a.C.) que se confina no Noroeste da Península e tem influências das Ilhas Britânicas e, no final, francesas, e o Bronze IV (IVa 800-600 e IVb 600-400 a.C.) que se estende pelo Sudoeste (todo o território abaixo do rio Douro) e tem influências britânicas (IVa) e irlandesas (IVb) (MacWHITE, 1951: 113-114).

Nas décadas seguintes vários investigadores continuaram os estudos e estabeleceram novas cronologias e características ao conceito de Bronze Atlântico, nomeadamente Savory, Almagro-Gorbea, Kalb (que pela primeira vez não limitou o conceito de Bronze Atlântico à metalurgia, juntando também as cerâmicas e a exploração mineira), Coffyn, Coffyn e Sion e Ruiz-Gálvez Priego (SAVORY, 1951: 336-337 e 352; 1974: 228-233 e 238-243; ALMAGRO-GORBEA, 1977: 486-488; KALB, 1980: 113-118; COFFYN, 1985: 119-122; COFFYN e SION, 1993: 287-288; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995a; BETTENCOURT, 1998: 19-23).

Coffyn e Sion, em 1993 (p. 287-288), através de novos dados, reviram a cronologia do Bronze Final Atlântico, dividindo-a em duas partes, o Bronze Final I (1100-950) e o Bronze Final II (950-750), onde incluíram os grandes depósitos peninsulares (Huelva e Baiões, por exemplo). Dois anos depois, Ruiz-Gálvez Priego, (1995a: 82)

adapta estas cronologias, baseando-se em datas calibradas para o Bronze Atlântico Europeu: Bronze Final I (1250/1200-1100 a.C), Bronze Final II (1100-940 a.C) e Bronze Final III (940-750 a.C).

Ao Bronze Final I pertenceriam as espadas *Rosnoen*, os primeiros machados bifaciais de um anel, talão comprido e folha larga, e as pontas de lança pequenas, de alvado curto; ao Bronze Final II as pontas de lança losângicas, as espadas pistiliformes, os machados de talão de um ou dois anéis e as primeiras fíbulas de codo; e ao Bronze Final III as espadas de tipo Huelva e as de punho maciço, as pontas de lança lanceoladas e as fíbulas de codo (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995a: 82; BETTENCOURT, 1998: 22-23).

Assim o conceito de Bronze Atlântico foi ganhando conteúdo e ao mesmo tempo diversas perspectivas e teorias explicativas. Na Península Ibérica terá chegado, através do Golfo da Biscaia, um primeiro contacto à região da Galiza nos inícios do Bronze Final, como já foi referido anteriormente, e a partir daí ter-se-á difundido pelo Sudoeste Peninsular.

Em contrapartida, também nos finais do II Milénio a.C., chegaram à Península Ibérica contactos vindos do Mediterrâneo oriental, atestados pela presença de objetos de origem ou influência mediterrânica, que muitos investigadores indicam pertencer a uma fase “Pré-colonial”, ou seja, aos primeiros relacionamentos que levarão à “colonização” da Península ibérica, por parte de gregos e fenícios, nos finais da Idade do Bronze/Inícios da Idade do Ferro (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 81-82).

Estes contactos foram inicialmente micénicos, ainda na Idade do Bronze Médio, porém a sua presença na Península Ibérica é escassa, em comparação com o Mediterrâneo Central, tendo sido nos inícios do Bronze Final que os contactos mediterrânicos se intensificaram na Península, nomeadamente sírio-fenício-cipriotas pós-micénicos, tendo o Mediterrâneo Central, nomeadamente a Sardenha, como uma plataforma intermediária entre o Oriente e o Ocidente (LO SCHIAVO, 1991: 214, 220-222; ALMAGRO-GORBEA, 1998: 93; VILAÇA, 2012: 14). Por outro lado, devido à falta de evidências também há alguns autores que discordam da existência desta fase “pré-colonizadora” (AUBET, 1987: 180-181; ALMAGRO-GORBEA, 1998: 81-82).

Independentemente, destes contactos resultou a assimilação de vários elementos de cultura material, assim como sociopolíticos, metrológicos e ideológicos (que se irá abordar mais à frente). Os elementos de cultura material, físicos ou figurativos (isto é,

representações iconográficas de artefactos copiados, recreados ou importados, como as estelas de “guerreiro”), poderão ter sido produzidos e trazidos do Mediterrâneo oriental ou feitos localmente a partir de protótipos orientais, sendo possível categorizá-los pela sua funcionalidade: elementos de guerreiro, ferramentas, peças de vestuário e adorno pessoal, e elementos rituais (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 82; VILAÇA, 2012: 20 e 22).

Os elementos de guerreiro, como armas e escudos, expressariam novas táticas guerreiras, assim como a utilização de armas ostensivas por parte das elites (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 82). Alguns dos exemplos deste grupo são os escudos de chanfradura em “V”, como o que podemos encontrar na Estela da Aldeia da Figueira (Vila do Bispo), capacetes cónicos e capacetes de chifres, e espadas e punhais de lingueta, como as de Pinhal dos Melos (Fornos de Algodres) (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 82; CARDOSO, 2004: 157). As tipologias de ferramentas seriam diversas como enxós de apêndice lateral ou de alça tubular e foices de alça tubular, por exemplo (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 82).

Os elementos de vestuário e de adorno pessoal foram principalmente as fíbulas de apêndice, fíbulas de enrolamento no arco, como a encontrada nas escavações de Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros), broches de cinturão, pinças, pentes, espelhos, pingentes e contas de vidro, que, como se irá explicar mais à frente, provavelmente ajudariam na criação de uma identidade, através de uma remodelação do corpo, da aparência (TREHERNE, 1995: 111; ALMAGRO-GORBEA, 1998: 82; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1998a: 282; VILAÇA, 2012: 21).

Os elementos rituais estariam diretamente ligados aos de banquetes, como as taças de Berzocana e Senhora da Guia, os suportes de Senhora da Guia e de Calceite e Las Peiros, os carros com rodas e as fúrculas como a de Baiões, mantendo em aberto a discussão para a verdadeira origem dos objetos de banquete (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 82; VILAÇA, 2008: 372; VILAÇA, 2012: 22).

Contudo, do Mediterrâneo oriental vieram também novos materiais como o ferro, vidro opaco, âmbar e marfim, novos sistemas metrológicos, como atestam os ponderais encontrados em Senhora da Guia e Cancho Roano, cujas unidades de medida equivalem à unidade cipriota identificada em Ulu Burun, e novas tecnologias como o aperfeiçoamento da exploração da prata ou o método de fundição “cera-perdida” que atesta a presença de influências mediterrânicas diretas, pois é difícil criar uma nova

tecnologia sem uma relação entre artesãos (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995b: 140; ALMAGRO-GORBEA, 1998: 83; VILAÇA, 2003: 267; 2007, 145; 2008: 377; 2012: 20).

A panóplia de objetos e técnicas trazidas do Oriente terá vindo acompanhada por influências paralelas, tanto sociais como ideológicas. Provavelmente, das mais importantes terão sido os novos costumes funerários, como se presencia no complexo megalítico funerário de Roça de Casal do Meio que é constituído por uma câmara circular com dromos semelhantes às *tholoi* micénicas e cujo ritual de sepultamento tem como paralelo mais próximo os rituais micénicos (ALMAGRO-GORBEA, 1986: 363; 1998: 84-86; CARDOSO, 2000: 246).

Contudo, a mais fácil de identificar será a relação dos objetos de cariz oriental com o estatuto social e o seu carácter simbólico, como as armas de prestígio, os escudos e capacetes, que como já foi referido, poderiam significar novas táticas guerreiras, mas poderiam também ser “apenas” armas de parada. Apesar do uso de armas como elemento de prestígio estar presente nas elites e, portanto, não ser novidade, o escudo e o capacete são uma inovação (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 85).

Tal como as armas, os objetos de adorno também fizeram parte dos elementos de prestígio das elites. As fíbulas, broches e cinturões, por exemplo, terão criado novas tendências quanto ao vestuário e na forma de apresentação à sociedade, que posteriormente criou novas técnicas de fiação e tecidos, explicando assim as mudanças paralelas na tipologia de teares (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 85). De igual modo as pinças e lâminas de barbear indicam novos penteados e maneiras de barbear que estariam de acordo com as roupas usadas (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 85; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1998a: 282; VILAÇA, 2012: 21).

Porém, os elementos mais difíceis de explicar serão os pentes e principalmente os espelhos, estes últimos que ainda não foram encontrados, antes da Idade do Ferro, em Portugal, sendo o único testemunho da sua presença as estelas, como se verifica no monólito de S. Martinho, Castelo Branco, ou na estela de Ervidel, Beja (VILAÇA, 2007a: 150), pois para além do papel funcional, segundo Almagro-Gorbea (1998: 85), deveriam também ter um carácter ritual e mágico intrínseco, que terá perdurado muito tempo, tal como os diversos tipos de pendentos orientais, cujas formas e significados, provavelmente, seriam o espelho de novas crenças religiosas.

Assim, todos estes elementos suscitaram o interesse das elites sociais como meio de realçar a sua importância, acabando por converter os referidos elementos em símbolos

de poder social, o que explica a difusão das suas representações nas estelas encontradas ao longo da Península Ibérica e do Sul de França (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 85). Criou-se, portanto, um processo de “globalização arcaica”, constituído por rotas inter e trans-regionais, desde o Mediterrâneo oriental, até à Península Ibérica, Ilhas Britânicas e até ao Báltico, como se pode comprovar com a descoberta de sucinite (âmbar Báltico), em Baiões, na Moreirinha (Idanha-a-Nova) e Pragança (VILAÇA *et al.*, 2002: 72-74; 2008: 376; 2012: 20; PEÑALVER *et al.*, 2018: 284).

A Península Ibérica serviria também de ponto de partida e local onde vários caminhos convergiam, fazendo dela um dos centros entre duas das mais dinâmicas regiões da altura, o Atlântico e o Mediterrâneo (VILAÇA, 2007a:141; 2012: 14), mas não terá sido por acaso que se tornou o centro dos contactos. O fenómeno ter-se-á devido à riqueza, diversidade e complementaridade da Península, isto é, à abundância de metais como o cobre (encontrado no Centro, mas principalmente no Sul), o estanho (encontrado no Noroeste, Beira Interior e Extremadura Espanhola) e o ouro aluvial (explorado nas bacias hidrográficas do Tejo e do Douro) (VILAÇA, 2012: 14).

Estes recursos, apesar de estarem no interior da Península, seriam de relativamente fácil acesso, pois na altura os grandes rios como o Guadiana, o Sado, o Tejo, o Mondego, o Vouga e o Douro seriam navegáveis por muitos quilómetros e alguns teriam paleo-estuários fundos, resultando num caminho entre o interior e o Atlântico, reforçando a importância de rotas mistas, tanto marítimas, como fluviais e terrestres (ARRUDA e VILAÇA, 2006: 32; VILAÇA, 2012: 14).

Criou-se então uma vantagem com dupla face para as comunidades locais, que ganhariam poder e riqueza diretamente pelo controlo do território rico em minerais e/ou devido ao interesse de alóctones em novas riquezas, e que por sua vez resultava em novos contactos, mais conhecimento e mais riqueza, fazendo, socioeconomicamente, da zona central da Península Ibérica (entre o Douro e o Tejo) uma das mais dinâmicas, revelando produções locais, exportações, importações e imitações (COFFYN, 1985: 267; CARDOSO, 2004: 177-181, 190-192, 198-201 e 207-226; VILAÇA, 2012: 14).

Contudo, esta dispersão de contactos suscita alguns problemas, pois, apesar de se conseguir compreender a difusão de algumas tipologias de artefactos, as suas funções e ideias que estes materializam, muitas vezes não se consegue compreender se têm uma origem mediterrânica ou atlântica (VILAÇA, 2012: 20).

Esta dispersão, como Vilaça (2012: 18) refere, “significou o contacto, a partilha, a transferência, a transformação e a recontextualização, isto é, interação cultural”, tornando difícil, e de certa maneira incorreto, tentar atribuir apenas uma influência/cultura a uma tipologia (VILAÇA, 2008: 372 e 373; 2012: 20). A única conclusão que se pode retirar quanto à origem das influências é que revolvem em torno de um muito importante eixo, o metal, cuja relevância provém de quatro fatores chave: durabilidade, portabilidade, mutabilidade e capacidade de armazenamento (VILAÇA, 2012: 20).

Não obstante, um fator crucial para as sociedades da Idade do Bronze Final foram os rituais de comensalidade. Estes eventos, em suma, seriam constituídos por uma refeição (banquete) solene, de participação supra-familiar, utilizando a necessidade de alimentação como mecanismo para atingir uma variedade de objetivos sociopolíticos, como a realização de assembleias sazonais, a criação de alianças, o aumento de rivalidades, a realização de casamentos, a organização de uma força de trabalho e de preparativos para ações bélicas, envolvendo também aspetos como a ostentação de classe, a criação de exclusividades/inclusividades e, muito importante, a hospitalidade, podendo também ser realizados rituais fúnebres durante estes eventos (ARMADA PITA, 2005a: 61; LEONARD, 2014a: 38; ARMADA PITA e VILAÇA, 2016: 140).

O carácter político e potencialmente competitivo do banquete estaria diretamente ligado com uma obrigação recíproca por parte da população, isto é, o anfitrião, ao organizar o banquete, não está apenas a fornecer comida para a reunião da população, mas a subordinar a mesma, que entra assim numa obrigação recíproca, ficando, portanto, endividada em relação ao anfitrião e tornando-se inferior a este até ser soldada a dívida (LEONARD, 2014a: 38). Para tal ser bem-sucedido, o anfitrião terá que garantir que os convidados sintam que a sua participação no banquete vale a obrigação recíproca imposta, seja através de uma boa rede de contactos, de comidas ostentosas ou através de exibições rituais (LEONARD, 2014a: 38).

Sendo assim, os ditos “rituais de comensalidade” não se resumem apenas à comida e à bebida, têm também uma forte componente ritual e mágica, nalguns casos até com um carácter sacrificial e conseqüentemente, uma relação com o retalhe e confeção da carne, podendo também ocorrer libações, lavagem cerimonial de mãos e pés, distribuição hierárquica de assentos, acompanhamento de canções e música ou quebra e deposição dos instrumentos utilizados na cerimónia (ARMADA PITA, 2005a: 61).

Portanto, os objetos utilizados teriam também cada um o seu significado e função. No que toca aos objetos de banquete referentes ao Bronze Final Peninsular há cinco tipos de objetos metálicos que lhe podem ser associados, sendo estes também o principal testemunho material para este tipo de prática: caldeirões, fúrculas, espetos, taças e suportes (ARMADA PITA, 2011: 159; ARMADA PITA e VILAÇA, 2016: 128). A estes pode-se ainda acrescentar os primeiros objetos de ferro que segundo Almagro-Gorbea poderão estar ligados à matança de animais e/ou ao comer da carne (ALMAGRO-GORBEA, 1998: 86; ARMADA PITA, 2011: 159).

Quanto à sua função, os caldeirões, segundo alguns autores, serviriam apenas como objeto de ostentação, apenas para serem vistos, sem qualquer outra aplicabilidade, para outros autores serviriam para conter bebidas alcoólicas ou drogas, dando assim uma explicação às lendas Celtas que afirmam que os caldeirões eram objetos mágicos com incrível poder (ARMADA PITA, 2008: 143-1471 e 152; ARMADA PITA, 2011: 168). Contudo, para a generalidade dos autores estes artefactos teriam como função principal a confeção da carne, assim como os espetos e as fúrculas (ARMADA PITA, 2008: 152-153; ARMADA PITA, 2011: 168).

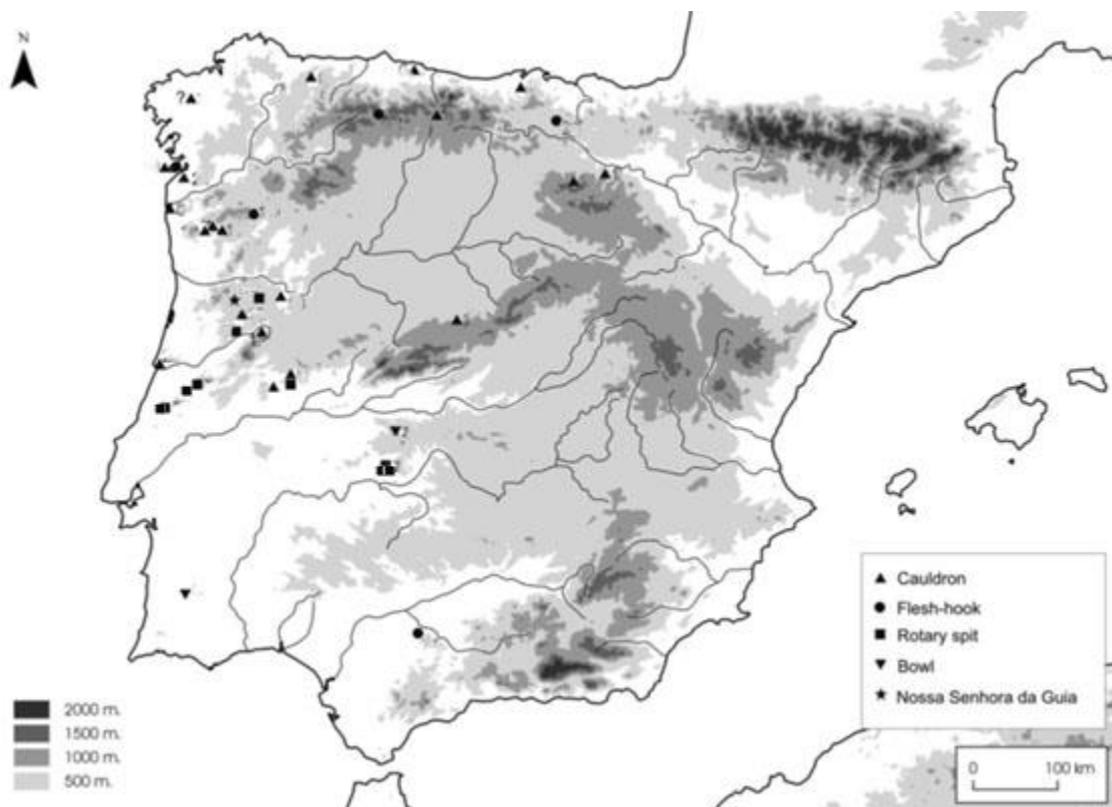


Figura 1. Distribuição de Metais de Banquete do Bronze Final na Península Ibérica. Figura adaptada de Armada Pita, 2011: 161.

Para atestar esta última hipótese, em pelo menos sete ocasiões as fúrculas estão diretamente ligadas aos caldeirões, servindo para retirar a carne cozida, e como exemplo pode-se referir o sítio arqueológico do Castro dos Ratinhos (Moura) onde foi encontrada uma tíbia de ovelha que na sua parte distal contém um orifício profundo quadrangular e que poderá ser originário de um objeto perfurador de secção quadrada ou retangular, que penetrou com força na cavidade medular, como uma fúrcula ou um espeto (LETTOW-VORBECK & GARCÍA GARCÍA, 2010: 330-332; ARMADA PITA & VILAÇA, 2016: 144).

Ao analisar os contextos em que foram encontrados os objetos metálicos verificamos que alguns dos rituais de comensalidade tinham lugar em ambientes segregados ou privados, como no castro de Chao Samartín (Grandas de Salime, Asturias), que poderia ser de elevado significado político, com, provavelmente, uma componente de ostentação, dando ao ritual um carácter público e privado (ARMADA PITA, 2011: 171). Noutros contextos, o secretismo e a privacidade são mais aprofundados, havendo também elementos de conotação mágica e esotérica, como no assentamento de Santinha (Amares, Braga) (ARMADA PITA, 2011: 171).

Por outro lado, em povoados de altura situados em lugares centrais estratégicos das rotas comerciais da Idade do Bronze Final, as elites conseguiriam demonstrar as suas habilidades para monopolizar os bens de prestígio de origem Mediterrânea, tendo também uma função de ostentação e competição pública, criando assim um contexto sociopolítico que favorecia a exibição e o sobreconsumo, que se refletiria nos objetos de bronze utilizados nos banquetes (ARMADA PITA, 2011:172).

No geral, na Península Ibérica estes artefactos de bronze estão concentrados na zona atlântica, nomeadamente no Centro-Norte, assim como na Galiza, Astúrias, Cantábria e em alguns sítios no interior (figura 1) (ARMADA PITA, 2011: 169). Se observarmos esta distribuição, a nível tipológico verificamos que existe uma concentração de caldeirões e fúrculas no Norte da Península e os espetos no Sul, havendo uma coexistência no Centro de Portugal, o que demonstra, segundo alguns autores, a existência de dois tipos de consumo e portanto dois códigos simbólicos, que não seriam diferentes mas diferenciados: no Norte o consumo de carne cozida e no Sul o consumo de carne assada, fazendo do Centro de Portugal o conector das duas regiões (RUIZ-GÁLVEZ 1998b: 110; ARMADA PITA, 2011: 169).

O sistema de valores aqui discutidos, associados à guerra e à comensalidade, estão presentes em toda a zona atlântica, provando, através dos rituais de comensalidade, que o estudo da Idade do Bronze Atlântico não pode ser meramente estudado a partir de tipologias comuns entre objetos metálicos, nem pode ser abordado como uma cultura (ARMADA PITA, 2011: 175), como explicitado anteriormente.

A partir do século VIII a.C. este sistema de valores sofreu várias alterações e eventualmente desapareceu, principalmente devido à consolidação da presença Fenícia na zona atlântica (ARMADA PITA, 2011: 176). Porém cada região reagiu de sua maneira. No Sul houve uma tendência para a “orientalização” e para a consolidação de desigualdades, e no Norte aumentou o isolamento das comunidades que não diminuirá até à Idade do Ferro II, sendo possível encontrar novas evidências ligadas a práticas de comensalidade e materialidades, muito diferentes das do Bronze Final (ARMADA PITA, 2011: 176).

A mudança do II para o I milénio a.C. é então caracterizada por uma mudança profunda quanto à diversidade cultural, que passa a ser heterogénea, regional ou até “micro-regional”, e que se prolonga durante o restante Bronze Final (VILAÇA, 2007a: 151; 2012: 13). Esta mudança é resultado de, por um lado contactos e estímulos (rejeitados ou aceites) de várias fontes, escolhas, práticas e/ou ações subjacentes às materialidades encontradas e por encontrar (VILAÇA, 2012: 13), e por outro lado, pela variedade de contextos geográficos e pela escassez e estado decaído dos dados arqueológicos existentes (BETTENCOURT, 1995: 110).

Sendo assim, é insensato abordar esta época de forma geral, global, ou dentro de uma cronologia fixa, pois cada região tem as suas próprias características e a sua própria baliza cronológica. Portanto, a caracterização da Idade do Bronze Final em Portugal será dividida por região Norte (do Minho ao Douro), Centro (do Douro ao Tejo) e Sul (para lá do Tejo).

3.1. No Norte de Portugal

Devido a vários contactos e influências, a região (figura 2), na mudança do II para o I milénio a.C., diversificou-se no que toca às estratégias de povoamento, com fortes indicadores de estabilidade territorial, provavelmente relacionada com intensificação económica e sociopolítica, estas que por seu lado foram motivadas por uma produção agrícola, crescente e excendentária, derivada da especialização do bronze, pelo

desenvolvimento de processos de interação social suprarregional, pelo reaparecimento de povoados fortificados e pela evolução de fenómenos de entesouramento (BETTENCOURT, 1995: 112). Muito provavelmente algumas comunidades teriam um povoamento hierarquizado, com processos de interação socioeconómica internos (BETTENCOURT, 1995: 112).

As estratégias de povoamento do Norte português foram organizadas em várias categorias: sobre pequenas colinas no vale, em esporões de média altitude, em colinas de baixa altitude, em planaltos serranos e em abrigos graníticos em áreas serranas e com

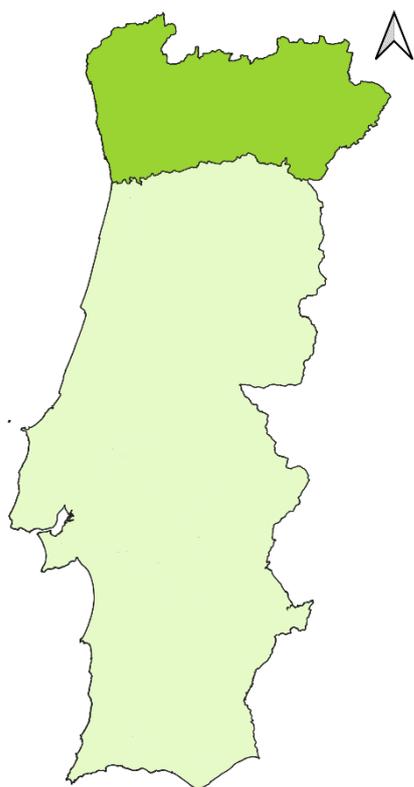


Figura 2. Norte de Portugal.

pequenas plataformas (BETTENCOURT, 2013: 159-160). Os povoados de média altura, apesar de não terem sofrido escavações em área, forneceram dados suficientes para saber que estes seriam construídos a partir de materiais perecíveis, tendo as estruturas habitacionais pisos em argila compactada ou terra batida, delimitados por buracos de poste ou alinhamentos de pedras (BETTENCOURT, 2013: 160).

Por outro lado, os povoados implantados em planaltos ou em colinas nos seios de vales apresentam inúmeras fossas abertas no substrato rochoso, por vezes associados a buracos de poste, indicando que estas estariam no interior de estruturas cobertas (BETTENCOURT, 2013: 160).

Nalguns casos, como por exemplo o sítio do Pego (Braga) ou da Santinha (Amares), os povoados eram delimitados por paliçadas ou por muros de contenção de terras, criando terraços artificiais nas vertentes (BETTENCOURT, 2013: 160). Nos casos dos povoados de média altura localizados junto ao litoral, como o do Coto da Pena (Caminha), é de referir a petrificação das cabanas e uma muralha de pedra, muito provavelmente devido a possíveis contactos exógenos por via marítima (BETTENCOURT, 2013: 160).

Outro caso de realce é o do povoado do Alto de Santa Ana (Chaves), localizado na bacia do Tâmega, que foi igualmente rodeado por uma muralha de pedra, talvez devido

à sua posição estratégica de controlo da atividade mineira de estanho⁵ e de controlo de um importante corredor de circulação e de contactos entre o Mundo Atlântico e o Meridional (BETTENCOURT, 2013: 160).

Tendo isto em conta, segundo Bettencourt (2013: 161), existiria uma hierarquização do povoamento, no sentido em que as populações dos variados tipos de povoado estariam ligadas através de uma rede de interações complexas, em que os povoados de média altura nas vertentes dos vales e sem presença de fossas, devido principalmente à sua localização em zonas de passagem entre o vale os planaltos, seriam os principais pontos de referência do território. As restantes tipologias de povoado seriam para onde parte da população se deslocaria em determinadas épocas do ano, devido principalmente às diversas atividades de subsistência, explicando deste modo a sobreposição e remodelação de fossas apresentadas nalguns povoados, como nos sítios da Santinha I e II (Amares) (BETTENCOURT, 2013: 161).

As estratégias de povoamento possibilitaram a análise da ocupação do território por parte das comunidades e os seus efeitos na exploração dos diferentes recursos (BETTENCOURT, 2013: 162). Posto isto, os resultados de análises polínicas, carpológicas e antracológicas reportaram um aumento da antropização no Bronze Final, com consequente degradação do bosque e substituição deste pelo mato e plantas sinantrópicas, devido principalmente à atividade agropastoril, entre outros (BETTENCOURT, 2013: 162).

Em termos agrícolas, terá sido desenvolvido o cultivo de cereais de primavera/verão e de inverno, como o milho miúdo, trigo e centeio, assim como de leguminosas, como ervilhas e favas, e no que toca à pecuária, desenvolveu-se a criação de gado bovino, suíno, caprino e ovino (BETTENCOURT, 2013: 162). O cultivo destas espécies vegetais terá resultado numa considerável estratégia contra a fome e face a problemas com as colheitas durante o inverno, pois as diferentes espécies cultivadas necessitariam de diferentes solos com diferentes condições de humidade e de exposição solar, permitindo às comunidades realizar uma exploração de maior intensidade do território, e deste modo estimular fenómenos de territorialização e consequentes materializações (BETTENCOURT, 2013: 162).

⁵ A bacia do Tâmega seria rica em estanho (BETTENCOURT, 2013: 160).

Como já foi referido, a exploração mineira, principalmente de estanho, teria uma elevada importância para as comunidades do Bronze Final. Efetivamente, a extração do estanho ter-se-á acentuado nesta época, aumentando também a produção de metais em bronze que fomentariam também a sua circulação e o aumento de contactos, não só com regiões ricas em cobre da Península Ibérica (para produzir a liga de bronze) como o sudoeste peninsular ou a região das Astúrias, mas também com outras populações que aportassem no litoral, como os Fenícios (BETTENCOURT, 2013: 162). Por outro lado, é de notar a produção e circulação de artefactos de influência atlântica e Mediterrânea que revelam do mesmo modo a circulação de bens e de contactos (BETTENCOURT, 2013: 162).

Posto isto, segundo Bettencourt (2013: 162) no registo arqueológico denota-se a produção de novos objetos metálicos, que por norma se individualizam em diferentes categorias como armas (espadas, punhais, pontas de lança), utensílios (machados, foices, fúrculas) e objetos de adorno (braceletes, fíbulas), e que refletem a utilização de novas tecnologias, ideologias, rituais, entre outros (BETTENCOURT, 2013: 162).

Deste modo conseguimos averiguar que o Bronze Final no Norte de Portugal terá sido uma época de mudança contínua, pautada fortemente pelos contactos e influências supra-regionais, nomeadamente com o Mundo Atlântico e o Mediterrâneo. Aliás, como iremos verificar, este fenómeno acontecerá nas restantes regiões, variando o grau e origem das influências.

3.2. No Centro e Estremadura de Portugal

O Centro de Portugal na Idade do Bronze Final, segundo Senna-Martinez (2007: 26-29) teria como alicerce um sistema de “Wealth Finance”, a nível de complexidade sociocultural, pois, de um modo geral, estas comunidades não parecem ter ultrapassado limiares de acumulação e crescimento, tendo em conta a subsistência, logo dependiam fortemente de redes de troca.

Podemos dividir o Centro do país em três regiões: a Beira Interior, Beira Litoral (figura 3) e a Estremadura. A Beira Interior enquadrar-se-ia numa “globalização arcaica” que se manifestou através da abertura e interação entre comunidades (por meio da manipulação de artefactos similares e de práticas culturais idênticas) a uma macro-escala inter e trans-regional de longo alcance, devido principalmente aos metais (a sua obtenção, produção, manipulação, uso, reciclagem e/ou deposição) e à sua aplicação como veículo

de fortalecimento e consolidação de contactos culturais pois este é acumulável, convertível, transportável e perene (VILAÇA, 2013: 191-192).

Sendo a Beira Interior uma região geograficamente vasta (desde o Douro ao Tejo), esta apresenta várias geografias e geomorfologias, desde montanhas a planuras, incluindo “inselbergs”, que terão funcionado como pontos de referência territorial, identitária e sagrada (VILAÇA, 2013: 193-194), como o monte de São Martinho, que será abordado mais à frente. A este fator junta-se a riqueza quantitativa e qualitativa, da região a nível

de recursos minerais metálicos (principalmente o ouro e o estanho, e a menor grau o cobre), que se tornaram catalisadores estratégicos de contactos entre o Ocidente e o Oriente (VILAÇA, 2013: 194).

A região, no Bronze Final, terá representado a área de trânsito principal entre o Centro/Sul e o Norte de Portugal e a Meseta Norte e como resultado cresceu uma rede de sítios de habitat com excelentes posições defensivas que lhes permitiu controlar os pontos e as áreas de passagem, principalmente na Beira Alta (SENNA-MARTINEZ, 1995: 118).

Tal como no Norte de Portugal, verificou-se a existência de uma hierarquia habitacional, onde existem locais centrais, com implantações defensivas, complementados por locais secundários, porém, em certas regiões da Beira Interior os de cariz secundário são escassos ou

mesmo inexistentes (pelo que se conhece) (SENNA-MARTINEZ, 1995: 118; VILAÇA, 2013: 197).

Os primeiros poderiam ser “de montanha” (de altura) e teriam um domínio de curto, médio e longo alcance sobre a paisagem envolvente, controlando “portelas”, vias de passagem de pessoas e de animais, como por exemplo os sítios arqueológicos de Alegrios (Idanha-a-Nova) e do Castro do Cabeço Redondo de Gouveia (SENNA-MARTINEZ, 1995: 119; VILAÇA, 2013: 197).

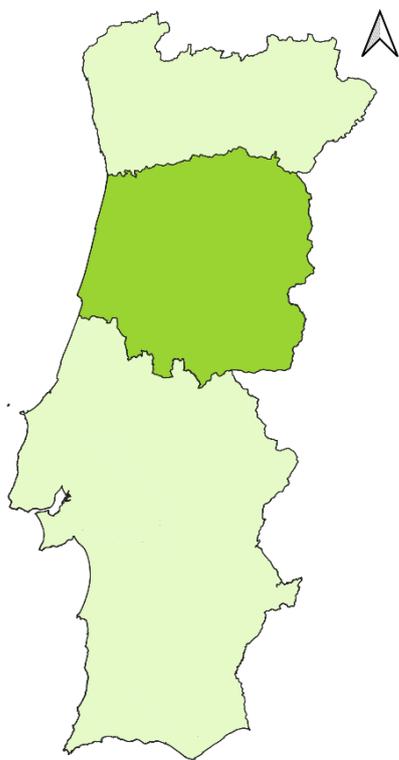


Figura 3. Centro de Portugal.

Podiam também ser implantados em relevos destacados das superfícies em que se inserem, tendo um controlo sobre a paisagem e vias de passagem de curto e médio alcance, como os sítios de Senhora da Guia (Viseu), Santa Luzia (Viseu), Senhora do Castelo (Mangualde) e Senhora do Bom Sucesso (Mangualde), e por fim poderiam ser sítios encaixados nos vales dos rios importantes, como os sítios de Outeiro dos Castelos (Viseu) e do Castro de São Cosme (Oliveira do Hospital) conseguindo, deste modo, controlar fortemente pontos de travessia tradicionais, como vaus (SENNA-MARTINEZ, 1995: 119).

Os de cariz secundário seriam sítios de menores dimensões, por vezes localizados em pontos elevados, que poderiam funcionar como atalhias dos primeiros, como por exemplo o sítio do Cabeço do Cucão (Viseu) em relação ao Outeiro dos Castelos (Viseu) e o da Penha do Vieiro (Oliveira do Hospital) em relação ao Castro de São Cosme (Oliveira do Hospital) (SENNA-MARTINEZ, 1995: 119). Por outro lado, poderiam também funcionar como sítios destinados a atividades complementares dos de maior dimensão, por vezes com padrões de estabelecimento intermitente, como o sítio arqueológico da Malcata (Viseu) em relação, novamente, ao Outeiro dos Castelos (Viseu) (SENNA-MARTINEZ, 1995: 119).

Com a descoberta de artefactos metálicos nos sítios de maiores dimensões (nomeadamente nos Castros da Senhora da Guia e de Santa Luzia, em Viseu), alguns de aspeto “fresco”, e outros que foram utilizados, como machados de talão bifaciais e de duplo anel, unifaciais e de um só anel, foices de alvado de tipo irlandês e “fíbulas de enrolamento em arco”, associados a moldes de fundição ou aos seus fragmentos, como escórias e pingos de fundição, teorizou-se um conjunto identificativo desta região, o “mundo de Baiões/Santa Luzia” (SENNA-MARTINEZ, 1995: 119).

Contudo como explica Vilaça (2020: 308-309), grande parte dos pontos utilizados para corroborar esta hipótese, como a existência de lugares centrais e lugares “secundários” e a produção local e doméstica de cerâmica e metalurgia, por exemplo, também se aplicam a regiões distintas, como poderemos verificar ao longo deste capítulo.

Independentemente, não se pode afirmar que o trabalho do metal era exclusivo dos povoados de grandes dimensões, na Beira Interior, pois a ausência de evidências nos habitats secundários não indica a inexistência destas, visto que estes habitats raramente ou mesmo nunca foram sujeitos a trabalhos e escavações sistemáticas. Aliás, no Baixo Tejo foram encontrados elementos pertencentes ao ciclo da metalurgia do bronze, como

cadinhos, escórias, algaravizes, moldes e até artefactos, em casais agrícolas (VILAÇA, 2013: 201-202).

Tendo isto em conta, o mais importante conjunto de achados do Bronze Final, até agora encontrado, é sem dúvida o proveniente do depósito de fundador de Senhora da Guia de Baiões (Viseu), que levanta grandes questões, principalmente devido às suas influências pois apresenta materiais de origem atlântica, e materiais de origem Mediterrânica como os carros votivos, demonstrando uma grande complexidade sociocultural das populações do Bronze Final no Centro de Portugal (SENNA-MARTINEZ, 1995: 121).

A presença dos artefactos de origem atlântica indica que a região tinha uma elevada importância na rede atlântica de comércio de metais e outros produtos, o que, devido ao controlo da produção e circulação dos metais e artefactos a partir deles produzidos, possibilitou o surgimento de elites locais, que utilizariam os mesmos para reafirmar a sua posição, como se irá abordar mais adiante (SENNA-MARTINEZ, 1995: 121). Através destes artefactos consegue-se também identificar atividades de índole ritual, mais excecional, fundamentais para a estruturação social, como os banquetes (VILAÇA, 2013: 205-206), em que se inserem os objetos de estudo deste trabalho (os espetos de Baiões, Alvaiázere e Cachouça), todos provenientes da região centro.

Dentro do contexto ritual é de salientar o sítio arqueológico do Monte de São Martinho (Castelo Branco), em que foram encontrados vários fragmentos de caldeirão, três estelas e um menir, e que tem uma elevada dimensão sagrada, que provavelmente funcionaria como elemento integrador e central para a comunidade, fomentando e enraizando a identidade e permanecendo na memória por meio de ações simbólicas e de rituais (VILAÇA, 2013: 207).

Como já foi referido, no Bronze Final, as comunidades autóctones beneficiaram de estímulos de duas fortes componentes culturais: uma europeia, seja de origem continental ou atlântica, e outra mediterrânica oriental (GOMES, 1995: 130).

Estes estímulos estão representados em estelas, contendo diferentes motivos, podendo estas ter um cariz “básico”, ou seja, sem figuração humana mas sim com a trilogia escudo-espada-lança, juntando-se por vezes outras armas, como o capacete ou objetos de adorno pessoal e de tratamento do corpo, como espelhos, fíbulas, pentes e pinças, ou então eram mais complexas, como no caso das estelas de São Martinho em que são retratados antropomorfos, empunhando uma arma e objetos de adorno à sua volta ou

mesmo na figura antropomórfica, afirmando talvez a existência de santuários ou sistemas de chefia divinizados com uma eventual transmissão hereditária de funções (GOMES, 1995: 130; VILAÇA, 2013: 209-212).

Estas encontram-se associadas a lugares bastante díspares, em vales ou montanhas, zonas de passagem, áreas de fronteira ou lugares de congregação, fazendo das estelas e estátuas-menires do Bronze Final sinais de poder projetados no espaço, fornecendo várias leituras interpretativas possíveis (VILAÇA, 2013: 209). As estelas representam, portanto, uma exibição de celebração de poder e ideologia através, principalmente, do simbolismo guerreiro (armas omnipresentes) e dos objetos de adorno e transformação do corpo da figura humana, implícita ou explicitamente representada (VILAÇA, 2013: 213).

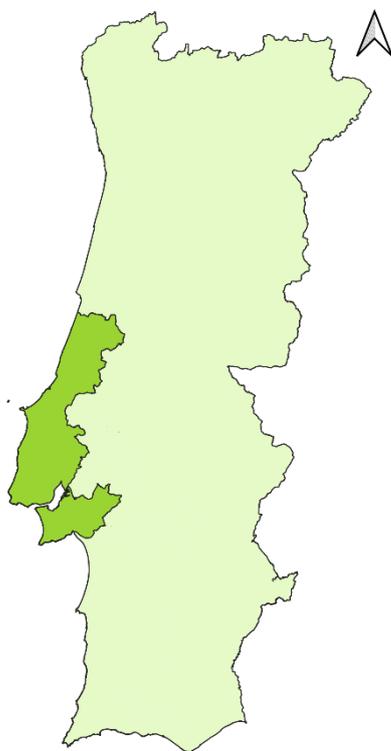


Figura 4. Estremadura portuguesa.

A Estremadura (distritos de Leiria, Lisboa e Setúbal) (figura 4) no Bronze Final produz uma imagem semelhante em termos de organização habitacional, existindo povoados de altura e casais rurais (CARDOSO, 1999: 373-375; VILAÇA & CARDOSO, 2017: 241). Dos primeiros fazem parte o povoado situado na colina do Castelo de São Jorge, em Lisboa, o do Penedo de Lexim e o do Cabeço de Moinhos, em Mafra, e o do Castelo dos Mouros, em Sintra, que proporcionaram a emergência de elites e de centros de poder económico, político e social (CARDOSO, 1999: 375).

Dos segundos enquadra-se por exemplo o sítio da Tapada da Ajuda, em Lisboa e o da Quinta do Percevejo, em Almada e é nestes sítios arqueológicos que diverge grandemente o Bronze Final da Beira Interior do da Estremadura, no sentido em que, devido às condições que o possibilitam, se assistiu à multiplicação de núcleos de carácter familiar, ou pequenos povoados abertos que se dedicariam à exploração agrícola e pastoril, extensa e intensivamente, o que não significa que a economia da Estremadura tivesse um foco na agricultura (o foco seria no comércio do metal, havendo também

indícios de uma grande recolha e comércio de sal, no estuário do Tejo) (CARDOSO, 1999: 373-375 e 383-385; VILAÇA & CARDOSO, 2017: 241-242 e 261-262), mas já não teriam a economia de *Wealth finance* tão acentuada como na Beira Interior.

Os estudos realizados na Tapada da Ajuda (Lisboa) e na Quinta do Percevejo (Lisboa) indicam que haveria um potencial de produção, principalmente de trigo, de excedente, ou seja, ultrapassaria grandemente as necessidades de consumo da comunidade, o que fortalece a hipótese da hierarquia de povoamento (CARDOSO, 1999: 375).

A Estremadura, assim como o Baixo Mondego, teve também um papel importante no Bronze Final, pois foi transformada num nó de circulação para o contacto com as áreas de produção metálica na Beira Interior, e para o Interior do país em geral, explicando assim a presença de artefactos de influência orientalizante (SENNA-MARTINEZ, 2007: 28; VILAÇA & CARDOSO, 2017: 274). Evidências desta comunicação, na Estremadura, encontram-se através da extensão de cerâmicas estremenhas de ornatos brunidos ao longo do Tejo, cruzando-se com a rota do estanho (CARDOSO, 1999: 381). A Estremadura funcionaria então como “entroncamento” do comércio trans-regional da metalurgia do bronze e comercialização dos produtos manufaturados e das matérias-primas vindos do Interior, havendo também alguns produzidos na região (CARDOSO, 1999: 383; VILAÇA & CARDOSO, 2017: 274).

A capacidade económica deste território, adquirida principalmente através da obtenção, armazenamento e manufatura de metais oriundos do Interior de Portugal e até certo ponto de outras zonas da Península Ibérica e da Europa, assim como a sua posição e características geográficas, possibilitou a abertura aos mercados mediterrânicos dos produtos excedentes ou mais rentáveis em comércios de maior escala, explicando deste modo a forte presença de elementos orientalizantes numa época “pré-colonial” (CARDOSO, 1999: 397; VILAÇA & CARDOSO, 2017: 274). Comércio este controlado pelas elites, que detinham uma faceta guerreira sobretudo dissuasora, pois o nível bélico no Bronze Final seria relativamente baixo, como se pode confirmar devido aos produtos que eram comercializados, sendo estes essencialmente de luxo, como fíbulas de cotovelo de modelo cipriota, armas e objetos rituais, e até algumas peças de ferro, por exemplo (CARDOSO, 1999: 397).

3.3. No Sul de Portugal

O Bronze Final, no Alentejo (figura 5), apresenta os primeiros sinais da região para a existência de povoados de altura fortificados, havendo o uso do sistema defensivo “pedras fincadas” também chamado de “cavalos de frisa” (PARREIRA, 1995: 132; MATALOTO, 2013: 225; VILAÇA, 2014: 104). Devido às características geográficas da região, as comunidades do Bronze Final alentejano foram organizadas em cinco tipos de povoado: de cumeada, grandes povoados fortificados, de altura, pequenos povoados e de planície (SOARES, 2005: 136; MATALOTO, 2013: 225; VILAÇA, 2014: 104 e 105).

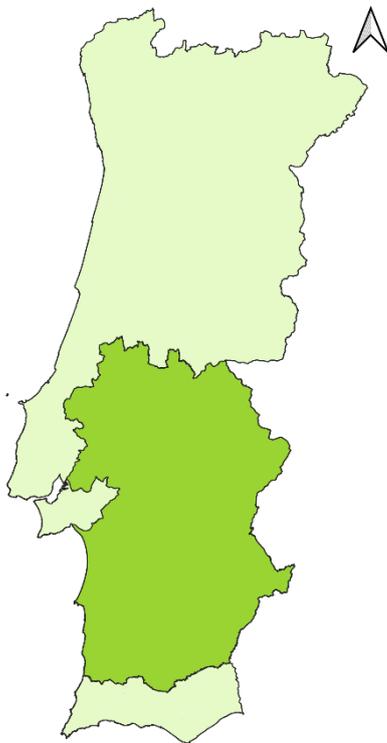


Figura 5. Alentejo.

Os povoados de cumeada (como os sítios arqueológicos de Evoramonte, em Estremoz, Castelo Velho na serra d’Ossa, Serra Murada, na Serra de Portel, e Outeiro do Circo, em Beja), têm a peculiaridade de se encontrarem longe do rio Guadiana, nomeadamente em montes da planície alentejana, adquirindo uma posição vantajosa de destaque, chegando a deter uma extensão de dezenas de hectares (MATALOTO, 2013: 225; VILAÇA, 2014: 105). Tal como no resto do país a posição estratégica destes sítios na paisagem, de controlo de vias e transitabilidades, confere-lhes um poder central na estruturação do povoamento da região, porém, ao contrário dos grandes povoados, nem todos parecem apresentar um sistema de defesa, apenas de contenção, (MATALOTO, 2013: 227).

Em escavações efetuadas em Evoramonte (Estremoz) e Castelo Velho (Serra d’Ossa), verificaram-se zonas de presença de materiais arqueológicos frequentes e zonas escassas em materiais arqueológicos, o que, juntamente com o tamanho dos povoados, leva a acreditar que estes teriam amplas áreas intensamente ocupadas, podendo, o povoado, chegar às centenas ou até milhares de habitantes e outras áreas não ocupadas, provavelmente utilizadas para a criação e aprisco de rebanho (MATALOTO, 2013: 227). Por outro lado, o estudo das estruturas habitacionais de alguns povoados, que se

apresentam muito sobrepostas e feitas de materiais perecíveis parecem indicar uma certa sazonalidade de habitação do povoado (MATALOTO, 2013: 230).

Os sítios de altura (como por exemplo os sítios arqueológicos do Alto do Castelinho da Serra, Castelo do Giraldo, Coroa do Frade e Arraiolos, em Évora) são os que estão implantados em zonas elevadas de destaque como cumes aplanados de grandes relevos perto de corredores de passagem e próximos de boas áreas agrícolas, não apresentando grandes dimensões (entre um e dois hectares) e que talvez não seriam fortificados (SOARES, 2005: 136; MATALOTO, 2013: 237 e 239; VILAÇA, 2014: 104).

Os grandes povoados fortificados, como por exemplo os sítios arqueológicos de Castro dos Ratinhos (Moura), Crespa e Passo Alto (Serpa), têm por norma uma extensão entre quatro e seis hectares, implantando-se no eixo do Guadiana ou dos seus afluentes, apresentando sofisticados sistemas defensivos, como fossos, taludes, ou cavalos de frisa, como já foi referido (SOARES, 2005: 136; VILAÇA, 2014: 104).

Os pequenos povoados, como o de Castelos de São Brás I (Serpa), são povoados, geralmente com menos de um hectare, mas com um sistema de fortificação em áreas de boa capacidade agrícola (SOARES, 2005: 136; VILAÇA, 2014: 104).

Os povoados de planície (como a Horta do Albardão 3, o Monte da Cabida 3 e o Casarão da Mesquita 3 e 4, em Évora) não teriam condições naturais de defesa e seriam principalmente constituídos por casais agrícolas, como o nome indica, implantados na planície (SOARES, 2005: 136; MATALOTO, 2013: 240; VILAÇA, 2014: 104).

Estes têm vindo a ser cada vez mais documentados, principalmente através do plano de rega do Alqueva, mostrando que em certas zonas há uma grande diversidade destes locais, e escavações revelaram várias estruturas em negativo que se pensa pertencer a silos destinados à armazenagem sazonal ou prolongada dos produtos das colheitas, estando provavelmente cereais na base da economia destes povoados (MATALOTO, 2013: 240-243). Foi atestada também a produção metalúrgica em alguns destes povoados (Casarão da Mesquita 3 e 4), relacionada por complementaridade com a produção agrícola, como a produção e reparação de objetos como machados planos, por exemplo (MATALOTO, 2013: 243).

Tal como nas restantes regiões de Portugal, os modelos de povoamento não se diferenciaram muito, tendo por base da hierarquia os casais agrícolas, especializados na agricultura e armazenamento, com algumas produções metalúrgicas de cariz familiar (MATALOTO, 2013: 258; VILAÇA, 2014: 106), isto é, os instrumentos não seriam

produzidos em massa e/ou para troca, mas sim para utilização própria. No topo da hierarquia estariam, então, os povoados de cumeada, sendo Outeiro do Circo (Beja) um bom exemplo, ou os sítios de altura pois estes teriam a capacidade de gerir as transitabilidades, podendo também ter um carácter simbólico inerente (MATALOTO, 2013: 257; VILAÇA, 2014: 106-109).

Possibilitavam a emergência de elites que controlariam a circulação de bens e de pessoas a nível regional e trans-regional, desenvolvendo assim sinergias regionais e inter-regionais e estimulando alianças intergrupais capazes de controlar os fluxos de circulação, sendo a maior exportação o cobre e o ouro, que existiria em abundância na região, permitindo às elites, devido à quantidade e à variedade tecnológica das comunidades do Alentejo, “iluminar” o seu corpo pelo brilho dos adornos (MATALOTO, 2013: 257; VILAÇA, 2014: 106-109). Porém, estes não eram autónomos, sendo muito dependentes dos sítios de planície, onde se produziam e armazenavam os bens alimentares e se trabalhava o metal, dando assim um certo poder aos “mais fracos” (VILAÇA, 2014: 108-109 e 113).

O estudo do Bronze Final na região algarvia (figura 6) é algo problemático, pois são poucos os sítios conhecidos com ocupação do Bronze Final, dos quais apenas uma fração foi sujeita a uma intervenção arqueológica (OLIVEIRA, 2013: 340). Para além disso, do material recolhido quase nenhum foi estudado, assim como os resultados das escavações (OLIVEIRA, 2013: 340).

De qualquer modo, denota-se uma hierarquização do povoamento através de dois tipos de povoado: os de altura e os povoados abertos (OLIVEIRA, 2013: 340). Dos primeiros fazem parte os povoados de Castro Marim (Castro Marim), implantado numa colina na margem esquerda do Guadiana, e de Tavira estabelecido estrategicamente na colina de Santa Maria sobranceira à foz do rio Gilão (OLIVEIRA, 2013: 340 e 343). Com estes dados denota-se uma intenção de ocupar um ponto estratégico com excelentes condições naturais de defesa e de domínio visual de um amplo território na foz do rio (OLIVEIRA, 2013: 340).

Os dados de povoados abertos são também escassos, correspondendo apenas ao povoado de Quinta da Queimada (Lagos) e Pontes de Marchil (Faro), cujos dados principais provêm do espólio recuperado, sendo que os resultados das escavações realizadas, na sua maioria, não estão publicados (OLIVEIRA, 2013: 346). Segundo Oliveira (2013: 351), a ocupação de espaços sobre as linhas de água mais importantes

constata um processo de concentração e acastelamento das populações, que se estenderia a todo o sudoeste peninsular, como podemos verificar com os grandes povoados fortificados do Alentejo.

A cultura material recuperada, apesar de também ser escassa, fornece algumas pistas quanto aos contactos das comunidades (OLIVEIRA, 2013: 352). A descoberta de um fragmento de espada e de uma lâmina de foice de “tipo Rocanes”, ambas encontradas em contexto aquático, talvez ritual, apontam para a existência de contactos com o Mundo Atlântico (OLIVEIRA, 2013: 352).

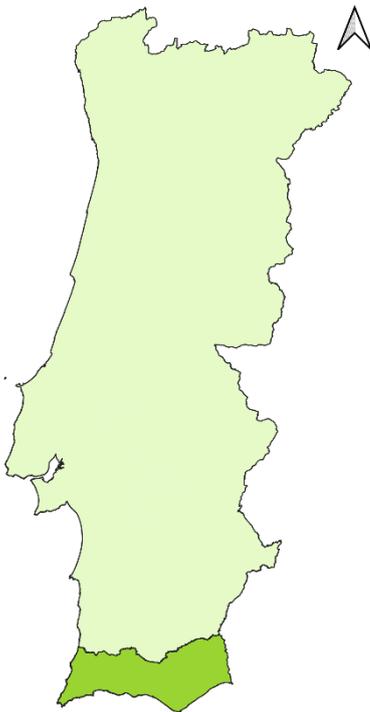


Figura 6. Algarve.

Por outro lado, a ocorrência de vários recipientes cerâmicos com motivos brunidos no interior remete para uma influência “Tartéssica” (OLIVEIRA, 2013: 352). Contudo, segundo Oliveira (2013: 352), é de estranhar a inexistência de qualquer vestígio de influência mediterrânica⁶, tendo em conta a sua proximidade com Huelva que rendeu importações fenícias, gregas e sardas datadas do século X / inícios do século IX a.C. (OLIVEIRA, 2013: 352).

Posto isto, as conclusões retiradas referentes ao Bronze Final algarvio são algo dúbias, devido principalmente à escassez de resultados publicados. Podemos então conjugar os dados que temos no sentido de afirmar que esta região se manteve na periferia dos eixos atlânticos e mediterrânicos que

operavam no espaço peninsular, devido principalmente à escassa presença de objetos de cariz supra-regional.

Porém, Oliveira (2013: 352) sustenta ainda que a falta de dados não prejudica de nenhum modo esta hipótese pois, no que diz respeito ao Bronze Médio e II Idade do Ferro, a região do Algarve está bastante bem documentada, indicando, portanto, que esta escassez não se reflete apenas devido às limitações da investigação arqueológica. De qualquer modo, mesmo não aceitando este último argumento, esta região, no decorrer do

⁶ As primeiras evidências de influência mediterrânica provêm da “colonização” fenícia, a partir do século VIII (OLIVEIRA, 2013: 351).

Bronze Final teria uma “muito fraca densidade populacional e um vazio ocupacional em muitas das áreas do território”, para as quais ainda não há uma explicação (OLIVEIRA, 2013: 352).

Como pudemos averiguar, as diferentes regiões do país, apesar de reterem algumas semelhanças, apresentam também diferentes contextos e diferentes padrões de desenvolvimento, devido principalmente à origem dos seus contactos e influências. Por outro lado, com estas noções do Bronze Final nas diferentes regiões do território português, será possível enquadrar as comunidades com os rituais de comensalidade e os objetos culturais neles utilizados, pois, como verificámos, as comunidades do Bronze Final têm uma grande afinidade com a produção metalúrgica, formando, com esta, extensas redes de contacto intra e inter-regionais.

Deste modo, as elites, ao controlarem pontos-chave nas rotas de troca ou na produção metalúrgica, ganhariam também poder e prestígio, incentivando a realização de rituais de comensalidade e a produção de objetos de prestígio utilizados naqueles. É importante enquadrar a cultura material no seu macro contexto regional e dar a perceber o que levou à existência e desenvolvimento da mesma, tendo em conta principalmente as influências exteriores às comunidades.

4. A relação das comunidades do Bronze Final com os animais

De modo a compreender o simbolismo e significado das figuras zoomórficas, assim como a razão da sua criação, há que ter em conta a relação das pessoas com os animais, isto é, perceber quais seriam os “termos” de convivência entre ambos.

Para tal, iremos então analisar os registos zooarqueológicos dos arqueossítios, do Norte, Centro e Sul de Portugal, relativos ao Bronze Final, assim como as estelas “guerreiro” que apresentam representações zoomórficas.

4.1. Estudos zooarqueológicos do Bronze Final português

Infelizmente, os registos zooarqueológicos do Bronze Final estão muito incompletos, no sentido em que são raros os sítios arqueológicos que os detenham. Isto deve-se principalmente a dois fatores: a falta de escavações arqueológicas de sítios do Bronze Final, como já pudemos averiguar, e aqueles que sofreram intervenções poucos dados faunísticos forneceram, talvez devido às metodologias de recolha em prática, assim como problemas tafonómicos inerentes ao território, como iremos aferir.

Começando pelo Norte de Portugal, os dados zooarqueológicos indicam-nos uma prática com base na pastorícia que assenta em ovicaprinos, bovinos e suínos, com a presença do cão (BETTENCOURT, 1999: 1235-36; 2000: 83; 2009: 92). A idade ao abate (foram recuperados na sua maioria indivíduos adultos), principalmente no caso de bovinos, indica que estes seriam aproveitados de modo intensivo, provavelmente para a produção de produtos secundários e/ou para a sua utilização como animais de transporte de carga (BETTENCOURT, 1999: 1236). Apesar de ser mencionada a atividade piscatória, assim como o consumo de moluscos (CARDOSO, 2002: 290; BETTENCOURT, 2009: 92), estranhamente, não há qualquer referência à existência de atividades cinegéticas, contudo, provavelmente, a carne de caça seria apreciada, mas de modo menos frequente.

No Centro do país, os dados faunísticos existentes provêm dos sítios arqueológicos da Moreirinha (Idanha-a-Nova), Alegrios (Idanha-a-Nova), Monte do Frade (Penamacor), Tapada da Ajuda (Lisboa), Moita da Ladra 2 (Vila Franca de Xira), Abrunheiro (Oeiras), Gruta do Medronhal (Condeixa-a-Nova), Roça do Casal do Meio (Sesimbra) e Cabeço do Mouro (Cascais) (CARDOSO, 1996: 161-162; 2002: 290-291; 2017: 18-21; VILAÇA & CUNHA, 2005; VILAÇA *et al.*, 2018).

Começando novamente pela Beira Interior, dos restos faunísticos que puderam ser recuperados (devido principalmente aos solos ácidos da região) a maioria estava em deficiente estado de conservação, assim como bastante fragmentados, o que dificulta grandemente a determinação e caracterização rigorosa dos táxones representados (ANTUNES, 1992: 33). As espécies de animais representadas são *Capra hircus* (cabra), que aparenta ser a espécie predominante, *Bos taurus* (gado bovino), *Sus sp.* (porco/javali), *Oryctolagus cuniculus* (coelho) e *Canis familiaris* (cão) (ANTUNES, 1992: 33-35).

Novamente, as atividades venatórias são raras ou mesmo inexistentes visto não existir qualquer vestígio da presença de cervídeos (os melhores indicadores) e não haver certezas quanto à natureza doméstica ou selvagem do *Oryctolagus cuniculus* e de *Sus sp.*, este último que pode representar porco doméstico, javali ou ambos (ANTUNES, 1992: 37). É de salientar que a análise da idade à morte, apesar de ter sido realizada com recursos bastante limitados, indica a predominância de juvenis, o que indica a criação dos animais principalmente para o consumo da sua carne (ANTUNES, 1992: 38; VILAÇA, 1992: 20).

A elevada quantidade de ossos fragmentados e especialmente com fraturas em espiral (ossos provavelmente partidos por percussão) pode ser associada à alimentação humana, tendo sido encontradas marcas de corte em alguns, assim como marcas de fogo (ANTUNES, 1992: 36-38). Segundo Telles Antunes (1992: 36-38), devido aos elevados índices de carbonização, estes seriam atirados para a fogueira após o consumo, talvez para servirem como combustível.

Outro aspeto que vale a pena mencionar é o claro consumo diferencial de partes do esqueleto havendo uma grande maioria de partes do esqueleto apendicular e poucas do crânio e do esqueleto axial, o que, segundo Telles Antunes (1992: 35-36 e 38), poderá, talvez, significar o aproveitamento das partes nobres como a cabeça e costeletas por alguém de classe social mais elevada, sendo estas consumidas noutra parte do povoado.

Contudo, segundo Vilaça (1992: 19), esta hipótese não pode ser comprovada, porém, seria possível que estas partes fossem reservadas para consumo em banquetes cerimoniais ou fúnebres. No entanto, o tamanho da amostra faunística não tem dimensão suficiente para atestar estas afirmações, pois esta aparente seleção poderá dever-se principalmente aos processos pós-deposicionais. Foram ainda encontradas marcas de mordidelas, provavelmente de cão, assim como de pequenos roedores (ANTUNES, 1992: 37).

Posto isto, estes dados indicam uma atividade pastorícia predominante na criação de cabras, em terrenos pobres, havendo ainda alguns bovinos, assim como porcos, com menor importância, e ainda a presença de cães e roedores.

Passando agora para a região da Estremadura, a estação arqueológica da Tapada da Ajuda (Lisboa), um povoado aberto, devido à natureza basáltica do substrato geológico, apresenta restos faunísticos em bom estado de conservação (CARDOSO, 2017: 18). O estudo destes, apesar de ainda inacabado, apresenta uma maior representatividade de *Ovis/Capra* (ovicaprinos), juvenis, na sua maioria, seguida de *Bos*, adultos, *Sus* sp. e *Canis familiaris* (CARDOSO, 1996: 161; 2017: 18).

Ao contrário das regiões já abordadas, na Tapada da Ajuda (Lisboa) foram encontrados restos de veado, assim como de coelho, reportando a presença de caça, se bem que diminuta (CARDOSO, 1996: 161; 2017: 18). Segundo Cardoso (1996: 161; 2017: 18), apesar da maior representatividade de *Capra*, o contributo cárnico de *Bos* seria maior, mesmo tendo em conta a possibilidade de alguns destes serem explorados para carga ou transporte ou para a produção de produtos secundários. Quanto à fauna malacológica é de destacar a forte presença de ostras, que facilmente seriam recolhidas ao longo da margem norte do estuário do Tejo (CARDOSO, 2002: 291).

O arqueossítio da Moita da Ladra 2 (Vila Franca de Xira) representará uma realidade de cariz ritual onde foram encontrados vários recipientes e restos faunísticos associados, nomeadamente de veado e de caprinos que exibiam marcas de fogo (CARDOSO, 2017: 19). A alguns metros de distância, num possível *bothros*, foram também encontrados dois membros anteriores de *Ovis/Capra* e a extremidade distal de um membro de *Bos*, possivelmente constituindo restos de oferendas (CARDOSO, 2017: 19).

A gruta do Medronhal (Condeixa-a-Nova), é um sítio de interesse geológico, espeleológico e arqueológico, detendo diversas salas e corredores de comunicação, tendo duas entradas (VILAÇA *et al.*, 2018: 56). Devido à topografia do sítio, assim como à falta de registos aquando da descoberta e recolha de artefactos e restos ósseos (humanos e animais) não foi possível reconstituir a disposição e qualquer associação entre os materiais recolhidos (VILAÇA *et al.*, 2018: 56-57).

Quanto ao espólio, foram recolhidas 37 peças metálicas (incluindo fíbulas, braceletes, anéis e argolas), uma conta de colar feita a partir de cherte ou sílex, cerca de 550 fragmentos ósseos humanos, incluindo dentes, calculando-se um número mínimo de

onze indivíduos, cinco adultos (dois do sexo masculino e três do sexo feminino) e seis não adultos, e mais de 516 restos ósseos de animais identificados (figura 7) (VILAÇA *et al.*, 2018: 58-62).

Destes 516 fragmentos um pertenceria a *Bos taurus*, 418 a *Ovis/Capra*, 44 a *Sus* sp., 16 a *Equus caballus* (Cavalo), dois a um pequeno equídeo, 31 a *Canis familiaris* e ainda alguns vestígios de lince ibérico e coelho (VILAÇA *et al.*, 2018: 62). A representação de juvenis é significativa no que toca a *Ovis/Capra* e *Sus* sp., sendo superior a 87 dos fragmentos encontrados para o primeiro caso e superior a 34 para o segundo.

Posto isto, denota-se uma maior representatividade de *Ovis/Capra*, seguida por *Sus* sp., cão, equídeos e por fim *Bos taurus* e os animais selvagens (VILAÇA *et al.*, 2018: 62). É de salientar, também, que a larga maioria dos restos ósseos não apresenta quaisquer marcas de esquartejamento, descarne ou esfolia da carcaça, detendo um índice de fraturação pouco intenso e correspondendo a deposições de animais inteiros ou porções das suas carcaças, indicando um carácter ritual do conjunto, em que muito possivelmente, segundo Vilaça *et al.* (2018: 61-62), funcionariam como oferendas.



Figura 7. Fragmento de placa estalagmítica com diversos restos faunísticos incrustados recuperada na Gruta do Medronhal (Condeixa-a-Nova). Destaque para a mandíbula de cão doméstico no canto superior esquerdo. Imagem retirada de Vilaça *et al.* (2018: 61). Fotografia de J. L. Cardoso.

O sítio arqueológico da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), trata-se de um monumento constituído por uma construção de calcário, com uma câmara de planta subcircular, que teria uma cobertura em falsa cúpula, provavelmente com aparelho em adobe, um corredor em rampa inclinada para a câmara, cujo acesso exterior estava selado por um ortostato, e um muro exterior construído com blocos ortostáticos definindo uma

área de 11,5m de diâmetro e cerca de 1,20m de altura, originalmente (VILAÇA & CUNHA, 2005: 49).

No interior da câmara foram encontradas e escavadas duas sepulturas com um esqueleto cada, pertencendo ambos a adultos do sexo masculino (VILAÇA & CUNHA, 2005: 49). Numa das sepulturas, o esqueleto, parcialmente destruído, encontrava-se em posição lateral, assente sobre uma banquetta em argila, ficando, assim, mais elevado que o outro indivíduo. Junto ao ombro esquerdo foi colocada uma pinça em bronze, na região occipital uma fíbula, e um colchete de cinturão (ambos também feitos em bronze) abaixo da bacia (VILAÇA & CUNHA, 2005: 49).

Na outra sepultura o esqueleto, também parcialmente destruído (provavelmente devido a violações das sepulturas), encontrava-se em decúbito dorsal, tendo sido inumado diretamente no solo (VILAÇA & CUNHA, 2005: 49). Quanto ao espólio encontrado, novamente sobre o ombro esquerdo foi colocado um pente de marfim, uma pinça e uma argola (de bronze) sob o crânio, e junto aos pés foram encontrados restos de duas cabras e de dois carneiros (VILAÇA & CUNHA, 2005: 49). Afastados das sepulturas foram descobertos dois vasos com os fragmentos dispersos (VILAÇA & CUNHA, 2005: 50).

Pela análise feita aos restos faunísticos apurou-se que os animais teriam uma idade entre os nove meses e os três anos aquando da sua morte, tendo sido, muito provavelmente, doados como uma oferenda nutritiva, ou seja, como fonte de alimento para os defuntos (SPINDLER *et al.*, 1973-74: 122-123).

Este monumento está envolto numa problemática ligada à sua origem, pois vários investigadores apontam para uma origem oriental do mesmo, devido ao espólio encontrado junto aos esqueletos, assim como partes da sua arquitetura, enquanto que outros acreditam ser uma construção indígena, na tradição das construções tipo *tholos* que foram inicialmente concebidas para outros fins, mas que foram reutilizadas no Bronze Final, continuando, portanto, uma incógnita (VILAÇA & CUNHA, 2005: 53).

Do casal agrícola do Abrunheiro (Oeiras) pouco foi apurado em termos zooarqueológicos, pois foi apenas encontrado um conjunto de restos de um caprino subadulto, dentro de um recipiente tapado por uma placa calcária (CARDOSO, 2017: 20). Este caso, segundo Cardoso (2017: 20), pode ser interpretado, como “o sacrifício de um cordeiro, parcialmente colocado no referido recipiente e enterrado”.

No sítio da Cabeça do Mouro (Cascais) foram encontrados restos faunísticos, em várias quadrículas, pertencentes a *Ovis/Capra*, com marcas de fogo, porém o mais

significativo sítio de recolha terá sido um silo que forneceu vários tipos de materiais, assim como um pequeno conjunto faunístico de ossos muito fragmentados de *Ovis/Capra* e *Bos*, também com marcas de fogo e incluindo uma extremidade superior de diáfise de um indivíduo juvenil (CARDOSO, 2006: 44; 2017: 21). Foram também encontrados restos malacológicos, com predomínio do mexilhão, pé-de-burro (*Venus verrucosa*), lapa (*Patella* sp.) e buzina (*Charonia nodifera/Charonia lampas*), todos eles obtidos pelo fácil acesso no litoral adjacente (CARDOSO, 2006: 45).

O Sul de Portugal é sem dúvida a região com menor número de estudos zooarqueológicos para a Idade do Bronze Final, pelo que iremos apenas abordar os dados do sítio arqueológico da Horta do Cabral 6 (Alcácer do Sal), no qual foram escavadas estruturas negativas tipo “fossa” (MATIAS *et al.*, 2017: 849), do Castro dos Ratinhos (Moura) e do Outeiro do Circo (Beja).

O sítio arqueológico da Horta do Cabral 6 é composto por 17 estruturas negativas, interpretadas como fossas, que resultaram da escavação de 11 sondagens (MATIAS *et al.*, 2017: 851). Estas estruturas foram escavadas no substrato geológico e detêm, no geral, uma forma sub-circular, apresentando alguma diversidade no que toca aos perfis e de profundidade, podendo variar entre os 50cm e os 145cm, e alguma regularidade quanto



Figura 8. Fauna da Horta do Cabral 6. A. Ortofoto da deposição de *Cervus elaphus* no interior da fossa 3. B. Detalhe do crânio do mesmo veado. C. Ortofoto do nível onde foi recolhido um crânio de *Bos taurus*. D. Detalhe do crânio do mesmo bovívdeo. Imagem retirada de Matias *et al.* (2017: 864).

aos diâmetros, variando entre 80cm e 120cm de diâmetro mínimo e entre os 105cm e os 140cm de diâmetro máximo (MATIAS *et al.*, 2017: 851).

A fossa 3 da Horta do Cabral 6 (Alcácer do Sal), é de cariz particularmente especial para o presente estudo pois foi encontrado um esqueleto quase completo de veado (figura 8), em articulação, com uma orientação Norte-Sul, faltando apenas partes do crânio e as extremidades das patas (MATIAS *et al.*, 2017: 853). Através da análise do M1 (primeiro molar), que se apresentava ainda em crescimento, foi estimada uma idade à morte do cervídeo entre os três e os cinco meses (MATIAS *et al.*, 2017: 853).

Na fossa 17 foi encontrado um fragmento de crânio, incluindo os chifres, de *Bos* (figura 8) (MATIAS *et al.*, 2017: 853). Nas restantes fossas foram também encontrados restos faunísticos, porém estes não foram possíveis de identificar (MATIAS *et al.*, 2017: 853). Segundo Matias *et al.* (2017: 854-855), o veado juvenil terá sido depositado intencionalmente, talvez materializando um ritual de cariz simbólico, ou então poderá tratar-se apenas do descarte de uma carcaça por razões sanitárias, por exemplo.

A deposição de mamíferos no interior de estruturas negativas não é inédita sendo encontrados em alguns casos por toda a Idade do Bronze, assim como noutros períodos Pré-Históricos, sendo por vezes encontrados associados a ossos humanos, como é o caso da Torre Velha 3 (Serpa), ou a outros animais como em Montinhos 6 (Serpa) em que foram encontrados esqueletos de lebre juntamente com corso (MATIAS *et al.*, 2017: 855), pondo assim, talvez, de parte a hipótese de ser apenas de um descarte da carcaça por razões sanitárias, já para não falar desta se encontrar ainda articulada.

No caso da Torre Velha 3 (Serpa), é de destacar os hipogeus funerários com datações remetentes ao Bronze Pleno, em que foram escavados, para além de esqueletos humanos, restos ósseos pertencentes, na sua maioria, a membros anteriores esquerdos de *Bos sp.* e *Ovis/Capra* (sendo os primeiros mais frequentes que os segundos), sugerindo, tal como no sítio da Roça do Casal do Meio, que estes serviram como doação cárnica (FIDALGO *et al.*, 2016: 7).

No Castro dos Ratinhos (Moura), tal como no sítio arqueológico anterior, os restos faunísticos foram encontrados em contexto de fossa, neste caso localizada no interior do flanco Norte da terceira linha de muralha (LETTOW-VORBECK & GARCÍA GARCÍA, 2010: 329). Como nos restantes sítios arqueológicos as espécies mais representadas são *Ovis/Capra*, *Bos* e *Sus domesticus* (porco doméstico) (escasso), com a existência também de *Canis familiaris*, porém, neste arqueossítio, ao contrário dos restantes aqui abordados,

está bem assente a existência de caça, devido à descoberta de restos ósseos de veado, javali, coelho e texugo (*Meles meles*) (LETTOW-VORBECK & GARCÍA GARCÍA, 2010: 334). Foram também encontrados vestígios de anfíbios, répteis, aves e moluscos, muito provavelmente intrusivos, incorporados acidentalmente no registo arqueológico (LETTOW-VORBECK & GARCÍA GARCÍA, 2010: 334).

A análise da idade à morte não aparenta nenhuma preferência entre juvenis e adultos, apontando para uma exploração polivalente dos recursos cárnicos e dos produtos secundários e força de tração (LETTOW-VORBECK & GARCÍA GARCÍA, 2010: 336).

Do total da amostra, 45% apresenta marcadores antrópicos, como cortes e fragmentações, que se reflete na capacidade de identificação do osso e posterior definição taxonómica (LETTOW-VORBECK & GARCÍA GARCÍA, 2010: 330). Estas marcas são encontradas em todas as espécies domésticas (à exceção do cão), denotando-se marcas de corte de pressão e de percussão, incluindo a já referida punção quadrangular encontrada numa tíbia distal de ovelha, talvez provocada por um espeto (figura 9) (LETTOW-VORBECK & GARCÍA GARCÍA, 2010: 330). É de mencionar também a existência de ferramentas em osso (LETTOW-VORBECK & GARCÍA GARCÍA, 2010: 333).



Figura 9. Fragmento de tíbia direita de ovelha, recuperado no Castro dos Ratinhos (Moura), com um orifício provocado pela punção de um objeto de secção quadrangular ou retangular, provavelmente um espeto. Imagem adaptada de Lettow-Vorbeck & García García, (2010: 332).

O sítio de Outeiro do Circo (Beja), é provavelmente o arqueossítio com um estudo faunístico mais completo, no sentido de conter a maior série de dados qualitativos e quantitativos. Estes dados foram divididos e analisados por dois investigadores diferentes, sendo que apenas um foi publicado até à data (o de Almeida *et al.*, 2020) e o segundo continua no prelo, pelo que apenas podemos retirar informações do primeiro.

Foi recolhido um total de 633 registos, provenientes das sondagens 8 (33,6%), 7 (31,7%), 3 (28,4%) e 1 (6,3%), sendo que apenas 15% do total de restos foi possível de identificar ao género ou espécie⁷ (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1042-1043). A sondagem 1 corresponde à muralha compósita, tendo os restos faunísticos resultado de atividades de limpeza posteriores à escavação (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1042). Na sondagem 3 foi identificada uma estrutura em negativo, escavada no substrato geológico, de planta tendencialmente circular e secção oval (talvez uma fossa), que perfaz a unidade estratigráfica [311], sendo as amostras estudadas provenientes de camadas sucessivas de enchimento ([302] e [303]) composto por pedras cobertas por um sedimento negro, com bastante cerâmica e alguns restos faunísticos (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1042).

A sondagem 7 corresponde a níveis de derrube da muralha intervencionada na sondagem 1, correspondendo as faunas recuperadas às unidades estratigráficas [702]⁸, [707], compostas por um estrato argiloso muito compacto, com a presença de gabro, e [708], que é formada por pedras pequenas, algumas que aparentam ter sido sujeitas ao fogo, preenchendo uma interface escavada no substrato geológico (unidade estratigráfica [709]), provavelmente de origem antrópica (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1042).

A sondagem 8 está localizada próxima do talude defensivo e os restos faunísticos que desta foram recolhidos provêm de variadas unidades estratigráficas, como por exemplo a [810], composta por pequenos nódulos de barro e carvões e que envolveria uma possível estrutura formada por uma fiada de pedras (unidade estratigráfica [815]), à qual estavam encostados a outros depósitos, nomeadamente a unidade estratigráfica [813] que continha nódulos esbranquiçados, cerâmica, barro, indústria lítica e fauna (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1042).

Os dados analisados, em ambos os estudos, indicam uma maior representatividade de *Ovis/Capra*, seguida por *Bos taurus* e *Sus domesticus*, tendo sido também encontrados fragmentos ósseos pertencentes a *Cervus elaphus* (veado-vermelho), *Oryctolagus*

⁷ Dos restantes 85% foi apenas perceptível que pertenceriam a mamíferos (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1042).

⁸ Nesta camada apenas foram encontrados dois fragmentos ósseos (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1042).

cuniculus e *Leporidae*, *Canis familiaris* e *Equus*, mas em menor grau (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1043 e 1045). Este conjunto faunístico demonstra, então, uma importância dada ao desenvolvimento agropecuário, havendo uma economia mista entre produtos primários e secundários e em que as atividades cinegéticas teriam um papel episódico (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1047).

Dos restos ósseos analisados, vários contêm marcas de corte e/ou indicadores de fraturação dinâmica antropogénica, abrangendo as várias sondagens e as diferentes espécies domésticas (figura 10), cujos tipos de incisão e fragmentação sugerem a existência de atividades de processamento similares entre as espécies (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1044). Foram também encontrados vários tipos de marcas de mordidelas, que após comparações métricas, são alusivos a canídeos (alguns de grande porte), suídeos e até humanos (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1043).

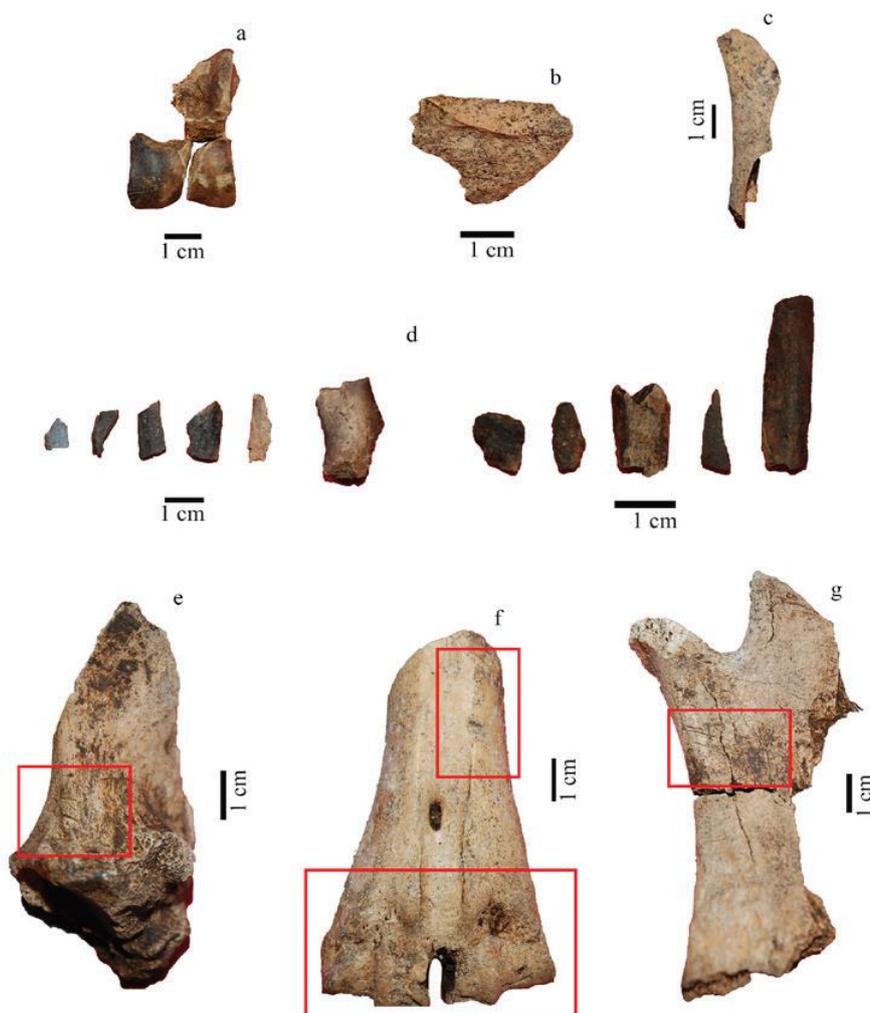


Figura 10. Seleção de restos faunísticos de Outeiro do Circo: astrágalo de *Cervus elaphus* queimado (a), cone de percussão (b), fragmento diafisário com impactos de percussão antrópica (c), exemplos de ossos com danos de queima em diversos graus (d), calcâneo de *Bos* sp. com marcas de corte (e), metatarso de *Bos* sp. com marcas de dentes (f) e mandíbula de *Bos* sp. com marcas de corte (g). Imagem retirada de Almeida *et al.* (2020: 1052).

Evidências de combustão são também comuns⁹ (figura 10), sendo mais expressivas nas sondagens 7 e 8 (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1044). Apesar de ser difícil perceber se os ossos foram queimados durante o tratamento culinário, se foram atirados para o fogo como desperdício, ou como combustível, é de notar uma clara preferência do consumo de carne assada (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1046-1047), que vai de encontro com as preferências regionais, entre carne assada e carne cozida, que abordámos anteriormente nesta dissertação.

4.2. Representações zoomórficas nas estelas de tipo “guerreiro”

Para além da presença física de animais em sítios arqueológicos, a sua representação na arte também ajuda à perceção das comunidades para com estes, pois apresentam-nos diferentes perspetivas.

Na Idade do Bronze, talvez a “forma” de arte de maior destaque são as estátuas-menires e as estelas, nomeadamente as estelas de tipo “guerreiro”, que já referimos no capítulo anterior. Estes monólitos, apresentam vários tipos iconográficos, desde antropomórficos a armas e objetos de adorno, incluindo também, em certos casos, formas zoomórficas. No atual território português, estas últimas são algo raras, existindo apenas quatro estelas com este tipo de representações (ou cinco se contarmos com a possível figura da estela de Aldeia Velha), nomeadamente as estelas de Castelões II (Chaves),

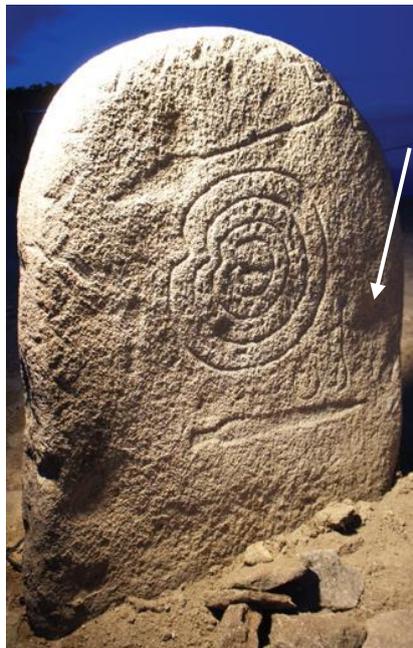


Figura 11. Estela de Castelões II (Chaves). Destaque feito à figura zoomórfica. Imagem retirada de Silva *et al.* (2013: fig.2).

⁹ Os indícios relativos à cozedura são escassos (ALMEIDA *et al.*, 2020: 1044).

Ervidel II (Beja), de Tojais (Vila Real) e São Martinho II (Castelo Branco) (GOMES & MONTEIRO, 1977: 297-304; VILAÇA *et al.*, 2004: 164; ALVES & REIS, 2011: 201-204; SILVA *et al.*, 2013: 626-628; GARDETE, 2015: 75).

Quanto à iconografia, a estela de Castelões II (Chaves) (figura 11) apresenta vários componentes ligados à panóplia guerreira, como um escudo com chanfradura em “V”, que perfaz a figura central do menir, uma espada, uma lança e uma ponta de lança, assim como outros motivos, como o que aparenta ser um espelho, uma figura antropomorfa estilizada e uma figura zoomórfica com cauda, patas e orelhas, representando talvez um canídeo (SILVA *et al.*, 2013: 626).

A estela de Ervidel II (Beja) (figura 12) tem como figura central um escudo e uma figura antropomórfica, denotando-se os dedos da mão, as pernas afastadas e apresentando uma forma fálica entre as últimas (GOMES & MONTEIRO, 1977: 297-299). Em volta e em baixo desta figura central estão representados uma lança, uma espada, o escudo, outras duas figuras antropomórficas (uma delas com forma fálica, semelhante à primeira), uma fíbula, um espelho, um pente, várias covinhas e uma forma zoomórfica muito provavelmente de um cão, devido à forma da cabeça e cauda encurvada (GOMES & MONTEIRO, 1977: 299-302).

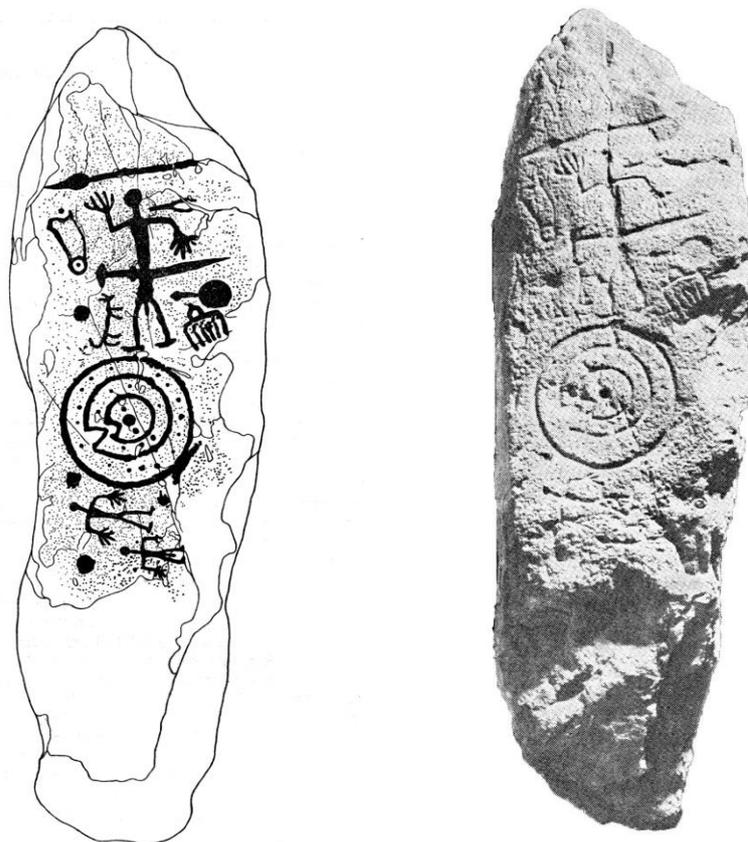


Figura 12. Estela de Ervidel II (Beja). À direita o monólito original, à esquerda o decalque das gravuras. Imagem adaptada de Gomes e Monteiro (1977: fig. 4 e est. 6).

A estela de Tojais (Vila Real) (figura 13) encontra-se fragmentada, apresentando menos figuras, nomeadamente um escudo, como figura central, o que aparenta ser uma espada, uma lança e uma figura zoomórfica de um quadrúpede (ALVES & REIS, 2011: 203), provavelmente um cervídeo, devido à presença do que parecem ser hastes.

Por fim, a estela de São Martinho II (Castelo Branco) (figura 14), tem como figura principal um antropomorfo, com vários dedos individualizados, decoração no torso, remetendo possivelmente para proteção e segurando por cima da cabeça um arco e flecha que aponta para uma figura zoomórfica de um possível cervídeo, que parece estar a ser seguido por outro zoomorfo, provavelmente um canídeo (VILAÇA *et al.*, 2004: 164). Em volta do possível cervídeo estão três figuras indeterminadas (já foram consideradas como representações de aves) e ao lado da figura antropomorfa apresenta-se uma fíbula, uma espada, um espelho e outro zoomorfo, que aparenta ser outro canídeo (VILAÇA *et al.*, 2004: 164).

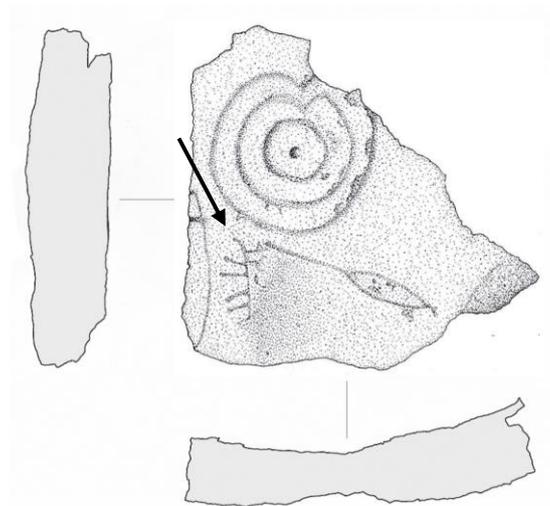


Figura 13. Estela de Tojais (Vila Real). Destaque da figura zoomórfica. Imagem retirada de Alves e Reis (2011: est. 8).

Posto isto, conseguimos rever uma completa diferença entre a representação nas estelas e a apresentada nos estudos faunísticos remetentes aos arqueossítios, nomeadamente aos povoados, no sentido em que nestes últimos estão mais representados os animais domésticos como bovídeos e suídeos e nas estelas canídeos e cervídeos, animais que raramente são encontrados em contextos faunísticos do Bronze Final. Se alargarmos o território de estudo para a Extremadura espanhola denotamos ainda outros

animais que estão pouco presentes nos estudos zoológicos, nomeadamente cavalos que aparentam puxar um carro, como apresenta a estela de Yuntilla Alta (Badajoz).

Neste sentido, e tendo em conta a clara representação de caça com a utilização de cães e arco e flecha que a estela de São Martinho II nos oferece, conseguimos compreender que as atividades cinegéticas eram apreciadas e altamente ligadas às elites, talvez sendo essa a razão para a fraca existência de restos ósseos que indiquem a sua presença na comunidade, isto é, a carne de caça, em princípio, não estaria muito presente na alimentação das comunidades do Bronze Final, apenas em ocasiões especiais, talvez em rituais de comensalidade.

Há que também apontar a forte presença de canídeos, apresentando-se sempre junto das figuras antropomorfas, demonstrando uma grande ligação entre ambos, que aliás, sempre se verificou desde a sua domesticação até aos dias de hoje.

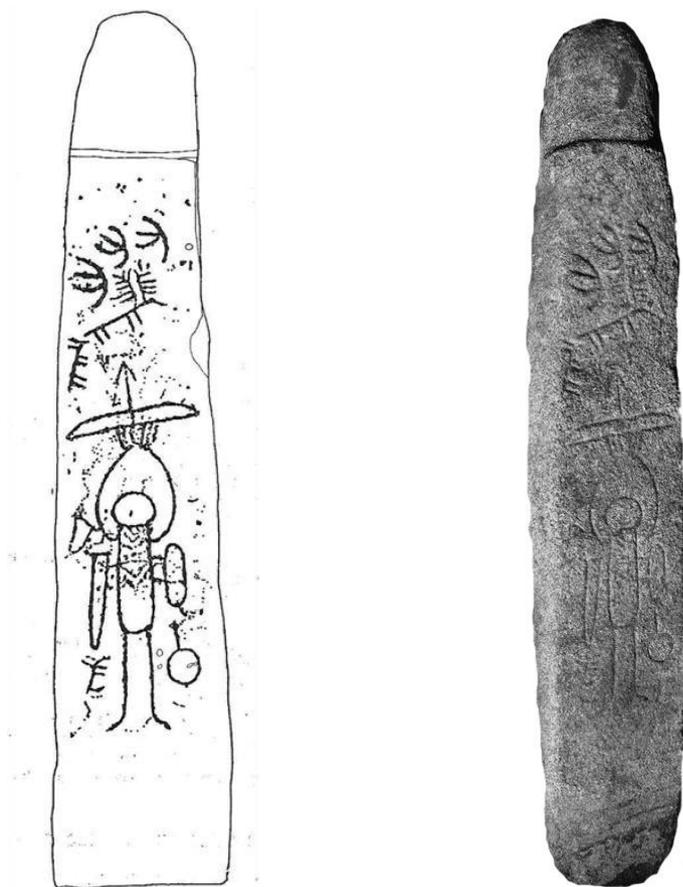


Figura 14. Estela de São Martinho II. À direita o monólito original, à esquerda o decalque das gravuras. Imagem adaptada de Gomes e Monteiro (1977: fig.7) e Bueno Ramírez *et al.* (2019: 155 fig.10).

Tendo isto em conta, pelo que foi referido, apesar das limitações das próprias amostras ou falta de estudos zooarqueológicos, conseguimos constatar que a exploração dos animais seria semelhante ao longo do país, com uma maior representatividade quanto aos animais domésticos de *Ovis/Capra*, seguida de *Bos* e, de modo mais escasso, *Sus*. No que toca aos animais selvagens e atividades cinegéticas, existe alguma frequência de coelho, talvez também de javali e muito raramente de veado ou lebre (figura 15).

No entanto, o que nos mostram as estelas é que as atividades cinegéticas teriam a sua importância para a comunidade e principalmente para a elite. Sendo assim, as comunidades do Bronze Final teriam uma dieta principalmente baseada nos animais domésticos, provavelmente obtendo um maior teor cárnico a partir das vacas, apesar da maior representatividade dos ovicaprinos, sendo estes explorados principalmente pelos seus produtos secundários. Por outro lado, a caça seria praticada, mas apenas esporadicamente, não contribuindo ativamente para dieta das comunidades, mas apenas, talvez, em ocasiões especiais, como em banquetes, por exemplo.

É oportuno destacar também, para o presente estudo, a seleção de partes do corpo nos povoados da Beira Interior, juntamente com a tíbia com uma punção de forma quadrangular no Castro dos Ratinhos. Como foi referido, a relativa inexistência das partes nobres do esqueleto, como as costelas e a cabeça, nos povoados de Alegrios (Idanha-a-Nova), Moreirinha (Idanha-a-Nova) e Monte do Frade (Penamacor) poderá indicar o consumo destas em locais específicos do povoado, talvez num contexto de comensalidade, logo, muito provavelmente utilizando instrumentos culturais como os caldeirões, fúrculas e/ou espetos.

Tendo em conta o que abordámos anteriormente, será mais provável a utilização de um espeto articulado e não tanto de uma fúrcula, devido à preferência de carne assada da Beira e do Alentejo, em relação à de carne cozida do Norte. O mesmo se aplicará ao instrumento utilizado na tíbia do Castro dos Ratinhos (Moura). Outra razão para cremos que foi utilizado um espeto e não uma fúrcula, no caso do Castro dos Ratinhos (Moura), é a força necessária para fazer a punção no osso, não ser compatível com o modo de utilização da fúrcula, isto é, partindo do princípio que a fúrcula seria utilizada para retirar carne cozida de um caldeirão, a força utilizada na fúrcula para o fazer não seria a necessária para criar a punção no osso, e mesmo que tivesse sido necessária, o osso teria linhas de fratura, o que não acontece, pois denota-se uma grande precisão na incisão.

Outro aspeto a realçar é a deposição de animais quase completos em fossas, em contexto funerário ou não funerário, ou partes articuladas dentro de recipientes, ou junto a esqueletos humanos, ou seja, não representando uma “lixreira” do povoado, conotando assim uma óbvia relação do ser humano com os animais, que pode ser interpretada como, segundo Senra *et al.* (2019: 225), “um comportamento antropogénico altamente estruturado, materializando os valores culturais e simbólicos do animal em si”. Deste modo, partes do esqueleto dos animais poderiam funcionar como veículos espirituais do quotidiano das populações entre a vida e a morte (SENRA *et al.*, 2019: 227).

Por um lado, não querendo transmitir a ideia de que os animais não teriam um significado próprio para as comunidades, no geral, os encontrados em contexto de lixeira serviriam, acima de tudo, como objeto de consumo, isto é, estaria estabelecida uma relação de sobrevivência, no sentido em que os humanos dependiam daqueles como fonte de nutrição e proteína. O mesmo se poderá dizer sobre as partes de carcaças encontradas em contexto funerário, particularmente os membros, pois, em princípio, funcionariam como uma oferenda alimentar para o defunto.

Por outro lado, quando são encontradas carcaças inteiras, ou quase inteiras, crânios, mandíbulas e partes do animal que geralmente contêm pouca carne, a visão do animal como objeto de consumo não será aplicável. Este será sim um agente simbólico, utilizado para acompanhar ou até, talvez, representar o falecido, isto em contexto funerário, como na Gruta do Medronhal, por exemplo. Em casos não funerários, como o esqueleto de veado da Horta do Casal 6, o significado não será tão particular, ou seja, não se destinará a apenas um indivíduo, podendo representar a comunidade ou uma divindade, à qual foi doada uma oferenda.

Denotámos também uma clara falta de representatividade de aves (mesmo considerando as figuras indeterminadas da estela de São Martinho II), tanto em contexto arqueológico como na arte das estelas, o que retrata o oposto das figurações zoomórficas assentes nos objetos metálicos, que, como iremos verificar no próximo capítulo, apresentam uma elevada expressividade. Ora, esta oposição suscita algumas questões, principalmente porque não conseguimos enquadrar diretamente as aves no quotidiano das comunidades.

Independentemente, a falta de representatividade não significa uma total ausência das aves nas comunidades do Bronze Final. Estas estariam inseridas no território e em

redor do povoado, portanto, fariam parte do quotidiano das comunidades e teriam a sua importância, contudo não nos é possível formar ilações mais detalhadas.

Sendo assim, os animais seriam uma parte importante da vida das comunidades, não só a nível económico como também a nível espiritual e simbólico, que se reflete ativamente no seu quotidiano, após a morte e nos utensílios culturais neste estudo examinados.

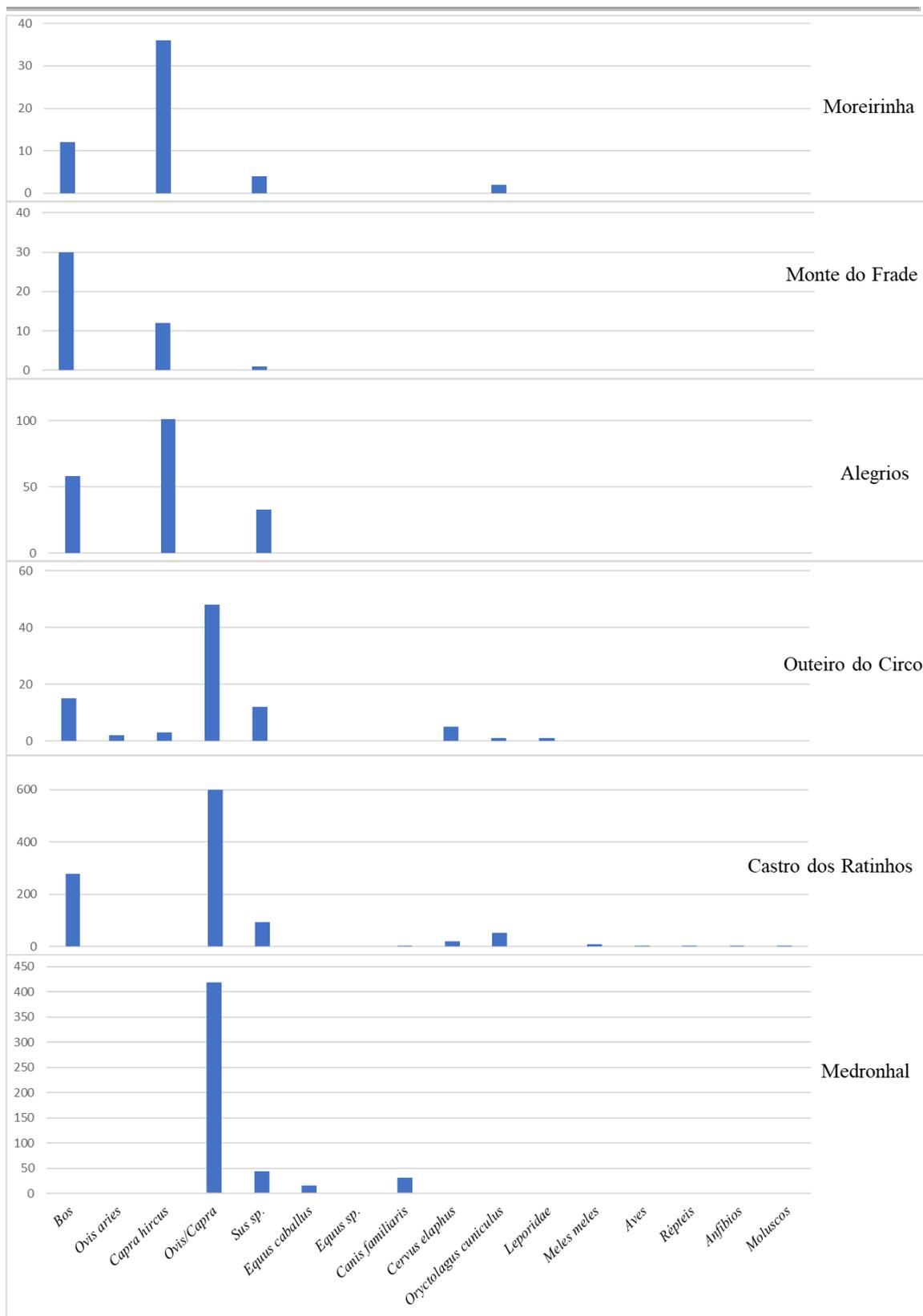


Figura 15. Representação faunística dos diferentes sítios arqueológicos. Eixo vertical: número de fragmentos encontrados. Eixo horizontal: espécies de animais representados.

5. Objetos metálicos com figurações zoomórficas

A passagem para o Bronze Final, foi caracterizada por uma mudança cultural, económica e social das comunidades europeias, como já pudemos averiguar. Na Europa Central desenvolveu-se a cultura dos Campos de Urnas e no Norte e Noroeste francês, nas Ilhas Britânicas e Norte e Oeste peninsular criou-se e desenrolou-se o Bronze Atlântico.

O Bronze Atlântico, conceito discutível, mas que pode ser encarado numa das aceções, como uma rede de contactos que, na sua generalidade, criaram uma rede de circuitos locais e regionais, maioritariamente definidas por ferramentas: os grupos ibéricos Ocidentais, o grupo Venat francês e as variantes locais inglesas do complexo Ewart Parks (KRISTIANSEN, 1998: 145).

Acima destes grupos locais há então uma difusão de bens de elite, muitas vezes concentrada, incluindo armas, caldeirões e espetos, sugerindo que o Norte/Centro português, o ocidente francês, Irlanda e o sudeste de Inglaterra seriam centros de exibição de elites, sendo que fora destes centros existiria uma distribuição generalizada de ferramentas, espadas e/ou lanças que circulariam de modo mais amplo (KRISTIANSEN, 1998: 145).

Segundo Kristiansen (1998: 145 e 147), esta distribuição pode ter resultado de dois métodos de operação diferentes: uma troca, a longa distância, de bens de elite entre grupos regionais de chefaturas, ligado principalmente à troca de metais (Irlanda, País de Gales e Portugal seriam ricos em minério e o sudoeste de Inglaterra e França ocidental teriam acesso à rede de trocas da Europa Central); e uma rede de curta distância que incluiria vários tipos de materiais metalúrgicos, havendo regiões mais ricas em metais, o que levou à acumulação de objetos de prestígio, e outras mais pobres, em que o metal era demasiado precioso para ser utilizado para produzir materiais de prestígio.

Os objetos de bronze, de prestígio, neste caso em particular, caldeirões, espetos, copos, fúrculas (embora estes tivessem um cariz mediterrâneo ao contrário dos anteriores que seriam atlânticos), estariam diretamente ligados aos rituais de banquete, como já foi referido anteriormente. Estes teriam uma função principalmente de ostentação de poder, em que seriam utilizados pelas elites, não para demonstrar que estas detêm poder (este seria o papel das espadas, lanças, capacetes e escudos), mas sim para demonstrar que teriam a capacidade de preservar o referido poder.

Dos objetos rituais há a destacar, para o presente estudo, as fúrculas e os espetos, cuja origem é ainda dúbia, existindo várias teorias para a origem da sua difusão. A comensalidade, juntamente com a refeição com base na carne cozida em caldeirões de bronze e apanhada com fúrculas foi transmitida para a Europa Central e Europa Atlântica, através das trocas Micénicas no Mediterrâneo central (RUIZ-GÁLVEZ & GALÁN, 2012: 48), mas isto não implica que os espetos e as fúrculas e o seu conceito tenham lá a sua origem.

As fúrculas, no contexto Atlântico, têm uma maior difusão nas Ilhas Britânicas (figura 16), porém na Europa Central, na cultura dos Campos de Urnas, as fúrculas também eram utilizadas, pelo que, geograficamente falando não há certezas de qual teria a primazia cronológica (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 116). Os mais antigos



Figura 16. Distribuição geográfica de espetos e fúrculas. Adaptado de Needham & Bowman (2005: 125).

instrumentos em gancho encontrados até à data provêm das regiões do Egeu e do Cáucaso, sugerindo que a disseminação destes instrumentos terá acontecido a partir do Sudeste europeu para a Europa Central, contudo, as fúrculas diferem destes instrumentos, não sendo prudente afirmar com certezas que esta teria o mesmo rumo, pois há um número bastante reduzido de exemplares mais antigos (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 117).

Independentemente, tem-se que as fúrculas tenham a sua origem no Sudeste europeu, tendo passado pelo Este mediterrânico e chegado

primeiramente ao Norte Atlântico e apenas posteriormente à Península Ibérica (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 117-118).

No caso dos espetos articulados, inicialmente Almagro-Gorbea (1974: 379, 384 e 385) e Coffyn (1985: 178) consideravam que teriam origem na Europa Central e a partir destes teriam evoluído, derivados de uma adaptação da zona do Bronze Atlântico, os espetos de tipo Alentejano e os de tipo Andaluz (estes já de cronologia referente à Idade do Ferro) (ARMADA PITA, 2005b: 1250). Porém, Almagro Gorbea e Fernández Gómez (1982: 391 em ARMADA PITA, 2005b: 1250) questionam esta proposta de origem para os espetos de tipo Alentejano e Andaluz, afirmando que o Sudoeste Peninsular, a única região onde estes foram encontrados, teve uma forte influência do Mediterrâneo e menor da Europa Central.

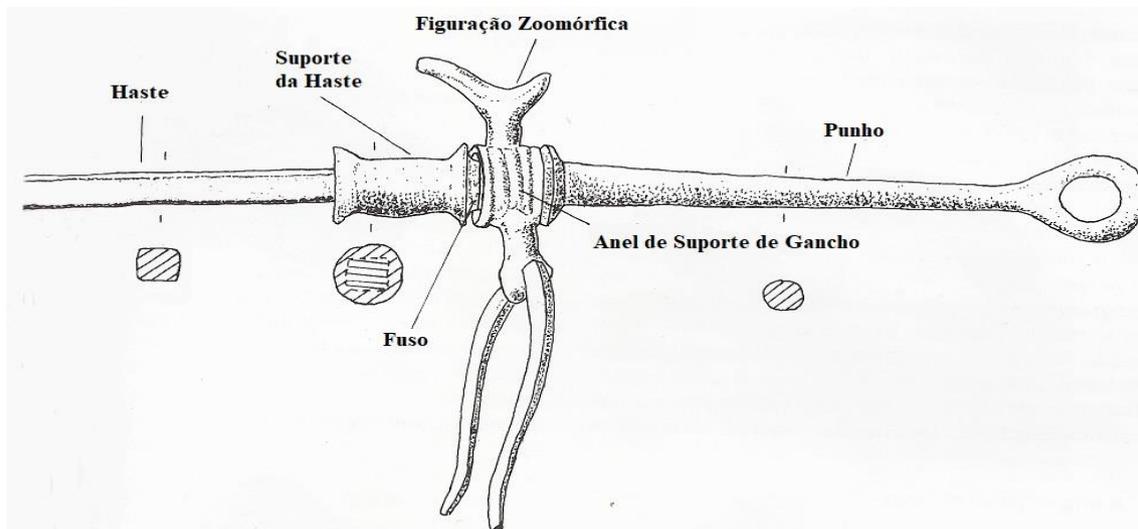


Figura 17. Elementos de um espeto articulado. Espeto articulado de Forêt de Compiègne. Figura adaptada de Burgess & O'Connor (2004: 185).

Mohen, em 1977, através do reconhecimento de paralelos de espetos articulados, encontrados em França, e de espetos articulados encontrados em Portugal e Sardenha, chegou à conclusão de que este tipo de espeto seria fundamentalmente de origem atlântica, fazendo também a associação a rituais de banquete (ARMADA PITA, 2005b: 1250). Efetivamente, os espetos articulados têm uma maior incidência no espectro Atlântico, nomeadamente no Oeste peninsular (Figura 12), porém, como Gomez de Soto (1991: 370) defende, lá por esta ser a área de maior incidência, não significa que seja o seu local de origem (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 186-187).

Um espeto articulado (figura 17) é composto por uma haste¹⁰, com um corte transversal, circular, retangular ou quadrangular, que se vai afinando até formar uma ponta (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 184). Do outro lado da haste está presente um suporte da haste (traduzido do inglês *shank holder*), que por si está conectado a um fuso que faz a ligação entre a haste, o mecanismo de rotação e o punho do espeto (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 184).

O mecanismo de rotação é o que torna este objeto tão complexo. Conectado ao fuso e girando à volta deste, está um anel de suporte de gancho, frequentemente estriado em torno da sua circunferência, que de um lado tem uma aba saliente, perfurada de modo a receber o duplo gancho pendente da secção quadrada (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 184). Por vezes, montado na parte de cima do anel de suporte, encontra-se uma figura animal, de ave ou de um quadrúpede, esquematizada. É de destacar o espeto de Port-Sainte-Foy com a figura de uma águia ou corvídeo e o espeto articulado de Challans, que tem a cabeça de um veado (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 184).

Contudo, um outro exemplo é o espeto de Amathus (Chipre), que difere bastante dos restantes pois não tem qualquer diferenciação entre haste, suporte da haste, fuso e punho e muitos dos componentes também não funcionam do mesmo modo (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 187). O suporte de gancho, que não é em anel, em vez de girar em volta do fuso entre o punho e o suporte da haste, gira em torno da haste e é mantido no lugar entre paragens em forma de disco separadas. Posto isto, para além das diferenças morfológicas entre o espeto articulado de Amathus e os restantes espetos articulados, Gomez de Soto denota alguns problemas com a cronologia, não sendo possível, até mais evidências surgirem, ter alguma certeza da origem atlântica ou mediterrânica dos espetos articulados (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 187).

Tendo isto em conta, a importância destes instrumentos para a presente investigação é a ocasional presença de elementos zoomórficos. A função destas figurações ainda não é bem conhecida e será tratada mais à frente, porém, decerto que teriam algum significado e complementariam a peça original.

5.1. No quadro Atlântico Europeu

As figurações zoomórficas em instrumentos metálicos são relativamente comuns nos contextos Centro-Europeus, pois estes têm uma rica cosmologia em volta,

¹⁰ *Shaft/shank* em inglês e *tige* em francês.

principalmente de aves, representando, tipicamente, criaturas que acompanham ou guiam o Sol (BECKER, 2012/2013: 5). Posto isto, devido à sua ampla distribuição e conotação religiosa, as representações de aves na Europa Central estão relativamente bem estudadas, ou pelo menos são um grande foco de interesse (BECKER, 2012/2013: 5).

Por outro lado, no Mundo Atlântico, como estas representações são escassas, algo variadas e muitas vezes pouco detalhadas, os estudos são por si, quando os há, pouco aprofundados. Deste modo, em prole do desenvolvimento deste estudo, em primeiro lugar há que fazer o estado da arte dos objetos metálicos com figurações zoomórficas na Europa atlântica e os seus contextos arqueológicos.

5.1.1. Fúrculas

Segundo Needham e Bowman (2005) foram identificadas, em contexto Atlântico, 36 fúrculas, das quais 20 foram encontradas nas Ilhas Britânicas, nove em território francês e sete na Península Ibérica (cinco em Espanha e duas em Portugal), denotando-se o grande foco nas Ilhas Britânicas. Posteriormente, em 2012, numa floresta perto da cidade de Ruão¹¹ (Normandia, França) foram encontrados vários fragmentos metálicos, incluindo figurações, muito provavelmente pertencentes a uma fúrcula (PERIDON, 2017-2018: 69), perfazendo um total atualizado de pelo menos 37 fúrculas de contexto Atlântico.

Os contextos de descoberta são por si variados, tendo sido alguns encontrados em depósitos “pessoais”, outros em depósitos juntamente com espadas, em depósitos com outros instrumentos e ferramentas, e em certos casos com fragmentos de caldeirão (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 118-119). Por outro lado, outros foram encontrados em abrigos em rocha, achados isolados, em contextos perdidos, contextos de rio, lago ou até mar, havendo, no entanto, uma divisão geral entre fúrculas inteiras, depositadas ou deixadas em contextos especiais, e fragmentadas ou danificadas, depositadas ou deixadas em contextos de depósito de restos no final do seu ciclo de vida (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 118-119).

Em alguns casos evidencia-se a excecionalidade da peça através do seu contexto, como no caso do depósito de Baiões e nos depósitos das *wetlands* Britânicas, mas que pode não indicar uma importância social superior às outras e aos objetos encontrados no mesmo contexto, visto que, como foi anteriormente referido, as elites teriam economias

¹¹ “Rouen” em francês, e nome pelo qual o objeto será referido ao longo do texto.

e comportamentos diferentes, sendo que um contexto de depósito aparentemente “pobre” de uma comunidade, não significa que para a dita comunidade, os objetos lá depositados não tenham a mesma importância social que um depósito rico tenha para uma comunidade “rica” (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 119).

Deste modo, Needham e Bowman (2005), organizaram uma classificação de fúrculas, tendo em conta Jockenhövel (JOCKENHÖVEL, 1974 em NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 95).

Foram então criadas seis classes em que a primeira contém as fúrculas sem encaixe, com dois dentes e cabo de madeira (como a do depósito de Bishopland na Irlanda e a do depósito de Langoëlan em França), a segunda as que têm encaixe, um só dente e cabo de madeira (como a do depósito de Feltwell na Inglaterra e a do depósito de Hío em Espanha), a terceira as que têm encaixe, dois ou três dentes e cabo de madeira (como a de Dunaverney, na Irlanda do Norte e a do depósito de Baiões), a quarta as que têm dois dentes e cabo de metal (como a de Cantabrana em Espanha e a de Thorigné em França), a quinta alguns exemplares franceses com dentes perfurados separados (como a de La Roche Bottin e a de Notre Dame d’Or) e à sexta pertencem os fragmentos que não foram possíveis de inserir nas anteriores classes (NEEDHAM & BOWMAN, 2005).

Tendo isto em conta, as classes 3 e 4 representam as fúrculas mais complexas e elaboradas, tendo evoluído, provavelmente, a partir das classes 1 e 2, as mais simples, por volta de 1100 a.C. (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 56), que segundo Leonard (2014b: 127-128) terá sido reflexo de uma mudança das sociedades Europeias no Bronze Final, alterando também, talvez, o valor simbólico do instrumento tendo em conta o seu uso prático, isto é, a função simbólica da fúrcula terá ultrapassado a sua função utilitária. Apesar de Bordas *et al.* (2020: 165) afirmar que a fúrcula de Rouen se assemelha mais à de Dunaverney, nós discordamos (explicaremos o porquê adiante) e pensamos que se assemelhava, estruturalmente, mais com a fúrcula de Killeonan II.

Pela mesma razão, a fúrcula de Rouen é atribuída por Bordas *et al.* (2020: 166), à classe 3 segundo a classificação de Needham e Bowman (2005: 103 tabela 3), contudo, parece-nos que esta é a transição entre as fúrculas de classe 1 e 2 e as de classe 3 e 4, devido ao tipo de gancho que remete a uma fúrcula de classe 1, como a de Langoëlan, mas a um corpo e decoração que remete a uma fúrcula de classe 3 como a de Killeonan II e de Dunaverney (quanto à decoração). Posto isto, não havendo uma classe 2.5 onde se

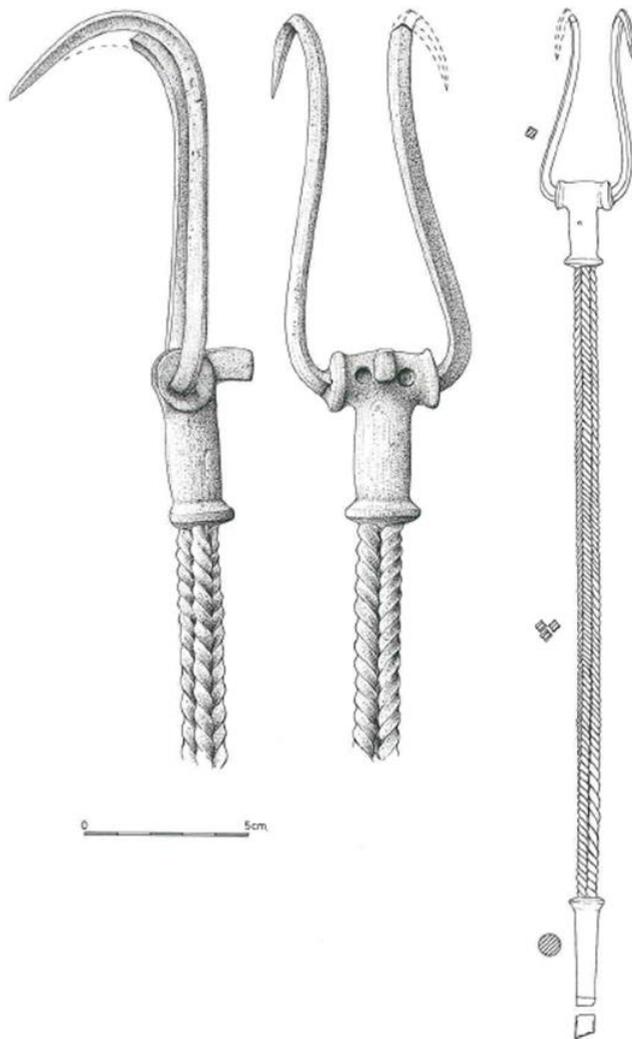


Figura 18. Fúrcula de Cantabrana. Imagem retirada de Delibes de Castro *et al.* (1999: 106).

quadrangulares de gancho, um corpo central constituído por três varetas torcidas, e o cabo que acabaria num pomo que está mal preservado (DELIBES de CASTRO *et al.*, 1999: 105). Num dos lados do suporte estão, oposto à orientação do gancho, dois orifícios com uma protuberância entre ambos, que, segundo Delibes de Castro *et al.* (1999: 105) pode ser uma representação antropomórfica esquematizada, porém segundo Needham e Bowman (2005: 119), como já foi referido, trata-se de uma figuração zoomórfica.

Ao olharmos de frente para a fúrcula, estando esta com o gancho orientado para cima, os orifícios em conjunto com a protuberância fazem lembrar um focinho e o gancho em si uns chifres ou cornos de um bovídeo (cabra ou vaca/boi), porém se olharmos de perfil, a protuberância (focinho) e o gancho (chifres/cornos), principalmente devido à curvatura deste último e ao modo como as pontas se afastam do centro, lembra-nos um íbex-ibérico (*Capra pyrenaica*), espécie que estaria presente na região.

possa inserir uma fúrcula de transição, remetemo-la para a classe 6 (as que não se inserem nas classes anteriores).

Como foi referido, à terceira e quarta classe foram associadas as fúrculas de Dunaverney, (Irlanda) e de Cantabrana (Espanha), respetivamente, que retêm alguma importância para o presente trabalho pois contêm figurações zoomórficas, assim como a de Rouen (França).

A fúrcula de Cantabrana (Burgos), de contexto incerto, é um instrumento composto por três partes (figura 18): a parte distal, contém um suporte cilíndrico encimado em forma de “T”, com duas saliências cónicas opostas de onde surgem dois dentes

O facto de os dentes do gancho saírem da lateral sendo mais semelhante aos chifres do género *Bos*, pois no geral, do género *Capra*, os chifres saem diretamente na vertical, faz-nos questionar a hipótese de ser uma representação de íbex-ibérico. Porém,

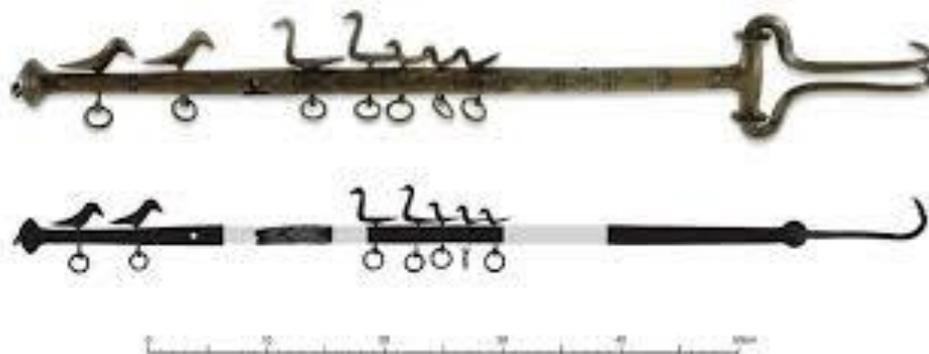


Figura 20. Fúrcula de Dunaverney. Imagem retirada de Leonard (2014b: 123).

ao revermos outras fúrculas, há sempre um suporte transversal anexado aos dentes, ou seja, este pode ser fundamental para a integridade do instrumento, logo, talvez a razão de os dentes de gancho não serem mais parecidos com *Capra pyrenaica*, nomeadamente a sua base, pode estar relacionada com a integridade física da fúrcula, que de outro modo estaria comprometida. É apenas uma suposição, porém não nos parece ser uma figura antropomórfica, como foi referido por Delibes de Castro *et al.* (1999: 105), mas sim, pelo menos, um bovídeo.

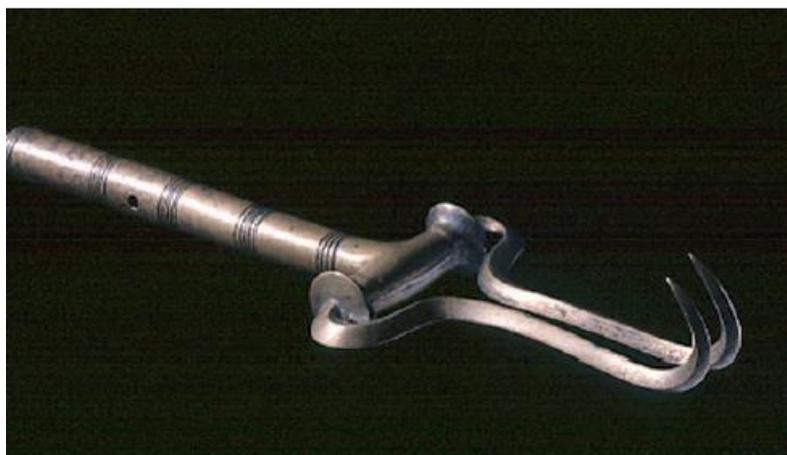


Figura 19. Virola do gancho da fúrcula de Dunaverney. Imagem retirada de Bowman & Needham (2007: 54).

A fúrcula de Dunaverney (figura 19), anteriormente referida, foi descoberta em 1829, no pântano de Dunaverney, Irlanda do Norte (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 56; LEONARD, 2014b: 123). Estando num contexto anaeróbico de pântano, o objeto foi encontrado em boas condições e ainda com um componente de madeira bem preservado

(LEONARD, 2014b: 123). Tal como a fúrcula de Cantabrana, a de Dunaverney é dividida em três partes, porém, neste caso, é composta por três extensões tubulares unidas por dois cabos de madeira (dos quais um se preservou, como já foi referido): a virola do gancho, a virola central e virola de trás, todas decoradas com várias tiras de bronze (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 64).

A virola do gancho (figura 20), a partir da boca (onde encaixa o cabo de madeira), afunila continuamente até à barra transversal, esta que tem uma secção circular, tal como a própria virola, mas com um centro ligeiramente inchado e expansões que acabam em extremidades planas (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 65). O gancho, com a secção em forma de diamante, terminando em pontas arredondadas, juntamente com a barra transversal e a virola compreendem apenas uma peça (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 65).



Figura 21. Virola central da fúrcula de Dunaverney. Imagem retirada de Bowman & Needham (2007: 54).

A virola central (figura 21) é a secção da fúrcula com a família de aves aquáticas no dorso, sendo cilíndrica em toda a sua extensão e tendo, ao longo do seu corpo, posicionadas espaçadamente três tiras de bronze, cada uma com quatro ranhuras (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 66). Como já foi mencionado, a família de aves aquáticas é constituída por cinco exemplares, representando dois adultos e três juvenis (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 66). Os pescoços alongados das aves adultas sugerem que estas serão cisnes, assim como a superficialidade dos corpos dá a impressão de estarem parcialmente submersos (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 66). Cada cisne foi forjado com um espigão com secção arredondada que provém da barriga do animal e que é colocado num par de orifícios (um em cada lado da virola) (BOWMAN & NEEDHAM,

2007: 66). No final do espigão, a secção arredondada achata-se e é enrolada em torno de um anel, que funciona livremente, possibilitando a rotação dos cisnes 360°¹² (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 66).

Não se conhece o verdadeiro propósito destes anéis, porém, juntamente com os espigões, estes teriam uma importância funcional, pois ajudariam a fixar o cabo de madeira que trespassava cada virola. Isto será especialmente importante na virola central, pois, ao contrário das restantes, esta não tem qualquer orifício em que seja possível colocar um pino a prender o cabo de madeira, tornando estas fundamentais para prender a virola no sítio e impedir que esta se movimente ao longo da haste. Por outro lado, estes anéis oferecem também uma outra dinâmica às figurações zoomórficas, possibilitando a mudança de direção em 360° conforme o utilizador pretendesse.



Figura 22. Virola de trás da fúrcula de Dunaverney. Imagem retirada de Bowman & Needham (2007: 54).

A virola de trás (figura 22) é constituída por um longo encaixe que gradualmente se vai estreitando, à semelhança da virola de gancho, e termina num pomo bicónico, com um orifício quadrangular que detém um “laço” em forma de caracol que em tempos segurou um anel (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 70). À semelhança das anteriores, esta virola tem quatro tiras de bronze, cada uma com quatro ranhuras, sendo que entre a segunda e a terceira e a terceira e a quarta estão presentes dois pares de orifícios onde encaixam os espigões de outras duas aves (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 70). Estas representações, segundo Bowman e Needham (2007:70) têm “um pescoço pequeno e relativamente grosso que acaba numa cabeça arredondada que suporta um bico grande e espesso com um perfil superior convexo”, que se assemelha bastante a corvídeos, nomeadamente a um corvo ou uma gralha.

¹² Não se sabe se era este o propósito original.



Figura 23: Fragmentos da fúrcula de Rouen. Retirado de <http://www.la-detection.com/dp/message-105984.htm>. Acedido em 01/12/2020.

A fúrcula de Rouen (figura 23) foi descoberta em 2012, numa floresta perto da cidade de Ruão (Normandia, França), por um indivíduo que publicou o achado num website¹³ de utilizadores de detetores de metais¹⁴ (PERIDON, 2017-2018: 69). A pessoa utilizou o website para mostrar o achado e perguntar o que seria. Como Bordas *et al.* (2020: 162-163) referem, o autor da publicação não parece ser instruído nas ciências

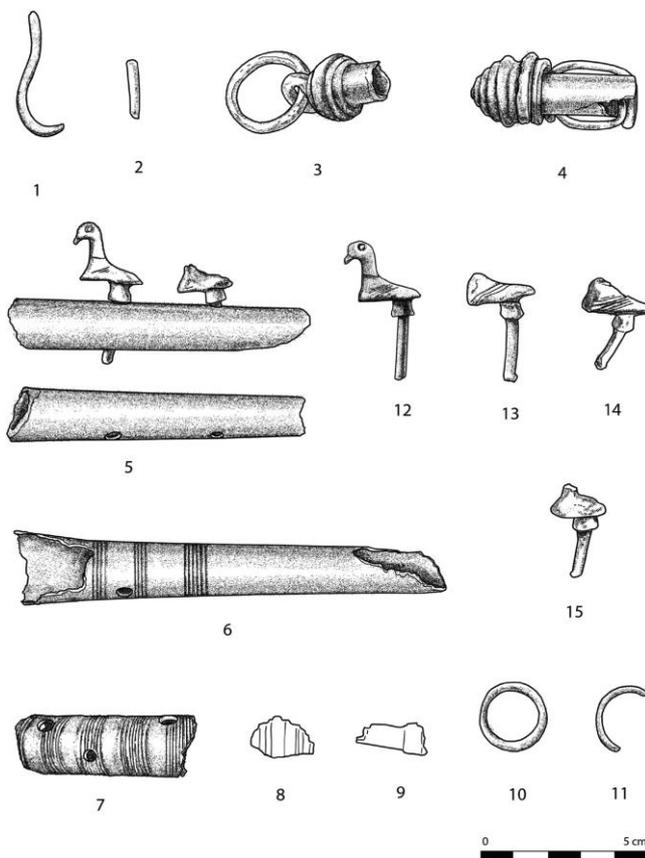


Figura 24. Ilustração dos elementos recuperados da fúrcula de Rouen. Imagem retirada de Bordas *et al.* (2020: 164).

arqueológicas, porém, segundo a sua descrição, assim como a existência de pequenos fragmentos, ele não aparenta ter feito uma seleção dos fragmentos recuperados, tendo-os recolhido a todos.

Posto isto, no depósito foram encontrados cerca de quinze fragmentos, podendo pertencer a uma ou mais fúrculas, incluindo: um fragmento de gancho de secção quadrangular (figura 24.1); uma peça que muito provavelmente pertencerá ao final de uma fúrcula, de formato bicónico com “depressões” como decoração, que

¹³ <http://www.la-detection.com/dp/message-105984.htm>.

¹⁴ É importante sinalizar que não aclamamos ou sequer concordamos, de modo algum, com qualquer atividade relacionada com a procura e/ou escavação intencional de artefactos, seja por que meio for, que não feita ou acompanhada por um arqueólogo devidamente creditado.

de um lado está conectada a um tubo e do outro a um anel que por si contém um anel mais fino mas de maior diâmetro (figura 24.3); uma peça cuja extremidade é de forma cônica, com o mesmo tipo de decoração que a anterior, mas sem qualquer tipo de anel e conectada a um tubo com duas perfurações nas quais foi introduzida uma tira de metal, que aparenta ser de secção quadrangular, deformado, talvez pertencente a um fragmento de gancho (figura 24.4); um fragmento de uma extensão tubular de formato afunilado, de secção circular, sem decoração e com dois pares de orifícios (figura 24.5); um fragmento de

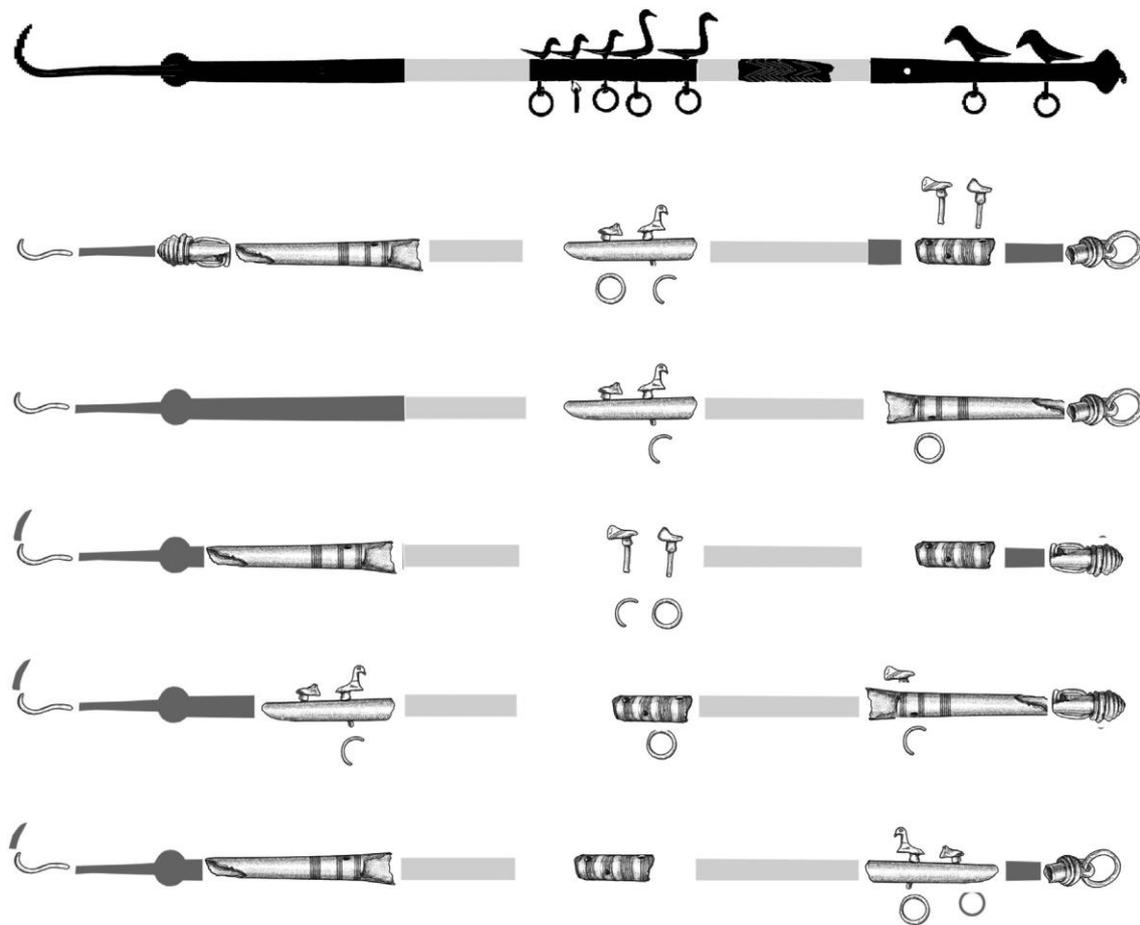


Figura 25. Hipóteses de estrutura da fúrcula de Rouen segundo Bordas *et al.* (2020). Imagem retirada de Bordas *et al.* (2020: 168).

extensão tubular, de maior comprimento que a anterior, também de formato afunilado, de secção circular, em que grande parte do corpo não tem qualquer decoração mas na parte de maior diâmetro contém zonas de ranhuras decorativas alternadas com zonas lisas (figura 24.6); um fragmento de extensão tubular, o mais pequeno dos três, também de formato afunilado, de secção circular e decorado com a alternância de zonas de ranhuras com zonas lisas (figura 24.7); quatro figurações zoomórficas com espigões que surgem

debaixo destas, em que apenas uma está completa, apresentando algum detalhe e decoração que permite ser relacionada com uma pomba (figura 24.12-15); um anel e metade de um anel, que provavelmente estariam conectados aos espigões das figuras zoomórficas (BORDAS *et al.*, 2020: 163-165).

Através dos dados que conseguiu recolher das imagens, Bordas *et al.* (2020: 165) admite que este objeto se assemelhe à fúrcula de Dunaverney, assumindo que a de Rouen seria também composta por três virolas e que muito dificilmente estes fragmentos pertencessem apenas a uma fúrcula (figura 25). Contudo, a nosso ver, existem certas notas a apontar. Consegue-se compreender a razão de tomarem esta fúrcula como semelhante à de Dunaverney, devido ao modo como as figurações zoomórficas são apresentadas. Porém, a divisão em três virolas não será a mais correta, isto porque, a nosso ver, todos os fragmentos de virola têm uma forma afunilada, o que não se pode aplicar a uma virola central, pois esta teria que ser “direita” em toda a sua extensão para que o cabo de madeira a pudesse trespassar ficando justa ou pelo menos simétrica em ambos os lados¹⁵.

Tendo isto em conta, propomos que os fragmentos encontrados pertençam apenas a uma fúrcula. Neste sentido, o objeto seria constituído apenas por duas virolas, a de trás e a do gancho, unidas por um cabo de madeira, possivelmente decorada. A de trás seria composta pela peça bicónica com anel, assim como pelas extensões tubulares média e pequena, e as figurações zoomórficas. À virola do gancho associamos a extensão tubular de maior comprimento, pois não tem muita decoração nem figuras, logo é a mais propícia a ser o punho, e a peça com extremidade em forma cónica. Esta última será a extremidade distal desta virola, conectando-se à extensão tubular e de onde sai o gancho. Como podemos ver na figura 24.1, o gancho tem uma forma diferente dos encontrados nas restantes fúrculas, sendo mais curvado no seu corpo. Esta forma dever-se-á ao estilo em que este foi produzido.

Ao contrário das restantes fúrculas, a de Rouen terá provavelmente dois dentes (talvez apenas um), que se envolvem em volta da virola, semelhante à fúrcula do depósito de Langoëlan (figura 26), explicando assim, ao mesmo tempo, a razão do tubo da peça com extremidade cónica estar envolvido com uma tira de metal. Infelizmente, é difícil compreender o modo em que o gancho se envolvia na virola através de uma imagem,

¹⁵ Esta hipótese reflete-se com os fragmentos que observamos. Há sempre a possibilidade de uma eventual virola central não ter sido incluída no depósito.

sendo que seria necessário observar a peça pessoalmente. Posto isto, a nossa proposta para o formato da fúrcula de Rouen está representada na figura 27.

A razão pela qual propomos esta disposição das extensões tubulares não se restringe ao seu formato afunilado. Por um lado, a existência ou não de orifícios e a sua posição também contribuiu para a formulação desta hipótese, pois como acontece noutras fúrculas com cabo de madeira, as virolas das extremidades (na parte mais próxima do centro da fúrcula) apresentam um par de orifícios em que seriam inseridos pinos para prender o referido cabo de madeira¹⁶. Este tipo de orifício é facilmente observado na extensão da virola do gancho, sendo o único perceptível, mas também o encontramos na menor extensão da virola de trás. Posto isto, não podemos colocar qualquer uma perto da

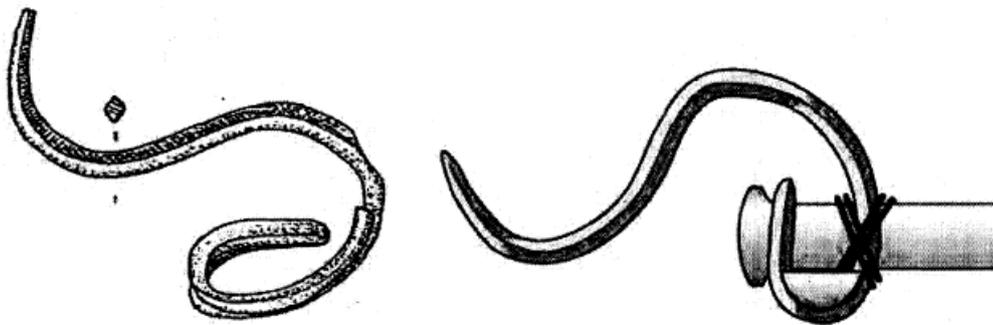


Figura 26. Ilustração do gancho da fúrcula do depósito de Langoëlan. Imagem retirada de Bowman & Needham (2005: 96).

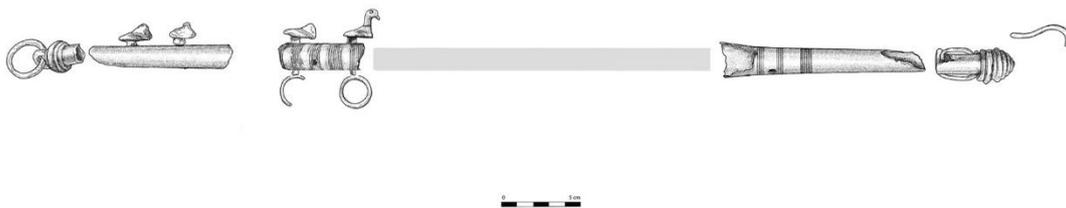


Figura 27. Proposta de reconstituição da fúrcula de Rouen.

outra, nem numa possível virola central, pois as virolas centrais não contêm este tipo de orifício, como podemos ver na figura 21, sobrando a hipótese destas extensões pertencerem a virolas diferentes cada uma sendo de uma extremidade.

Por outro lado, apesar de faltarem ainda algumas partes que conectariam as diferentes peças, conseguimos distinguir um padrão de decoração. Neste sentido, a decoração em zonas de ranhuras intercaladas com zonas lisas parece ser mais densa nas

¹⁶ Não confundir com os orifícios destinados aos espigões das figurações zoomórficas. Estes, por norma, estão dispostos perpendicularmente a estes e em fileira.

regiões mais próximas do cabo de madeira e mais afastada quando se aproximam do centro da virola, deixando de existir para lá de metade da virola. Ora, a extensão tubular de maior comprimento contém as três fases abordadas, uma parte com decoração mais densa, outra com decoração mais afastada e outra sem qualquer decoração, fazendo-nos pensar que esta quase completaria uma virola, logo não teria nenhuma das restantes extensões tubulares diretamente associadas. O mesmo não se pode dizer da de médio comprimento, que não tem qualquer decoração de ranhuras e da de menor comprimento, que tem alguma densidade de ranhuras decorativas, ou seja, estas pertencerão à mesma virola, faltando um fragmento com decorações de ranhuras mais afastadas e talvez com mais figurações zoomórficas entre ambas.

Quanto às figurações zoomórficas, infelizmente apenas uma se encontra completa, contudo, apresenta detalhes suficientes para percebermos o animal que esta pretende retratar. Como podemos verificar na figura 28, encontramos várias semelhanças entre a figura e uma pomba, principalmente no bico relativamente pequeno e fino, na forma arredondada da cabeça seguida por um pescoço fino e, para além disto, nas riscas presentes no pescoço e nas asas (BORDAS *et al.*, 2020: 175-176). Como as restantes figuras não estão completas não podemos afirmar com certezas que, tal como esta, representariam pombas, porém, contêm as mesmas decorações nas asas, o que nos permite supor que sim.

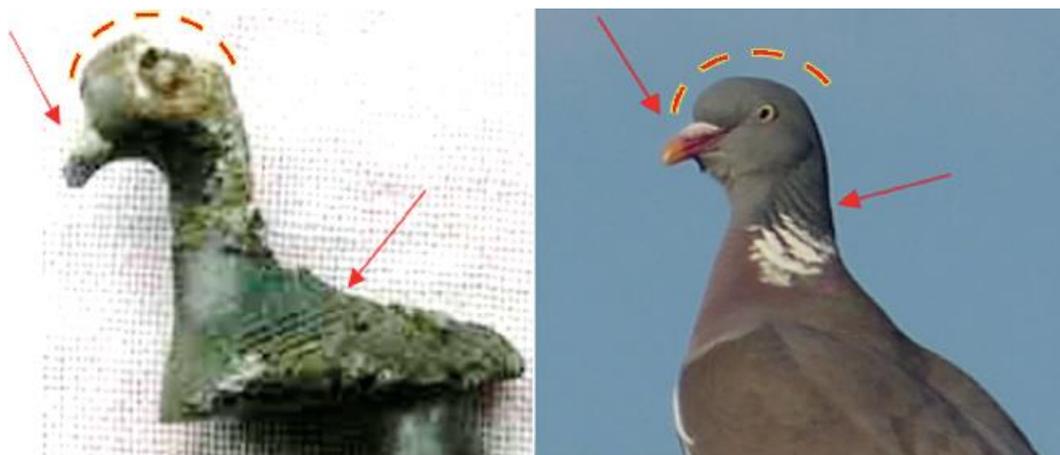


Figura 28. Semelhanças entre a figuração de ave da fúrcula de Rouen e de uma pomba (*Columba palumbus*). Imagem retirada de Bordas *et al.* (2020: 176).

Tendo isto em conta, podemos verificar que, apesar de escassas e com diferentes complexidades, as fúrculas que apresentam figurações zoomórficas são, efetivamente, *sui generis* pois (quanto às figuras) não apresentam qualquer semelhança com outro objeto

do Mundo Atlântico. A de Cantabrana é na sua plenitude a representação zoomórfica, isto é, não tem uma figura montada como os restantes objetos, o seu design foi concebido para representar um animal.

A fúrcula de Dunaverney e a de Rouen, por outro lado, têm de facto figuras montadas, mas estas, para além de serem num número elevado representam duas espécies de aves diferentes (no que toca à de Dunaverney), sendo possível, segundo Leonard (2014b: 130) apresentarem uma dualidade entre a vida e a morte, por exemplo. Contudo, esta ideia parece basear-se no pensamento ocidental atual. Posto isto (e iremos abordá-lo de modo mais aprofundado no próximo capítulo), não sabemos qual a visão que as comunidades do Bronze Final, nas diferentes regiões, teriam sobre a vida e a morte, podendo ser vistas não como opostos, mas sim como um complemento, por exemplo, o que, de imediato, tornava este pensamento incorreto, ou inadequado.

5.1.2. Espetos articulados

Burgess e O'Connor (2004: 186-187), na sua revisão dos estudos de espetos articulados, consideraram a existência de 21 destes instrumentos sem qualquer dúvida da sua identificação, dos quais onze foram encontrados no Centro/Norte do território português e na Extremadura espanhola, seis em território francês, um na ilha de Jersey, no Canal da Mancha, um nas ilhas britânicas, um na Sardenha e outro no Chipre. Consideraram também a existência de três possíveis espetos, todos encontrados em Portugal e ainda enumeraram cinco alegados espetos articulados, dos quais persistem algumas dúvidas quanto à sua identificação (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 187 e 197).

Contudo, segundo Armada Pita e Vilaça (2016: 136; VILAÇA & CRUZ, 1999: 88 .36; VILAÇA, 2007b: 68), aos 21 (talvez 24 se contabilizarmos os possíveis) de Burgess e O'Connor podemos acrescentar mais quatro em território português: um encontrado na década de 1980 por A. Horta Pereira e T. Bubner em Castelo Velho do Caratão (Mação), mas que foi apenas identificado em 2012 por Vilaça no Museu de Mação, composto por dois fragmentos de haste de secção quadrangular e um fragmento da parte articulada do espeto; resultado da escavação de um depósito numa fossa, em contexto não habitacional, em Alhais de Cima (Alto das Orquinhas, Vila Nova de Paiva), foram encontrados outros três espetos articulados, mas infelizmente o seu paradeiro é desconhecido

Os contextos arqueológicos de descoberta dos espetos articulados apresentam uma problemática diversa e complexa, tal como os das fúrculas, existindo alguns que instigam a relação dos instrumentos com atividades rituais, outros que foram encontrados em depósitos sem contexto específico e ainda outros encontrados em povoados e túmulos (ARMADA PITA, 2005a: 265). Curiosamente, a diversidade de complexidade parece seguir um modelo geográfico, sendo que em território francês e britânico o contexto habitual são depósitos terrestres ou em ambiente aquático, na Península Ibérica foram principalmente encontrados em povoados e em contexto habitacional, e no Chipre, o já referido espeto articulado de Amathus foi descoberto num contexto funerário (ARMADA PITA, 2005a: 265).

Quanto às figurações zoomórficas, estas são muito mais frequentes nos espetos articulados do que nas fúrculas. Efetivamente, foram encontrados cerca de onze espetos articulados com figurações zoomórficas: o de Port-Sainte-Foy, Dordonha (França), o de Forêt de Compiègne, Oise (França), o de Challans, Vendéia (França), o de Notre Dame d'Or, Vienne (França), o de St. Mary, Jersey (Canal da Mancha), o de Orellana la Vieja, Badajoz (Espanha), o de Monte Sta Idda, Sardenha, o de Amathus, Chipre e mais três encontrados em território português que serão estudados de modo mais aprofundado adiante (e a figura “isolada” da Cachouça) (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 120-121).

Como podemos verificar, há uma forte presença destes instrumentos com figurações em França, formando cerca de 2/3 do total de encontrados (seis), dando a impressão de uma importância mais elevada das figurações nesta região, e por outro lado, enquanto que no caso do território francês, cada espeto articulado foi encontrado em sítios arqueológicos ou depósitos diferentes, no caso ibérico, na sua maioria, foram encontrados dois ou mesmo três espetos articulados no mesmo conjunto. Portanto, se contabilizarmos os contextos de descoberta que detêm estes instrumentos chegamos a 60% do total, que é semelhante ao número francês, ou seja, a importância das figurações seria relativamente semelhante nas regiões que utilizavam os espetos articulados¹⁷.

Começando pelos exemplares franceses, o exemplar de Port-Sainte-Foy (figura 29) é um dos poucos encontrados e completos em território francês (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 196; BAUMANS & CHEVILLOT, 2007: 1). Foi encontrado

¹⁷ Claro que esta é apenas uma presunção inicial. Há que ter em conta a restrita amostra e também seriam necessários mais estudos relativos aos micro-contextos de cada um dos espetos articulados para formular uma hipótese mais concreta.

enrolado, formando uma pequena bola de metal, aquando da drenagem do rio Dordonha, em 1970, fazendo hoje em dia parte de um conjunto de objetos, que inclui espadas em língua de carpa, uma ponta de lança e uma espada de ferro com cabo de ferro, adquirido por volta de 1976 (PERIDON, 2017-2018: 65). Este tem uma haste de secção quadrada com 535mm de comprimento, que vai afunilando até à ponta e anexado ao anel de suporte do gancho tem uma figuração zoomórfica de uma ave, muito provavelmente uma águia ou um corvídeo (PERIDON, 2017-2018: 65; BORDAS *et al.*: 2020: 175).

O espeto articulado de Forêt de Compiègne, Oise (figura 30), está praticamente completo, estando apenas o punho partido (BLANCHET, 1984: 317; BURGESS & O'CONNOR, 2004: 196). O seu contexto original é dúbio, não se conhecendo as condições e local exato de descoberta, pois este foi comprado, juntamente com um conjunto de outras peças, pelo *Musée des Antiquités Nationales Saint-Germain-en-Laye*, a um privado em 1970 (BLANCHET, 1984: 316). O instrumento tem um comprimento de haste de 597 mm e apesar de ter o punho partido, com certeza que teria um anel, como os restantes (BLANCHET, 1984: 316-317). No topo do anel de suporte do gancho está a figura esquematizada de uma ave, que Blanchet (1984: 317) propõe ser uma esquematização de uma galinha, contudo, esta espécie apenas foi introduzida na Europa a partir de 700 a.C., pelo que é difícil ser este o animal aqui retratado, tratando-se talvez de uma pomba.

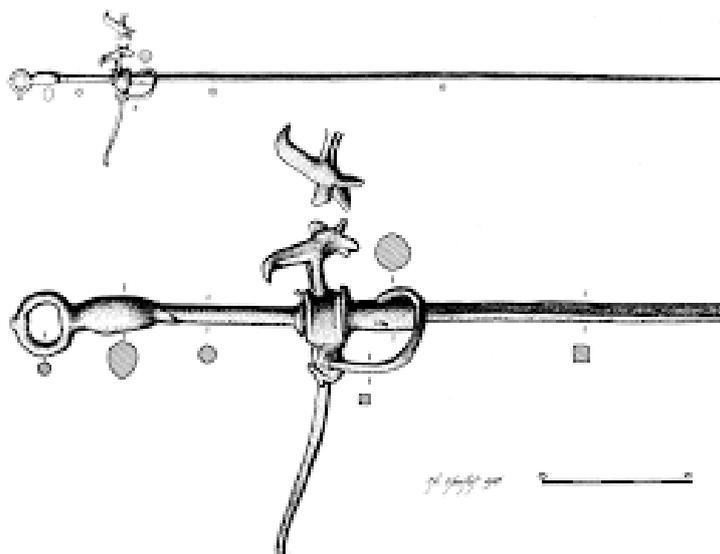


Figura 29. Espeto com figuração zoomórfica de Port-Sainte-Foy, Dordogne, França. Imagem retirada de Baumans & Chevillot (2007: 1).

O espeto de Challans, Vendée (figura 31), provém de um depósito constituído por cerca de 298 peças, incluindo espadas, pontas de lança, machados, *racloirs*, punhais, braceletes, entre outros, tendo sido descartados em variadas fases de utilização (VERNEY, 1990; PERIDON, 2017-2018: 20). O depósito foi encontrado por Henri Barraud, em 1956, enquanto este escavava um buraco para instalar uma estaca de videira (VERNEY, 1990: 396). O espeto articulado, é composto pela haste, que tem uma secção

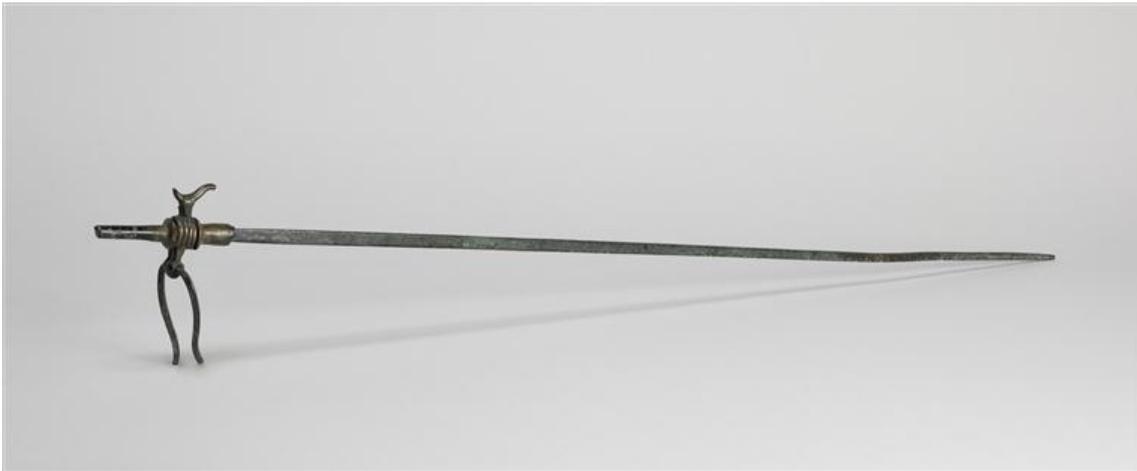


Figura 30. Espeto articulado com figuração zoomórfica de Forêt de Compiègne, Oise, França. Imagem retirada de <https://twitter.com/Archeonationale/status/1253339054420029440> acedido a 2/12/2020.

circular e está fragmentada, o suporte da haste, o anel de suporte do gancho e parte do punho (VERNEY, 1990: 409; BURGESS & O'CONNOR, 2004: 196). Anexado ao anel de suporte de gancho está a figuração de uma cabeça de veado esquematizada, incluindo também as hastes (VERNEY, 1990: 409).

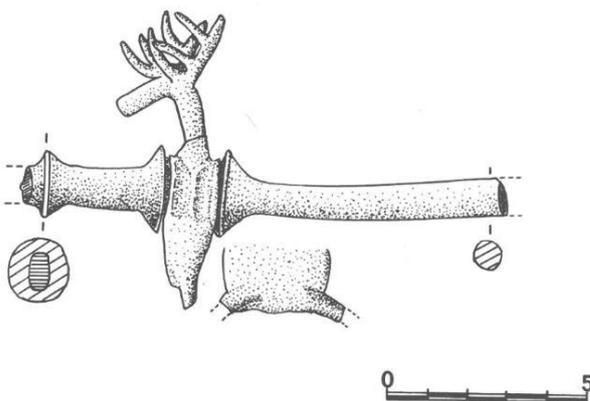


Figura 31. Espeto articulado de Challans, Vendée, França. Imagem retirada de Peridon (2017-2018: 19).

foram o punho, parte do suporte da haste e o anel de suporte do gancho, que no topo têm a figuração de um quadrúpede sem cabeça (PERIDON, 2017-2018: 50).

O exemplar de Notre Dame d'Or (figura 32) foi também descoberto num contexto de depósito, em 1843, com cerca de 104 elementos, incluindo armas e outros objetos em bronze (PERIDON, 2017-2018: 50). Os elementos do espeto que sobreviveram ao tempo

O caso do exemplar de St. Mary, da ilha de Jersey, no Canal da Mancha (figura 33), é peculiar, por duas razões: o contexto de depósito ainda não foi publicado na sua íntegra, dificultando o estudo do espeto, sabendo-se apenas que o depósito (o maior encontrado até à data na ilha) foi encontrado em 1995 e consiste em 178 peças de bronze, na sua maioria partidas, incluindo espadas em língua de carpa, ornamentos, ferramentas e restos de trabalho do metal, sendo portanto identificado como um depósito de fundidor (SCATE & THORNE, 2007-2008: 1; DRISCOLL, 2010: 75); do espeto resta apenas o suporte da haste, o suporte de anel do gancho e parte do punho, tendo também a figura zoomórfica completamente partida, restando apenas a base (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 196). Segundo Burgess & O'Connor (2004: 189), o que sobreviveu da base da figuração parece expandir-se como o animal quadrúpede de Notre Dame d'Or.

O espeto articulado com figuração zoomórfica de Orellana la Vieja (figura 34), Badajoz (Espanha) foi encontrado juntamente com outros dois espetos articulados, perto da localidade, não existindo mais detalhes referentes à descoberta (ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, 1983: 2). A peça tem uma haste de secção quadrangular e encontra-se

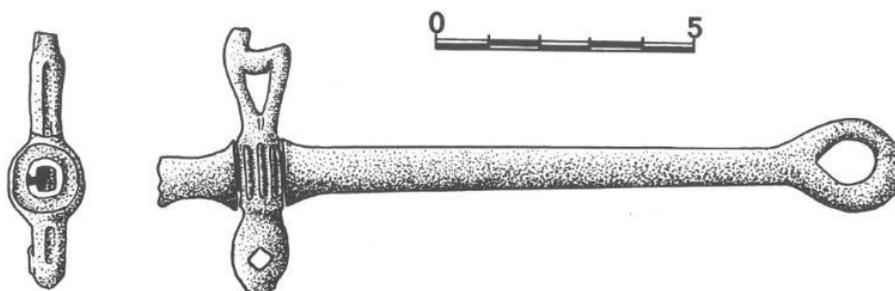


Figura 32. Espeto articulado de Notre Dame d'Or, França. Imagem retirada de Peridon (2017-2018: 50).



Figura 33. Espeto articulado com figuração zoomórfica de St Mary, Jersey, Canal da Mancha. Destaque para a fratura da possível figuração zoomórfica na imagem da direita. Fotografias cedidas pelo *Jersey Heritage*.

completa, à exceção do gancho de suporte, medindo cerca de 605mm de comprimento (ENRIQUEZ NAVASCUÉS, 1983: 3). A figuração encontra-se partida, não sendo possível perceber qual animal representaria.

Por fim (com exceção dos casos portugueses que serão abordados mais adiante) falta enumerar os espetos articulados encontrados num contexto não atlântico. O espeto articulado de Monte Sa Idda, Sardenha, provém também de um depósito descoberto em finais de 1914, e recuperado pouco tempo depois em 1915 por Taramelli (LO SCHIAVO, 2008: 426). O depósito estava contido em dois grandes vasos, um dentro do outro, numa sala que se situa no topo de uma colina granítica, a um nível inferior a um complexo nurago (LO SCHIAVO, 2008: 427).

Segundo Taramelli, por cima da sala estava um esteio de quase 3 metros de altura, que serviria como menir sinalizador do depósito, para evidenciar a sua intangibilidade (TARAMELLI, 1918: 165 em LO SCHIAVO, 2008: 427). O depósito tem duas peculiaridades, segundo Burgess e O'Connor (2008: 194): a primeira é que a maior parte dos elementos que o compõem são de origem peninsular, talvez incluindo o fragmento de espeto articulado, existindo também materiais de origem cipriota; a segunda é que o depósito foi uma acumulação de objetos de variados períodos, incluindo o Calcolítico da Europa Ocidental, Bronze Médio e Bronze Final, estendendo-se por mais de 1500 anos.

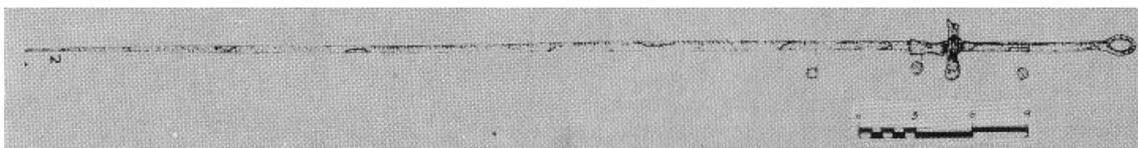


Figura 34. Espeto articulado com figuração zoomórfica de Orellana la Vieja, Badajoz, Espanha. Imagem adaptada de Enriquez Navascués (1983: 3 e 4).

O espeto articulado de Monte Sa Idda (figura 35) é composto pelo suporte da haste, o suporte do anel de gancho e parte do punho. Tal como o de Notre Dame d'Or, a figuração zoomórfica é de um quadrúpede à qual lhe falta a cabeça (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 196).

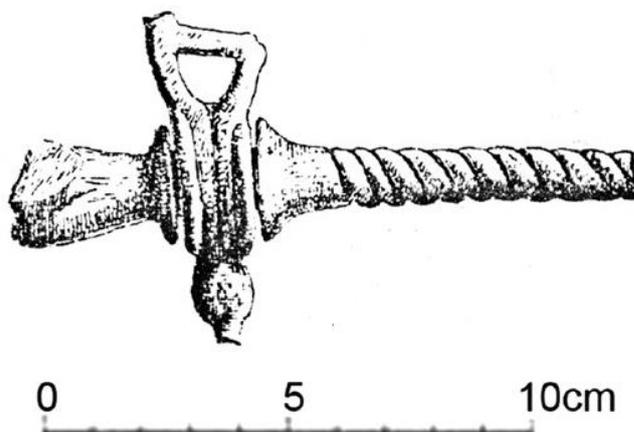


Figura 35. Espeto articulado com figuração zoomórfica de Monte Sa Idda, Sardenha, Itália. Imagem retirada de Bordas *et al.* (2020: 172).

Já o espeto articulado de Amathus, Chipre (figura 36) é algo diferente dos restantes, não tendo qualquer diferenciação entre haste, suporte da haste, fuso e punho, entre outros, como já foi referido, e ao mesmo tempo, não é perceptível a figuração que teria, pois como está partida não é possível perceber se pertenceria a um animal ou outro tipo de figuração única e desconhecida até ao momento (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 187). Este foi encontrado num contexto funerário datado da fase Cypro-Geometric I (entre 1050 a.C. e 950 a.C.), o que pode indicar, se tomarmos como certa a hipótese de

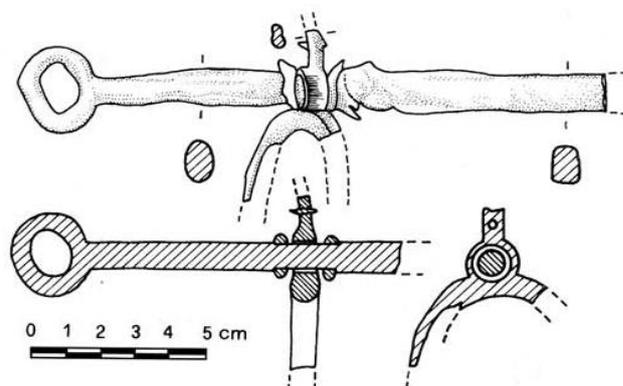


Figura 36. Espeto articulado com figuração de Amathus, Chipre. Imagem adaptada de Lo Schiavo (2008: 429).

os espetos articulados terem sido utilizados em Portugal durante a fase Híó-Arganil, que o espeto de Amathus, não será um protótipo dos espetos articulados, mas sim uma cópia local dos mesmos (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 194-195).

5.2. Em Portugal

Como pudemos verificar, a Península Ibérica foi a principal área de difusão dos espetos articulados, principalmente em Portugal, com cerca de onze dos catorze encontrados na Península (se contarmos também os possíveis espetos), porém poucos foram os casos de fúrculas encontradas, sendo o maior foco as Ilhas Britânicas. As figurações zoomórficas, por outro lado, no caso das fúrculas, são bastante escassas, existindo apenas duas, enquanto que nos espetos articulados estes elementos são algo comuns, existindo cerca de dez.

Ora, em território português foram descobertas duas fúrculas de classe 3: a de Solveira, Trás-os-Montes, e a da Senhora da Guia, Baiões, que até à data é a única com três dentes (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 103), não tendo qualquer figura zoomórfica. Por outro lado, os espetos articulados tiveram mais impacto, tendo sido encontrados três espetos articulados na Serra de Alvaiázere, Leiria, um em Nossa Senhora da Guia, Baiões, Viseu, um em Cachouça, Idanha-a-Nova, um em Canedotes, Viseu, dois em Reguengo do Fetal, Leiria e, se contabilizarmos os possíveis, um em Bocas, Santarém, um em Moreirinha, Idanha-a-Nova e um em Santa Olaia, Figueira da Foz (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 196-197). Destes, um da Serra de Alvaiázere, o de Baiões e o de Cachouça têm figurações zoomórficas.

5.2.1. Espeto articulado de Alvaiázere

A proveniência exata do conjunto de três espetos de Alvaiázere é ainda alvo de discussão, pois, segundo Silva e Luís (1995: 84) “Coffyn diz que provêm da Serra de Alvaiázere (coordenadas Gauss: 1176,7/318,8; C.M.P 1:25000, fl.287), mas Almagro Gorbea considera serem provenientes da vertente norte da dita serra”. Por outro lado, as fichas dos objetos do Museu Nacional de Arqueologia indicam que estes foram encontrados na Marzugueira (uma aldeia que se situa no sopé da vertente Norte da Serra de Alvaiázere), nomeadamente perto de uma nascente de água, na atualidade adaptada a fonte e tanque da aldeia (SILVA & LUÍS, 1995: 84; VILAÇA, 2006: 73).

O povoado da Serra de Alvaiázere, localizado na vertente Norte da serra homónima terá sido primeiramente mencionado por José Leite de Vasconcelos em 1917

(FÉLIX, 1999: 64). Aquele terá uma área entre os 40 e os 45 hectares, com duas cinturas de amuralhamentos (FÉLIX, 1999: 64-65). Os artefactos encontrados distribuíam-se na zona setentrional da cintura exterior de amuralhamento e em plataformas formadas na zona Este e Oeste da serra (FÉLIX, 1999: 65). O estudo dos materiais encontrados junto à muralha interna, indicam que a sua construção, utilização e abandono ocorreram na Idade do Bronze Final e a exterior, provavelmente, terá sido construída simultaneamente à primeira (FÉLIX, 1999: 66). Deste modo, define-se o exterior com estruturas agrícolas e/ou de habitação e de guarda de animais, pertencendo a muralha interna às elites (FÉLIX, 1999: 66). Tendo isto em conta, com a descoberta deste povoado, ao que tudo indica, os espetos pertenceriam a um “*depósito periférico*” monotipológico¹⁸ (VILAÇA, 2006: 65 e 73).



Figura 37. Espeto articulado com figuração zoomórfica de Alvaiázere. Imagem retirada de: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=120049>.



Figura 38. Pormenor da figura zoomórfica do espeto articulado de Alvaiázere. Imagem retirada de Armada Pita & Vilaça (2016, 157).

O espeto articulado com figuração zoomórfica de Alvaiázere (figura 37), aliás como os restantes instrumentos neste trabalho enumerados, foi forjado através do método de cera perdida, na confeção do punho, da conexão móvel (incluindo a figura zoomórfica) e da haste (ARMBRUSTER, 2000: 96 e 199), que posteriormente foram unidos por

¹⁸ A discutir no próximo capítulo.

fundições adicionais e martelamento (ARMADA PITA & VILAÇA, 2016: 135). A haste é de secção quadrangular, com punho de secção circular com anel no fim e suporte em forma de ferradura com a figuração de duas aves no topo, provavelmente dois anatídeos, um em cima do outro (figura 38) (JORGE coord., 1995: 32). Este tem as medidas 706×115×60mm e está depositado no Museu Nacional de Arqueologia (JORGE coord., 1995: 32).

5.2.2. Espeto articulado de Baiões

A estação arqueológica do Castro da Senhora da Guia, Baiões, São Pedro do Sul, Viseu, foi pela primeira vez referenciada por Frei Agostinho de Santa Maria, nos inícios século XVIII e posteriormente, ao longo do século XX foram recolhidos vários objetos avulsos, incluindo cerâmicas, bronzes e objetos de adorno em ouro (SILVA *et al.*, 1984: 73). As escavações realizadas no castro tiveram lugar em 1973 e 1977 e permitiram caracterizar o sítio arqueológico e compreender a sua importância, principalmente tendo em conta a descoberta do depósito de fundidor no espaço de habitat¹⁹ (SILVA *et al.*, 1984: 74). Dias depois da descoberta foi efetuada uma escavação de emergência na qual foi possível identificar o local exato do depósito e correlacionar com este os objetos avulsos encontrados em anos anteriores (SILVA *et al.*, 1984: 74).

Ao longo de 10 anos, foram encontrados cerca de 127 objetos de bronze e mais de duas centenas de fragmentos de arame e sucata, restos de fundição, escórias e barras para trabalho à forja, no povoado, sendo que cerca de 50 dos objetos e 30 dos fragmentos diversos pertencem ao depósito (SILVA *et al.*, 1984: 75; SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000: 63; VALÉRIO *et al.*, 2006: 294).

Este povoado constitui, portanto, um local de elevada importância para o estudo das comunidades do Bronze Final, tendo uma rede complexa de contactos entre o mundo Atlântico e o Mediterrâneo Oriental que se evidencia com os artefactos do depósito de Baiões, tendo também, uma forte conexão ao mundo social e ideológico Atlântico demonstrado pela grande maioria da tipologia dos exemplares recolhidos (SENNA-MARTINEZ & PEDRO, 2000: 61; VALÉRIO *et al.*, 2006: 292).

A proveniência do espeto articulado com figuração zoomórfica de Baiões (figura 39), continua em debate, não se tendo a certeza se este faria parte do depósito de fundidor

¹⁹ A descoberta foi acidental, tendo sido fruto da abertura de um poço artesiano e de uma vala de canalização para abastecimento de água (SILVA *et al.*, 1984: 74).

ou se foi “deixado” no povoado, pois foi encontrado aquando das escavações de Tavares da Silva em 1973, ou seja, antes de ter sido descoberto o depósito (ARMADA PITA, 2002: 96). O objeto encontra-se completo, à exceção do anel no final do punho, mas fragmentado na haste²⁰. A este espeto foram feitas análises químicas que indicam um elevado nível de corrosão, explicando assim um elevado teor de estanho, tendo este objeto sido produzido por uma liga binária de cobre e estanho, com baixo teor de chumbo (VALÉRIO *et al.*, 2006: 308 e 314). A figura zoomórfica, provavelmente, será a representação esquemática de uma pomba ou de uma rola (estas últimas, nomeadamente da espécie *Streptopelia turtur*, ou seja, a rola-brava, que são aves migratórias, não domesticadas, que existiriam na Idade do Bronze Final).

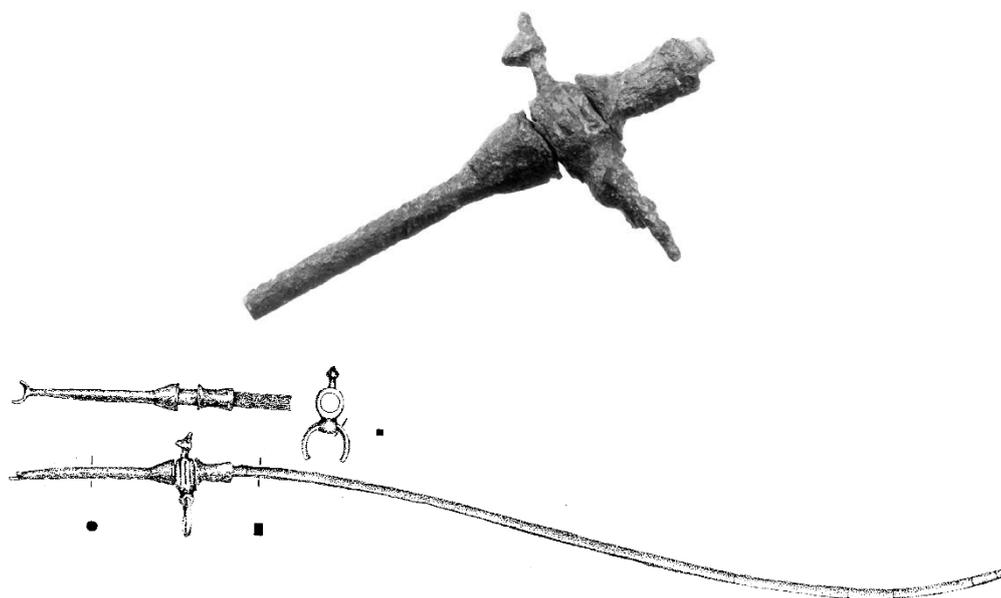


Figura 39. Espeto articulado com figura zoomórfica de Baiões. Retirado de Armbruster (2000: Taf. 23 e 24).

5.2.3. Espeto articulado da Cachouça

O sítio arqueológico da Cachouça localiza-se no concelho de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, numa “zona planáltica definida pelo remate de um esporão”, surgindo na linha de relevos da bacia do rio Ponsul (VILAÇA, 2007b: 67). Este foi intervencionado ao longo da década de 1990 por Raquel Vilaça e Ana Cristina Oliveira, permitindo adquirir alguns conhecimentos e evidenciar a importância do sítio (VILAÇA, 2007b: 67).

Este deteve uma ocupação primária efémera, e uma segunda ocupação mais prolongada e também mais profunda, sendo difícil distinguir níveis do Bronze Final e da

²⁰ Há que ter em conta que segundo Burgess & O’Connor (2004: 196), o suposto fragmento de haste não pertencerá a um espeto articulado.

I Idade do Ferro, pois muitas vezes materiais ligados ao Bronze Final surgem associados a materiais ligados à I Idade do Ferro, em termos estratigráficos (VILAÇA, 2007b: 67). Quanto às estruturas foi encontrada uma cabana circular com seis metros de diâmetro, uma lareira, um talude delimitador de fronteira, monólitos e afloramentos com *fossettes*, que em conjunto invocam um simbolismo superior (VILAÇA, 2007b: 71).

Efetivamente esta estação arqueológica teria também uma especial componente cosmológica evidenciada na transformação do espaço, tendo em conta a égide do círculo incluída no talude, na cabana, nas *fossettes*, na lareira e na linha do horizonte (VILAÇA, 2007b: 71). A associação da forma circular ao culto solar e à ideia de um tempo cíclico de retorno às origens não é novidade, pois, como afirma Vilaça (2007b: 71) “se o cosmos é concebido de forma redonda, criar um círculo, não só simboliza o cosmos, como o reproduz no microcosmos”.

A estes elementos juntam-se os atos de deposição que marcam os pontos fulcrais da vida de um sítio, que na Cachouça parecem ser representados por um depósito de fundação do lado do Sol Nascente (provavelmente a entrada do sítio) e do lado do Sol Poente por uma taça fragmentada entre pedras superficiais do talude, representando, talvez, a primeira o princípio das vivências e a segunda o final destas na estação arqueológica (VILAÇA, 2007b: 71).

Foram encontrados cerca de 72 pedaços disformes e artefactos de bronze de diversas tipologias que vão desde tecnologias relativamente simples a tecnologias mais complexas, denotando-se ligações ao Mediterrâneo (VILAÇA, 2007b: 68). Entre estes objetos foram encontrados objetos rituais, como fragmentos de caldeirão e de espeto articulado, assim como uma figura zoomórfica em metal e outra em terracota (VILAÇA, 2007b: 68-69).



Figura 40. Espeto articulado com figuração zoomórfica da Cachouça.

O espeto articulado (figura 40) foi encontrado e recolhido em 1990 em prospeção e está dividido em dois fragmentos: parte da haste, com cerca de 199mm de comprimento, com secção quadrangular de 6mm de espessura, e anel de suporte de gancho (faltando o suporte de haste) com parte do punho de 64mm de comprimento e de secção circular, com uma figuração zoomórfica de um quadrúpede sem cabeça, talvez de cervídeo, no topo (figura 41) (VILAÇA, 1990: 168; JORGE coord., 1995: 32; VILAÇA, 2007b: 68).

Para além deste espeto é possível que exista outro, pois foram encontrados sete prováveis fragmentos de haste e punho, assim como uma figura zoomórfica (VILAÇA, 2007b: 68). Esta figura zoomórfica (em estudo) tem cerca de 10mm de largura e outros 9mm de altura, representando talvez um cão ou uma raposa (figura 42). Não estando esta figura assente em qualquer instrumento não podemos ter certezas quanto à sua origem funcional. Esta figura aparenta ser demasiado larga para estar montada no espeto, a não ser que esta tivesse uma base que a conectasse ao anel do suporte da haste o que não aparenta.



Figura 41. Pormenor da figura zoomórfica do espeto articulado da Cachouça.



Figura 42. Figura zoomórfica avulsa da Cachouça.

5.3. Notas finais

Pudemos verificar, então, que no decorrer do Bronze Final Atlântico não havia uma uniformidade nos utensílios culturais utilizados, notando-se uma maior presença de fúrculas nas Ilhas Britânicas e de espetos, incluindo espetos articulados, na Península Ibérica. Esta diferença poderá ser explicada pelos contactos de cada uma das regiões. As Ilhas Britânicas e do Canal da Mancha teriam fortes contactos com a Europa Central de Campos de Urnas, ao contrário da Península Ibérica, onde a cultura dos Campos de Urnas escassamente chegou, e que teve contactos com o Mediterrâneo Oriental.

Ora, apesar de ainda existir uma discussão bem aberta sobre este assunto, pensa-se que o consumo de carne cozida nos rituais de comensalidade e, portanto, a utilização de caldeirões e fúrculas terá sido transferida para o Norte Atlântico, da Europa Central a partir de trocas com a cultura micénica e a Europa Central, passando apenas depois pela Península Ibérica, que por sua vez, devido aos contactos com o Mediterrâneo Oriental e com a Sardenha, em específico, “recebeu” o consumo de carne assada em rituais de comensalidade e a utilização dos espetos articulados (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 117-118; RUIZ-GÁLVEZ & GALÁN, 2012: 48).

Tendo isto em conta, foram encontradas 37 fúrculas na Europa Atlântica, 20 das quais nas Ilhas Britânicas e sete na Península Ibérica (NEEDHAM & BOWMAN, 2005). Denota-se assim a primazia das fúrculas neste território, sendo que estas foram descobertas em contextos variados de deposição, alguns em locais ligados à água, como rios, lagos, mar e até nas *wetlands* irlandesas (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 118-119). Os espetos articulados têm 25 (ou 28 se contabilizarmos os possíveis) representantes dos quais quinze (ou dezoito) foram recuperados na Península Ibérica, um na ilha de Jersey (Canal da Mancha), um nas ilhas britânicas, seis em território francês e dois no Mediterrâneo, um em Sardenha e outro no Chipre (BURGESS & O’CONNOR, 2004, 196-197; VILAÇA, 2007b, 68; ARMADA PITA & VILAÇA, 2016: 136).

Estes objetos são altamente complexos, sendo necessária uma admirável capacidade de trabalhar o metal por parte de um fundidor especializado, o que dá ao artefacto um grande valor de prestígio (ARMADA PITA, 2011: 162). Esta complexidade envolveria a utilização de métodos de fundição, como o da cera perdida e outras tecnologias que não seriam empregues em outros objetos como ferramentas ou armas (ARMADA PITA, 2011: 162). Após a sua manufatura, o objeto entraria em circulação, porém neste aspeto perduram algumas dúvidas.

Comummente podemos abordar este assunto a partir de dois pontos de vista: o que diz que os metais seriam comercializados e transportados de sítio para sítio, e o que diz que não eram os metais que circulavam, mas sim as pessoas e o seu conhecimento, levando-o e ensinando-o a outros lugares, a outras pessoas. Contudo Armada Pita (2011: 167) sugere um outro ponto de vista, um meio termo entre as duas hipóteses, em que os objetos, neste caso de banquete, poderiam ser utilizados em locais perto do local de fabrico, ou poderiam ter sido transportados por longas distâncias até chegarem ao seu utilizador, ou até serem oferendas ou trocas dos seus utilizadores primários com outras elites.

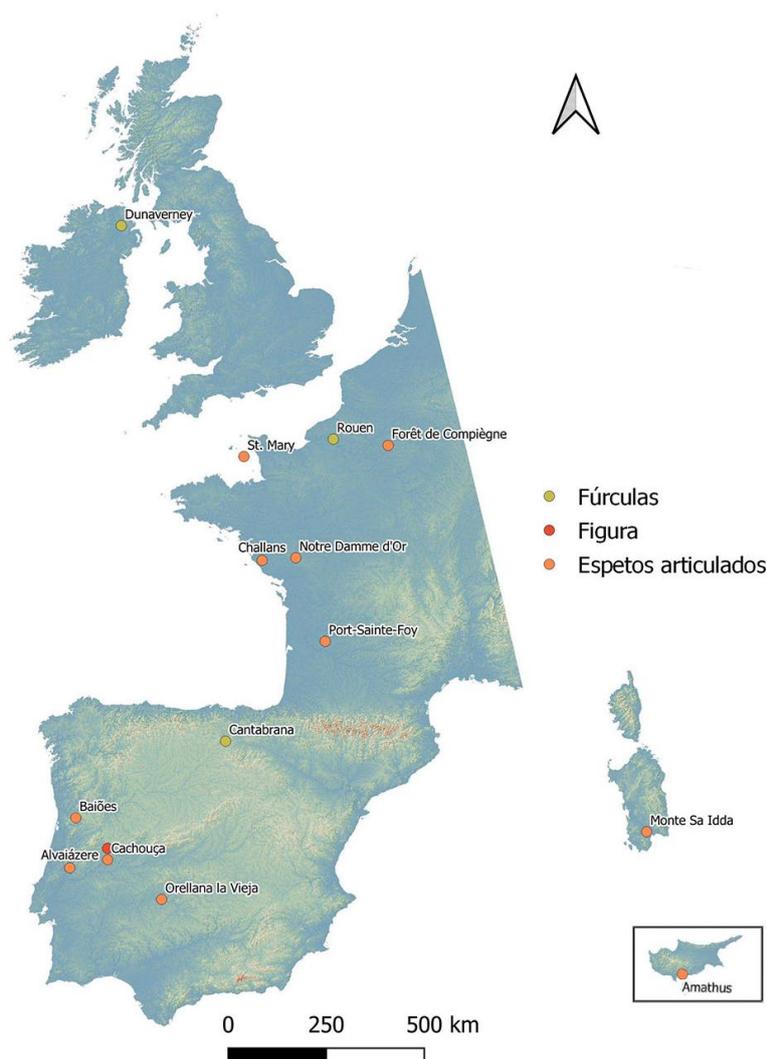


Figura 43. Distribuição dos objetos metálicos com figurações zoomórficas da Idade do Bronze Atlântico.

Algumas fúrculas e espetos articulados contêm figurações zoomórficas (figura 43), sendo algo escassas no caso das primeiras, em que apenas foram encontradas a de Dunaverney, a de Cantabrana e a de Rouen, até à data. No caso dos espetos articulados as figuras já são mais comuns (onze), podendo representar aves ou quadrúpedes. Em todo o caso, as figuras são esquematizadas e algumas de difícil perceção. Infelizmente, nenhuma figura de quadrúpede chegou aos nossos dias com a cabeça intacta, mas provavelmente representariam bovinos (vacas/touros), caprinos (cabras ou ovelhas), cervídeos (veados, damas, corças) ou equídeos (mais provavelmente cavalo).

Estes objetos teriam um elevado apreço pelas elites do Bronze Final Atlântico, devido principalmente ao valor de prestígio que destes emanava, assim como a simbologia e significado inerente, e com estes objetos como figura central de um banquete a elite conseguiria demonstrar o seu privilégio e a sua capacidade de manter o poder.

6. O contexto ritual, iconografia e simbolismo

Diretamente ligados a banquetes e a rituais de comensalidade, estariam, propõe-se, as fúrculas e espetos articulados. A necessidade biológica de comer e beber, juntamente com o seu potencial de socialização (por ser uma atividade de carácter repetitivo) e o facto de serem uma incorporação de cultura material (são objetos materiais produzidos especificamente para serem destruídos), ajudam, juntamente com outras atividades rotineiras, a inculcar o *habitus*, isto é, “o conjunto de disposições corporificadas que estruturam a ação no mundo e que, inconscientemente, instanciam papéis sociais, categorias culturais e perceções de identidade e diferença” (DIETLER, 2011: 179).

6.1. Os rituais de comensalidade

O ritual de comensalidade não é um fenómeno único, isto é, não é caracterizado por uma só função, mas sim por uma categoria de rituais que caracteriza uma grande variedade de práticas culturais, podendo ter uma grande diversidade de objetivos, como criar ou fortalecer alianças entre grupos, afinidades culturais, reafirmar a unidade da comunidade, manter hierarquias, celebrar festejos, entre outros (LEONARD, 2014a: 38-39). Deste modo, o ato da alimentação é englobado por uma forte aura emocional (ARANDA JIMÉNEZ, 2016: 18).

Posto isto, um banquete ritualiza esta ação mundana de comer e beber ao tornar estas atividades domésticas de meio familiar restrito, em atividades comunais que podem englobar toda a comunidade, oferecendo uma forte representação simbólica e uma manipulação das dinâmicas sociais, tendo também uma dimensão política (DIETLER, 2011: 180). Contudo, o processo diversifica-se de acordo com o seu contexto histórico e espacial, envolvendo padrões sociais historicamente determinados, como exclusões religiosas e *taboos* (ARANDA JIMÉNEZ, 2016: 18).

Deste modo, a preparação, a distribuição e o consumo de alimentos assinalam diferenças baseadas no género, na idade, no estatuto, entre outros, mas, ao mesmo tempo, a preferência ou aversão a certos tipos de alimentos, assim como as regras de preparação e consumo dos mesmos expressam uma identidade comunitária (ARANDA JIMÉNEZ, 2016: 18).

Uma parte fulcral dos banquetes, do ideal do banquete, é a hospitalidade comensal, uma forma especializada de troca de ofertas, que estabelece uma relação de

obrigatoriedade recíproca entre anfitrião e convidados, em que o primeiro prepara o banquete e o oferece aos segundos, que ficam em dívida para com o primeiro, sendo possível deste modo usar a comida e a bebida para manipular, criar e manter as relações sociais (DIETLER, 1996: 90-91; ARANDA JIMÉNEZ, 2016: 19). Ao mesmo tempo os banquetes possibilitam mecanismos de mobilização laboral, que posteriormente se reflete na economia política da comunidade (DIETLER, 1996: 91). Devido a tudo isto, os banquetes podem ser vistos como mecanismos de solidariedade social que criam um sentido de comunidade, ao mesmo tempo que se criam relações de superioridade e inferioridade social, devido à reciprocidade de obrigações, até à dívida ser paga (DIETLER, 1996: 91; ARANDA JIMÉNEZ, 2016: 19).

Dietler (1996) define três tipos de padrão de banquetes que intitula de banquetes empreendedores, banquetes de papel de patrono e banquetes diacríticos.

O primeiro consiste numa manipulação competitiva da já referida hospitalidade comensal, com o objetivo de adquirir um poder político e económico informal, ou seja, ter a capacidade de influenciar as decisões ou ações da comunidade através das relações criadas pelas interações sociais ao invés de uma autoridade derivada do seu estatuto social, ou função na sociedade (DIETLER, 1996: 92). É neste sentido que surgem as relações de obrigação recíproca e a partir daí reúne-se um poder que pode variar entre uma afirmação temporária de elevação de status e a exigência de certos direitos e maior importância em decisões de grupo (DIETLER, 1996: 92).

Tendo isto em conta, no caso de sociedades sem funções políticas formalmente especializadas, organizar um banquete é um meio de adquirir ou manter o prestígio necessário para empregar liderança, e no caso de sociedades com funções políticas institucionalizadas ou com uma diferenciação formal de status (sem uma hierarquia fixada por regras que determinam quem pode ou não pertencer), a utilização de banquetes competitivos serve como meio de manter ou assumir status e funções (DIETLER, 1996: 92-93).

Segundo Dietler (1996: 97), os banquetes de papel de patrono consistem “no emprego formalizado da hospitalidade comensal para reiterar e legitimar simbolicamente relações institucionalizadas de poderes sociais desiguais”. Tal como no tipo anterior, há uma relação de obrigações recíprocas elaboradas através da hospitalidade, porém diferencia-se do anterior pois neste caso não há a expectativa de uma reciprocidade igualitária, mas sim a expectativa e aceitação de um padrão de hospitalidade contínua e

desigual, que simbolicamente manifesta a formalização de relações de poder e de status desigual (DIETLER, 1996: 97).

Deste modo, esta aceitação, devido à repetição do banquete, que suscita sentimentos de dívida social naturaliza uma formalização simbólica, isto é, aqueles que estão continuamente no papel de convidados, reconhecem simbolicamente a aceitação do anfitrião como “ministro”, e o papel de anfitrião contínuo e generoso para a comunidade é visto como um dever de quem ocupa certo status elevado ou um papel político formal (DIETLER, 1996: 97).

Os banquetes diacríticos são caracterizados pelo uso de métodos e estilos de cozinha e de consumo diferenciados como mecanismo diacrítico simbólico, para naturalizar o conceito de diferenças de status social (DIETLER, 1996: 98). Apesar desta noção ser semelhante à do tipo anterior, ela difere no sentido de dar importância a uma força simbólica de estilo e não de quantidade, e ainda na ênfase de uma exclusividade e desigualdade no círculo comensal (DIETLER, 1996: 98). As distinções estilísticas podem estar inseridas em alimentos caros, raros ou mesmo exóticos, em implementos culinários e/ou em diferenças na complexidade dos padrões de consumo ou na preparação da comida (DIETLER, 1996: 98). A importância dada a estes elementos provém da capacidade de acesso e controlo dos mesmos devido às grandes despesas ou redes limitadas de aquisição dos materiais (DIETLER, 1996: 98).

Tendo isto em conta, os banquetes em que se inseriam os objetos metálicos com figuração zoomórfica estudados neste trabalho, não parecem estar inseridos em nenhum tipo em específico, mas sim possivelmente na combinação de pontos de cada um, no sentido em que poderiam ter a componente das obrigações recíprocas para a mobilização de mão-de-obra para projetos e a competitividade como no tipo de banquetes empreendedores, a formalização simbólica da desigualdade do status social como nos banquetes de papel de patrono, e/ou a utilização de instrumentos estilísticos nos banquetes, para fazer uma demonstração do seu poder, como é característico dos banquetes diacríticos.

Por outro lado, na generalidade, como já foi anteriormente referido, um ritual não implica necessariamente uma cerimónia excêntrica, bastante elaborada e de elevada complexidade, mas sim uma transcendência carregada de simbolismo de uma atividade, outrora comum e podendo ter um aspeto religioso ou profano (ARANDA JIMÉNEZ, 2016: 18). Os rituais de comensalidade (um fenómeno que se reproduz praticamente em

todos os continentes) seriam exatamente isto, uma carga simbólica imposta na atividade frequente da alimentação, podendo ter então diversificadas facetas, desde a comemoração de uma festividade à mobilização de mão-de-obra, portanto o ritual em si também mudaria, não só de situação para situação, mas também de comunidade para comunidade (ARANDA JIMÉNEZ, 2016: 18).

No caso das comunidades do Bronze Final Atlântico, a produção e uso de objetos de ostentação em rituais possibilita a habilidade de demonstrar e comunicar, por meio de uma “performance”, um significado implícito ao público através do uso de objetos específicos por pessoas específicas (em certos casos) (LEONARD, 2014a: 5-6). Poder-se-á identificar uma grande importância e significado da cultura material com um desenvolvimento da identidade pessoal e de grupo e das expressões culturais e de comunicação (LEONARD, 2014a: 5-6).

No entanto, há que ter em conta a complexidade destes rituais, no sentido em que, podendo o objeto ser um forte componente do ritual, não significa que seja o mais importante. Para a sua execução seria necessário um planeamento a longo termo, principalmente para o melhoramento das atividades de subsistência, para possibilitar a acumulação de excedentes, existindo também a componente da ostentação inerente ao ritual que serviria para o anfitrião demonstrar o seu estatuto social e a sua riqueza aparente (LEONARD, 2014a: 38-39).

Nem sempre é perceptível a presença de um ritual de comensalidade, em contexto arqueológico, porém certas evidências conseguem ser indicadores de tal, como por exemplo vestígios de arquitetura que indiquem uma função especial, instrumentos de luxo para distribuir os alimentos, ou objetos de adorno pessoal (LEONARD, 2014a: 40). O estudo zooarqueológico do contexto pode também fornecer alguns indícios da presença de banquetes rituais através da identificação de estratégias de consumo, tendo em conta que ao longo da Proto-História peninsular seriam comuns os sacrifícios animais nos rituais de comensalidade (ARMADA PITA, 2005a: 72; LEONARD, 2014a: 41).

No consumo doméstico, geralmente está representado na amostra a totalidade das partes do animal, enquanto que no consumo cerimonial ou ritual, são apenas consumidas partes específicas do animal, podendo ser distribuídas as partes hierarquicamente, de acordo com o seu nível de prestígio (LEONARD, 2014a: 41). Por vezes, o consumo de animais antes destes chegarem ao seu auge económico, isto é, à idade em que o animal atinge o seu rendimento máximo de carne, pode também indicar que este é um alimento

de luxo, pois é contraprodutivo sustentar um animal e matá-lo antes de chegar ao seu máximo económico, a não ser que tenha algum significado sociocultural inerente, como por exemplo matar uma vitela, em que não só perdia o potencial de carne do adulto como também o leite produzido pela mãe, pois a produção de leite acaba se a vitela morrer (LEONARD, 2014a: 41). Outro importante componente dos banquetes seriam as bebidas alcoólicas, principalmente devido aos seus efeitos psicoativos e propriedades transformativas (LEONARD, 2014a: 41; DIETLER, 2011: 179).

No que toca às comunidades do atual Norte e Centro do território português, os rituais de comensalidade, em princípio, estariam em conformidade com os do Bronze Atlântico como referido anteriormente. Como pudemos verificar, apesar de ser altamente discutível (pois a coleção faunística não se apresenta grande o suficiente para formar ilações concretas), nos povoados da Moreirinha, Alegrios e Monte do Frade, haveria uma seleção das partes do corpo dos animais encontrados nos povoados, que poderá ser um indicador da existência de banquetes, apesar de não terem sido encontrados instrumentos cultuais.

Por outro lado, o sítio da Cachouça apresenta uma componente cosmológica própria que aponta para uma comunidade altamente ligada ao ritual e à simbologia, corroborada pela existência de, talvez, dois espetos articulados, um com uma figura zoomórfica, assim como a figurinha encontrada. Por outro lado, os do Sul estariam mais a par dos do Sudoeste peninsular, que não iremos abordar neste estudo.

6.2. O contexto de achado dos artefactos e o seu possível significado

Os diferentes objetos estudados nesta dissertação têm diversas proveniências contextuais, sendo que a maioria provém de depósitos e os restantes têm uma origem algo dúbia ou desconhecida ou advêm de um povoado. Dentro do primeiro grupo existe alguma variedade tipológica ao nível do depósito em si, podendo este ser de contexto aquático, terrestre, monotipológico, com várias tipologias de objetos, com poucas ou várias peças, entre outros. Outro aspeto que é necessário realçar, como Needham e Bowman sugerem (2005: 118), é que há que ter precaução quanto à ideia de que estes instrumentos teriam o mesmo significado social, independentemente da cultura. Uma análise individual completa de cada contexto, por diversas razões, não será exequível de fazer neste estudo, porém tentaremos retirar o máximo de informações que nos for possível.

Portanto, lembrando (tabela 1), dentro dos utensílios com figuras zoomórficas encontrados em contexto de depósito foram recuperados em contexto aquático a fúrcula de Dunaverney, descoberta no pântano de Dunaverney (BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 56; LEONARD, 2014b: 123) e o espeto articulado de Port-Sainte-Foy, que foi encontrado aquando da drenagem do rio Dordonha (PERIDON, 2017-2018: 65).

Num depósito, como achado isolado foi encontrada a fúrcula de Rouen (BORDAS *et al.*, 2020: 162-163). Num depósito monotipológico foi encontrado o espeto articulado com figura zoomórfica de Alvaiázere, juntamente com outros dois espetos articulados que não detinham qualquer figura (SILVA & LUÍS, 1995: 84; VILAÇA, 2006: 73).

Tabela 1. Informações relativas aos contextos dos artefactos a ser estudados.

Objetos	Contextos de achado
Figura avulsa da Cachouça	Povoado
Fúrcula de Cantabrana	Desconhecido
Fúrcula de Dunaverney	Depósito aquático
Fúrcula de Rouen	Depósito isolado
Espeto articulado de Alvaiázere	Depósito monotipológico, periférico
Espeto articulado de Amathus	Depósito funerário
Espeto articulado de Baiões	Povoado
Espeto articulado da Cachouça	Povoado
Espeto articulado de Challans	Depósito "pluritipológico"
Espeto articulado de Forêt de Compiègne	Desconhecido
Espeto articulado de Monte Sa Idda	Depósito "pluritipológico"
Espeto articulado de Notre Dame d'Or	Depósito "pluritipológico"
Espeto articulado de Orellana la Vieja	Desconhecido
Espeto articulado de Port-Sainte-Foy	Depósito aquático
Espeto articulado de St. Mary	Depósito fundidor

Em depósitos com várias tipologias de objetos e com uma grande quantidade dos mesmos (relativamente), provêm os espetos de Challans (VERNEY, 1990: 66; PERIDON, 2017-2018: 20) e Notre Dame d'Or (PERIDON, 2017-2018: 50) e Sa Idda (LO SCHIAVO, 2008: 426).

De depósitos de fundidor, isto é, depósitos com vestígios que aludem ao trabalho de metal e que, portanto, em princípio foram formados por um artesão metalúrgico, está inserido o espeto articulado de St. Mary (SCATE & THORNE, 2007-2008: 1; DRISCOLL, 2010: 75).

A fúrcula de Cantabrana (DELIBES de CASTRO *et al.*, 1999: 105), o espeto articulado de Forêt de Compiègne (BLANCHET, 1984: 316) e o de Orellana la Vieja (ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, 1983: 2) têm uma origem desconhecida e o espeto articulado da Cachouça, assim como a figurinha avulsa e o espeto articulado de Baiões foram encontrados em contexto de povoado (SILVA *et al.*, 1984: 78-90; ARMADA PITA, 2002: 96; SILVA, 2007: 241-242; VILAÇA, 2007b: 68-69).

Finalmente, o espeto articulado de Amathus, provém de um contexto funerário, sendo mais uma vez diferente dos restantes utensílios abordados (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 194-195).

Posto isto, não são incomuns os depósitos em meio aquático, sendo que, segundo Vilaça (2006: 49), “na esfera ideológica das sociedades antigas, a água simboliza um princípio de regeneração e fertilidade”. Este tipo de depósitos revê-se principalmente nas Ilhas Britânicas, tratando-se, na sua maioria de depósitos em lagos ou em pântanos (Levy, 1979: 50, em VILAÇA, 2006: 49), com um teor sagrado, determinado principalmente pelo seu carácter irrecuperável (VILAÇA, 2006: 49). Isto que é testemunhado pela famosa lenda Arturiana, em que a Senhora do Lago emergiu das águas e ofereceu a espada *Excalibur* ao Rei Artur, este que no seu leito de morte ordenou que aquela fosse retornada ao lago como ato sagrado.

A fúrcula de Dunaverney e o espeto articulado de Porte-Saint-Foy enquadram-se então neste ponto, porém, novamente, a fúrcula de Dunaverney parece mais explícita no seu significado, cuja deposição no pântano aparenta relacionar-se com as figuras zoomórficas, pois por um lado temos a família de anatóides, que poderá representar a fecundidade e a fertilidade, tal como a água, segundo Vilaça (2006: 49), e por outro lado temos os dois corvídeos a representar a morte, irrecuperável, tal como a fúrcula quando é depositada na água.

O exemplar de Porte-Saint-Foy, estando em contexto de rio, poderá ter outro significado, pois não podemos ter a certeza de qual seria o caudal do rio aquando da deposição, ou seja, não sabemos se na altura este foi depositado na margem ou no leito do rio, contudo, independentemente, estará associado à água.

Apesar de não estar num contexto aquático, os espetos articulados de Alvaiázere foram encontrados perto de uma nascente natural, dando assim um carácter especial ao depósito, possivelmente sagrado (VILAÇA, 2006: 73). Por outro lado, este depósito compreende também outros aspetos de elevada importância, como o de ser um “depósito periférico”, ser monotipológico e ainda conter certa valorização numérica. Sendo um “depósito periférico”, ou seja, um depósito localizado na periferia de um povoado, este, de certo modo, poderá representar o final do espaço cultural e o início do mundo selvagem, como explica Vilaça (2006: 65).

O facto de não ter sido encontrada mais nenhuma tipologia de objeto para além de espetos articulados, faz deste depósito monotipológico, demonstrando o carácter de prestígio dos objetos, pois por norma são espadas, espetos, lanças, alabardas ou machados (artefactos de alto valor social) os objetos depositados de forma isolada (VILAÇA, 2006: 78).

Quanto à valorização numérica, segundo alguns investigadores, a repetição do número três e dos seus múltiplos, como é o caso deste depósito, em que foram encontrados três espetos articulados (sendo que pelo menos um detenha uma figuração zoomórfica), pode representar uma tríade divina (WARMENBOL, 1996 em VILAÇA, 2006: 73). Deste modo, o conjunto de espetos articulados de Alvaiázere não é único neste sentido, tendo sido encontrados outros casos de espetos articulados em tríade, como é o caso dos do Alto das Orquinhos/Alhais e dos de Orellana la Vieja, Badajoz (Espanha) (BURGESS & O'CONNOR, 2004: 197; VILAÇA, 2006: 73).

Com efeito, o espeto articulado com figuração zoomórfica de Orellana la Vieja também se apresenta em tríade, contudo, não há registo quanto à sua descoberta, o que não nos permite saber se constaria num depósito monotipológico, como o de Alvaiázere.

Noutro espectro estão os depósitos “pluritipológicos” e com numerosos artefactos, contudo, também estes dispõem de alguma variedade entre si, conforme o sítio em que se localizam e os objetos que compreende, que possam inferir quem fez a deposição. É o caso dos depósitos de fundidor, que contêm artefactos que podem indicar os vários estágios do trabalho do metal, como peças fragmentadas para refundição, escórias de

metal, moldes de artefactos, entre outros. Inserido nesta categoria, está o depósito de onde provém o espeto articulado de St. Mary, Jersey, como já referimos.

Os depósitos de fundidor são entendidos como sendo uma salvaguarda de matéria-prima e de bens escassos e valiosos para as comunidades da Idade do Bronze, colocados num local específico escondido, cujo paradeiro seria apenas conhecido pela comunidade ou por uma parte restrita da comunidade (CARDOSO em VILAÇA, 2006: 116). Porém, este aspeto não evita que o depósito detenha qualquer significado simbólico.

Por outro lado, temos os depósitos que devido à sua localização, seja entre marcos territoriais importantes, em sítios peculiares ou então encontrados entre penedos, ou fossas, por exemplo, nos apresentam uma simbologia mais explícita (VILAÇA, 2006: 65). Nesta categoria insere-se o depósito de Sa Idda, este que estava contido em dois grandes vasos, numa sala que se situa no topo de uma colina granítica, perto de um complexo nurago (LO SCHIAVO, 2008: 427). Por cima da referida sala estaria um esteio que serviria para sinalizar o depósito, evidenciando a sua intangibilidade, segundo Taramelli (TARAMELLI, 1918: 165, em LO SCHIAVO, 2008: 427).

Para além disto, o depósito seria composto principalmente por elementos de origem peninsular, talvez incluindo o fragmento de espeto articulado, existindo também materiais de origem cipriota. Outro ponto peculiar que revela a grande importância deste depósito é a acumulação de objetos de variados períodos, incluindo artefactos datados do Calcolítico da Europa Ocidental, Bronze Médio e Bronze Final (BURGESS & O'CONNOR, 2008: 194).

Infelizmente, nalguns casos, os depósitos localizam-se em lugares inexpressivos para o arqueólogo que o está a estudar, ou seja, encontram-se em sítios sem qualquer particularidade a destacar, são “depósitos de sítios inexpressivos”, segundo Vilaça (2006: 61). Contudo, o facto de não se encontrar atualmente nada a assinalar no local, não quer dizer que na época em que este foi feito não existisse um marcador significativo para a comunidade, como uma árvore sagrada, ou onde ocorreu um “acontecimento especial”, como o sítio onde caiu um raio, ou o terreno onde a colheita foi generosa (VILAÇA, 2006: 61).

Deste cariz (presume-se, pois não foram adiantados muitos dados sobre a localização dos depósitos), assentam os depósitos de onde os espetos articulados de Notre Dame d'Or, Challans e a fúrcula de Rouen provêm (esta última devido à inexistente investigação arqueológica do sítio aquando da sua descoberta). Sendo assim, aquando da

sua criação, estes depósitos teriam um significado que foi perdido naturalmente ou caiu no esquecimento, à medida que as gerações foram passando (VILAÇA, 2006: 61), não sendo possível retirar muitas ilações acerca destes. O mesmo acontece com a fúrcula de Cantabrana e o espeto articulado de Forêt de Compiègne, não ao mesmo nível, pois a proveniência destes é dúbia, ao contrário dos anteriores, que é conhecida e, portanto, é passível de oferecer alguns resultados.

O espeto articulado da Cachouça e a figurinha avulsa, foram encontrados dentro do povoado, não aparentando pertencer a qualquer depósito. Porém, como já abordámos, o povoado onde foi encontrado aparenta ter uma cosmologia bem explícita. O sítio arqueológico da Cachouça apresenta uma conexão à égide do círculo que se revê em variadas estruturas do povoado, como no talude, na cabana encontrada, nas *fossetes*, na lareira e ainda na linha do horizonte (VILAÇA, 2007b: 71).

Esta forma pode-se ainda ligar ao culto solar e à ideia de um tempo cíclico de retorno às origens (VILAÇA, 2007b: 71). A estes elementos juntam-se os atos de deposição, como o depósito de fundação no lado do Sol Nascente (provavelmente a entrada do sítio) e a taça fragmentada entre pedras superficiais do talude, do lado do Sol Poente, representando, talvez, a primeira o princípio das vivências e a segunda o final destas na estação arqueológica (VILAÇA, 2007b: 71).

Por último falta-nos abordar o contexto funerário onde foi recuperado o espeto articulado de Amathus. O túmulo 523 do sítio arqueológico de Amathus, de onde provém o utensílio ainda carece de publicação completa, porém consegue-se retirar algumas deduções com o que já foi publicado (NIJBOER, 2013: 102, nota 13). Este túmulo, de elevada importância para o estudo arqueológico do Bronze Final e Idade do Ferro do Mediterrâneo, através do seu conteúdo, como pontas de lança, facas e adagas feitas em ferro, apontam para a existência de um “ritual de enterramento com armas”²¹, contudo, por outro lado, a presença de recipientes destinados à comida e à bebida, assim como o espeto articulado, apontam para a existência de um banquete de cariz funerário, provavelmente em honra do defunto (NIJBOER, 2013: 102, nota 13).

Tendo apresentado os contextos de onde foram recuperados os utensílios estudados nesta dissertação, estaremos mais próximos de compreender a simbologia e o significado impostos nestes e nas figurações zoomórficas. Contudo, para tal ser aparente teremos que entender qual seria a relação entre a figura e o objeto, ou seja, perceber qual

²¹ Traduzido de *weapon burial ritual* (NIJBOER, 2013: 102, nota 13).

será a razão para estes estarem unidos e por que razão só alguns dos utensílios deterem as ditas figurações.

6.3. A relação entre o objeto e a figuração zoomórfica

O melhor representante da existência de rituais de comensalidade em contexto arqueológico, no caso do Bronze Final Atlântico, será a presença de certos instrumentos metálicos dos quais há cinco tipos diferentes: caldeirões, espetos, fúrculas, taças e carros votivos (ARMADA PITA, 2011: 159). As fúrculas e os espetos têm a particularidade de por vezes apresentarem figurações zoomórficas, portanto, a relação entre ambos é fundamental para compreender a sua simbologia.

Um espeto articulado ou uma fúrcula seriam um dos focos centrais do ritual, com uma simbologia inerente (que poderia mudar consoante estivesse a ser utilizado ou não), devido à sua complexidade e à capacidade de transformação da carne do primeiro e da distribuição da carne do segundo, assim como a ostentação que estes representam. Provavelmente, a função principal da figura seria a acentuação do simbolismo geral do ritual (que irá ser aprofundado adiante), com a junção desta ao espeto ou à fúrcula.

Contudo, se juntarmos a figuração zoomórfica ao objeto, esta simbologia poderá mudar drasticamente, pois dependendo do que a figura pode representar, esta impõe o seu significado ao objeto. Se a figura, por exemplo, representar um símbolo da comunidade ou uma divindade, a simbologia do instrumento transcende e pode formar um vínculo com que a comunidade participante se possa identificar, o que levaria deste modo a ser mais suscetível à manipulação por parte do anfitrião.

Ou seja, a utilização da figura complementar ou até mudaria drasticamente o significado do instrumento a ser utilizado. Um bom exemplo é a fúrcula de Dunaverney como já indicámos num capítulo anterior. Devido à justaposição das figurações e dos animais representados, não estando o objeto em utilização, este invoca de imediato uma oposição, porém, quando o objeto é utilizado, para retirar carne de um recipiente, os animais aquáticos ficam submersos e os corvídeos no ar, deste modo reforçando a simbologia (BOWMAN e NEEDHAM, 2007: 93-94; LEONARD, 2014b: 130).

A este ponto acrescentamos também a importância do movimento, ponto fulcral das performances nos rituais de comensalidade. Como já foi referido, estes rituais estavam carregados de simbolismo, implicando que qualquer ação seria concebida de acordo com este propósito (LEONARD, 2014a: 5-6). Posto isto, os movimentos, como o

retirar da carne do caldeirão com a fúrcula ou o rodar da haste do espeto articulado e, até certo ponto, os sons produzidos a manejar os utensílios metálicos também contribuía para a imersão da comunidade no ritual.

Todas estas ações são uma forma de comunicação (por assim dizer), capazes de transmitir, segundo Gramsch e Meier (2013: 194), noções de identidade ou relações sociais. Deste modo, juntando o movimento com o objeto e os sons pela junção destes produzidos, o ritual para além de se tornar mais apelativo, também acresce em valor simbólico.

O caso de Dunaverney, é peculiar, pois nos restantes objetos, tanto fúrculas como espetos articulados, as figurações zoomórficas não são tão complexas, tanto em número de figuras por objeto, pois a maioria dos restantes objetos apenas têm uma, como na esquematização da figura, visto que em muitos casos, como o espeto articulado de Forêt de Compiègne é difícil perceber qual o animal representado. Porém, aplicar-se-ia do mesmo modo, a transcendência do significado simbólico do objeto.

Por outro lado, mesmo que a figuração não tenha um significado ou uma simbologia inerente (pouco provável), a sua presença aprofunda a tentativa de ostentação do anfitrião, visto que para criar o instrumento, para além de ser necessário a utilização de mais material, este envolveu também uma produção personalizada, que o tornou mais complexo e, portanto, mais dispendioso. Logo, seja qual for o significado, ou a simbologia da figuração zoomórfica, esta terá uma relação bastante apertada com o objeto a que está ligado, acentuando e por vezes até acrescentando alguma simbologia ou um significado, assim como a sua importância e posição no ritual.

Tendo isto em conta, ao compreendermos a importância da junção da figura com o objeto e atendermos à sua função, não só utilitária, mas também representativa para a comunidade, há que abordar a simbologia das figurações e então chegarmos mais próximo do seu significado e importância social e comunitária.

6.4. O significado simbólico das figuras zoomórficas

Quanto às figurações zoomórficas podemos averiguar que não há um tipo geral, mas sim alguma variedade, apresentando-se, porém, todas voltadas para a haste.

Ao compararmos os espetos articulados, verificamos que há dois tipos mais utilizados de figurações zoomórficas, aves e quadrúpedes, com exceção do de Challans Vendée, cuja figura é a representação de uma cabeça de um veado, do de Orellana la Vieja e de St. Mary, que não se consegue perceber qual animal representa a figura e do de

Amathus, que devido ao seu estado de conservação e diferente contexto arqueológico, é difícil perceber qual a representação.

Para apresentar mais diversidade, são poucas as peças cuja representação se “repete” (figura 43, tabela 2), tendo a maioria uma espécie animal diferente: a de Port-Sainte-Foy será uma águia ou um corvídeo, a de Forêt de Compiègne em princípio representa uma pomba/rola, as de Alvaiázere e Baiões dois anatídeos e uma pomba ou rola, respetivamente, a de Challans Vendée a cabeça de um veado e, infelizmente, dos restantes não é perceptível, pois as cabeças estão partidas, mas provavelmente representariam também espécies diferentes, entre as quais bovinos (vacas, touros), ovicaprinos (cabras, ovelhas), cervídeos (veados, damas, corças) ou equídeos.

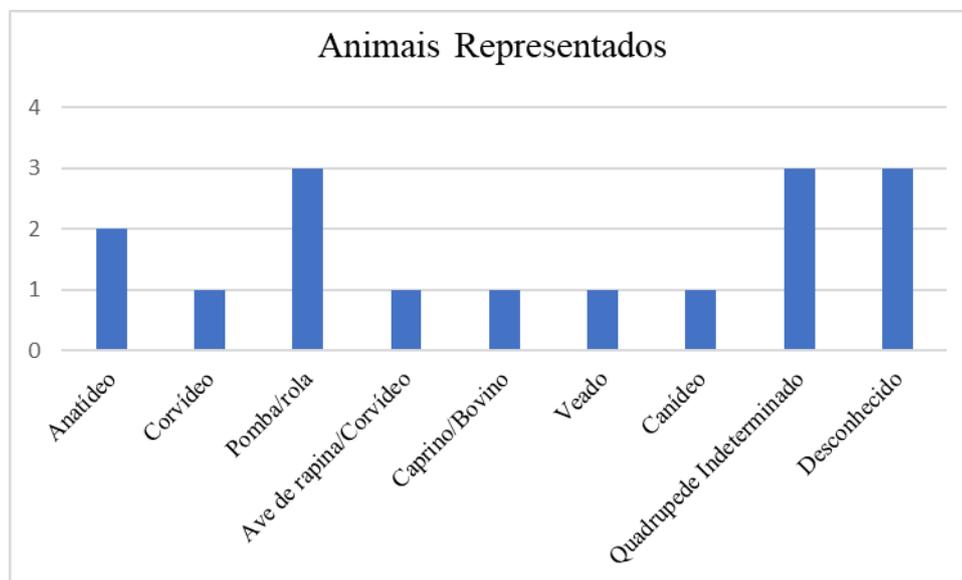


Figura 44. Gráfico dos animais representados pelas figurações zoomórficas por objeto.

Teorizou-se que as figurações zoomórficas tivessem origem a partir da cultura dos Campos de Urnas, contudo, segundo Burgess e O’Connor (2004: 195), é mais plausível a proveniência destas a partir da Sardenha, devido à habitual presença de figuras de aves e de outros animais na Sardenha Nuragica, fazendo parte de uma tradição mais ampla de figurações de animais e humanos.

A partir deste ponto de vista podemos teorizar também que as figurações das fúrculas terão sido inspiradas nos espetos-articulados e não diretamente através dos contactos com a Sardenha, devido principalmente à escassez de fúrculas com figuras e à maior afluência de fúrculas nas Ilhas Britânicas (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 120). No entanto, as figurações destes objetos diferem das dos espetos articulados, na medida

em que, no caso da fúrcula de Catabrana a figura não está montada no instrumento, mas é composta, sim, pelo instrumento, a de Rouen conta com uma multiplicidade de figuras, e a de Dunaverney, que para além de contar com mais que um animal, conta com uma cosmologia mais explícita, à semelhança das figurações dos Campos de Urnas da Europa Central (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 122).

Tabela 2. Informações relativas às figuras de animais dos objetos a ser estudados.

Objetos	Figurações zoomórficas
Figura avulsa da Cachouça	Desconhecido
Fúrcula de Cantabrana	<i>Capra pyrenaica</i> ou bovino
Fúrcula de Dunaverney	Cinco anatídeos e dois corvídeos
Fúrcula de Rouen	Quatro pombas
Espeto articulado de Alvaiázere	Dois anatídeos
Espeto articulado de Amathus	Desconhecido
Espeto articulado de Baiões	Pomba/rola
Espeto articulado da Cachouça	Quadrúpede indeterminado
Espeto articulado de Challans	Cabeça de Veado
Espeto articulado de Forêt de Compiègne	Pomba/rola
Espeto articulado de Monte Sa Idda	Quadrúpede indeterminado
Espeto articulado de Notre Dame d'Or	Quadrúpede indeterminado
Espeto articulado de Orellana la Vieja	Desconhecido
Espeto articulado de Port-Sainte-Foy	Águia ou corvídeo
Espeto articulado de St. Mary	Desconhecido

O significado simbólico das figurações zoomórficas é ainda desconhecido, porém várias hipóteses podem ser propostas. Talvez a menos provável, mas que merece do mesmo modo ser mencionada, é a de que as figuras não têm qualquer significado simbólico, que foram apenas criadas para demonstrar ostentação e prestígio no mais puro sentido, devido, como já foi referido, à maior complexidade, consumo de mais materiais

e de mais trabalho (por parte do fundidor) necessários para as criar. Contudo, visto que os rituais de comensalidade, onde os objetos estão inseridos, são repletos de simbologia e significado, desde a posição e modo de estar do anfitrião, ao lugar onde este é realizado, é difícil excluir o objeto e a figuração zoomórfica de uma simbologia própria.

Outra hipótese implica que o animal representado na figura tivesse um significado específico para determinada cerimónia, como por exemplo a figura da pomba poderia ser utilizada num ritual de comensalidade para festejar um casamento ou união entre duas comunidades, devido à simbologia e significado inerente de amor, sexualidade²², entre outros, ou a de uma águia ou veado numa reprodução de ostentação e prestígio para simbolizar força e/ou poder. Porém, seria de esperar que existissem mais variedades de figuras por depósito, pois aconteceria uma pluralidade de tipos de rituais de comensalidade, os quais necessitariam de uma figura específica para cada, o que não se verifica.

As hipóteses mais prováveis seriam, portanto (tendo sempre em conta as qualidades de prestígio e ostentação da figura e do objeto), a de que a figura representaria uma divindade local e cuja utilização, em princípio, seria feita apenas em festejos em honra da divindade, ou que a figura seria um símbolo da comunidade, ou da elite e seria utilizada em rituais a celebrar a comunidade (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 122). Deste modo, é explicada a variedade de figuras zoomórficas, pois se cada comunidade tem o seu elemento identificativo, seja ele religioso ou pessoal, é natural cada uma ter um animal representante diferente das restantes (NEEDHAM & BOWMAN, 2005: 122).

Ora, de modo a comprovar os diversos pontos de vista não basta olhar para a figura e para o objeto, há que ter em conta o contexto de onde estes provêm, pois poderá refletir a importância dos objetos e ainda algum significado a este dado que não é possível discernir de outro modo.

Para o caso da Fúrcula de Dunaverney, Needham e Bowman (2005, 122; BOWMAN & NEEDHAM, 2007: 94; LEONARD, 2014b: 130) sugerem a interpretação totémica, isto é, que as figuras são um símbolo da comunidade e seriam usadas como meio de expressão da identidade de grupo. Por um lado, a utilização de duas espécies de aves parece inviabilizar a ideia dos referidos autores, principalmente tendo estas um

²² Desde a Mesopotâmia que a pomba é apresentada como símbolo de divindades associadas ao amor, sexualidade e até guerra na cultura Indo-europeia. É o caso da Deusa Inanna (Sumérios) e Ishtar (Assírios) (LEWIS & LLEWELLYN-JONES, 2018: 335).

significado tão díspar segundo os mesmos. Por outro lado, a junção das duas espécies pode significar a união da comunidade e ao mesmo tempo o ciclo da vida, ao qual todos estão sujeitos. Esta hipótese parece ser comprovada pelo modo de deposição do objeto, em contexto de pântano, como já verificámos, complementando o significado do ciclo da vida e implementando-o ao “mundo real”, com o final da vida útil do objeto.

No caso da fúrcula de Cantabrana, como não foi possível recolher muitos dados sobre o seu contexto original, será difícil aprofundar quanto à sua possível simbologia e significado. O modo como a figura zoomórfica foi implantada no utensílio, poderá demonstrar uma tentativa de “personificação” do objeto, no sentido de o fazer parecer mais natural, além de lhe oferecer um propósito funcional. Deste modo, provavelmente, a figura terá um significado totémico, no sentido de ser um símbolo da comunidade e de a representar no ritual de comensalidade.

A fúrcula de Rouen, por outro lado, tal como a de Dunaverney, não apresenta apenas um animal, mas sim quatro, talvez mais. Em princípio todas as figuras representam a mesma espécie, nomeadamente a pomba e, neste caso, talvez mais importante que o simbolismo inerente ao animal em si, é o que as figuras e o conjunto das mesmas expressam. Isto é, as pombas são animais extremamente sociais, que vivem em bandos, por vezes de grande tamanho, assemelhando-se, de certo modo, a uma comunidade humana e este fenómeno é retratado na fúrcula com a presença das quatro figuras. Posto isto, cremos que as figuras são uma representação direta da comunidade ou da elite que utilizava a fúrcula.

A hipótese de as figuras zoomórficas serem uma representação totémica da comunidade parece ser a mais viável, no sentido de ser a que se adequa melhor para os utensílios e os contextos de onde estes provêm. Assim enquadram-se neste ponto de vista os espetos articulados de Notre Dame d’Or, de Challans, de St Mary, de Baiões, Porte-Saint-Foy, de Sa Idda e de Fôret de Compiègne, pois nestes casos o contexto do depósito não fornece pistas suficientes para retirar outras ilações, sendo que apenas as podemos retirar com a análise dos artefactos. Neste sentido, todos estes instrumentos apresentam figuras únicas que, como já explicámos, se enquadram numa perspetiva identitária da comunidade, em que cada uma tem um animal específico com que se identifica.

O espeto articulado de Amathus, no entanto, difere dos anteriormente abordados. Tendo sido encontrado em contexto funerário, parte-se do pressuposto que terá também sido utilizado num banquete ritual. No entanto, devido à diferença estrutural do objeto,

assim como a inexistência de figuração (pois está partida), é de difícil comparação com os restantes espetos articulados, podendo ter um significado completamente diferente daquele proposto. Pois, tal como o mecanismo articulado é diferente, a figura poderia ser antropomórfica e não zoomórfica, o que mudaria por completo a simbologia e significado desta. Se assim fosse, esta poderia representar o defunto, o que implicaria que o utensílio tivesse sido criado só e apenas para aquela ocasião, por exemplo.

Do mesmo modo há que salientar o caso dos espetos de Alvaiázere e até certo ponto os de Orellana la Vieja (no que toca à tríade), que também diferem grandemente (em termos de contexto) em relação aos anteriores. Para além de terem sido encontrados num depósito monotipológico junto de uma nascente natural, também se apresentam em tríade. Sendo assim, isto pode significar, se assumirmos que o tempo de vida útil dos objetos foi contemporâneo, que haveria uma escolha deliberada sobre qual seria utilizado em cada tipo de banquete, ou seriam todos utilizados num grande banquete.

Se optarmos seguir pela primeira hipótese, o espeto articulado com figuração zoomórfica seria utilizado em rituais de comensalidade de cariz mais importante, seja de cariz divino, ou que queira representar algo de elevada importância para determinado “público alvo”, seja ele da mesma ou de diferente comunidade. Ou seja, o espeto articulado com a figura zoomórfica seria utilizado apenas em ocasiões ou celebrações especiais, enquanto que os restantes seriam utilizados em rituais de menor importância. Tendo isto em conta, não podemos corroborar com certeza a interpretação de Needman e Bowman, não discordando dela ao mesmo tempo, de se tratar de iconografia totémica, porque sendo um único em três, a sua utilização seria apenas realizada em ocasiões muito especiais, enquanto os outros seriam utilizados nas restantes, portanto, as figuras, provavelmente, representariam uma divindade, sendo o espeto articulado com figuração zoomórfica empregue num banquete em honra da mesma.

Se seguirmos, no entanto, com a segunda hipótese, em que os três seriam utilizados no mesmo banquete, mais uma vez seria um banquete especial, envolvendo grande parte, senão toda a comunidade, e o espeto articulado que detinha a figura zoomórfica, em princípio, serviria os membros da elite, pois seria o instrumento de maior destaque. Por outro lado, podia dar-se o caso de a figura ser sim um símbolo identitário da comunidade/elite, porém, ao invés do objeto ser utilizado em rituais da comunidade, seria utilizado em banquetes com duas ou mais comunidades/elites (em celebrações de paz, de casamentos, de união entre as mesmas), em que se utilizaria a figura como

demonstração identitária para com as restantes comunidades/elites. Deste modo, a comunidade/elite que organizaria o banquete conseguiria demonstrar a sua generosidade, através da realização do mesmo, e com o espeto articulado com figuração zoomórfica demonstraria um ideal de prestígio, relevância e influência à outra comunidade/elite.

Contudo, falta discernir o seu significado, no contexto da tríade, para posteriormente o incluirmos no ritual de comensalidade. Ora, da figura fazem parte dois anatídeos, relativamente do mesmo tamanho, um sobreposto ao outro. Posto isto, não nos parece que estejam a representar uma família como na fúrcula de Dunaverney, mas sim, estando um no topo do outro, parecem estar a acasalar e, portanto, poderá representar uma divindade ligada à fecundidade. Se assim for, poderemos ligar os rituais de comensalidade, em que este seria utilizado, a banquetes onde se celebrariam matrimónios, ou a anunciação e celebração de uma gravidez de alguém importante no seio da comunidade. Sendo assim, independentemente da hipótese, o espeto articulado com figura zoomórfica poderá representar uma divindade superior, e possivelmente ser o utensílio da qual provém uma oferenda de carne, à divindade principal.

Nos casos do território português, devido principalmente à maioritária representação de aves e à inexistência destas nos estudos zooarqueológicos realizados, não aparenta haver uma relação entre os animais presentes no seio da comunidade e os animais por esta representados. Contudo, é certo que os referidos estudos, para além de escassos e na sua grande maioria em mau estado de conservação se focaram principalmente na fauna mamalógica, sendo a ornitológica posta de parte.

No entanto, um aspeto importante dos espetos articulados encontrados em território português é o facto de muitos se encontrarem em contexto de povoado, como é o caso dos da Cachouça, do de Baiões e do de Canedotes, ao contrário dos restantes espetos articulados da Europa que provêm de depósitos ou achados isolados. O sítio arqueológico da Cachouça, como já foi referido várias vezes, teria uma cosmologia embrenhada e talvez, por essa razão, o espeto estivesse no seio do povoado, ou seja, a sua simbologia estaria conectada com o povoado, fazendo parte dele. Deste modo, provavelmente poderemos pensar na figuração como uma figura totémica como Needham e Bowman defendem, em que esta representa o povoado e/ou a comunidade.

Porém, este pensamento põe de parte a figurinha avulsa encontrada. Como já foi referido, esta figura não parece pertencer a um espeto articulado devido à sua largura, apesar de terem sido encontrados artefactos que aparentam fazer parte de outro espeto

articulado. Sendo assim, como apurámos, a figura zoomórfica e o utensílio funcionariam como um, desprovido de simbologia o utensílio e de propósito e significado a figura caso estes estivessem separados.

Portanto, estando esta figura separada do objeto, o seu propósito é desconhecido, dificultando grandemente a caracterização da simbologia que esta possa retratar. Sendo assim, é óbvio que esta figura teria uma simbologia e significado importante para a comunidade do povoado da Cachouça, porém, infelizmente, continuará uma incógnita até se obterem mais dados sobre o seu contexto de achado e do objeto a que esta estaria associada.

Assim sendo, muito se pode especular sobre os significados das figurações zoomórficas. Os pontos principais a reter para, pelo menos, se poder teorizar sobre o assunto serão todos os que apontem para a importância da figura para a comunidade, ou seja o contexto de achado (se foi depositada ou encontrada no povoado, por exemplo), ou contexto comunal em que se insere (no caso do presente estudo os rituais de comensalidade) e ainda a sua relação com outros objetos. Estes auxiliam na procura de uma resposta, que apesar de tudo, será sempre considerada uma hipótese.

7. Considerações finais

A presente investigação envolveu primeiramente uma exposição dos diferentes contactos e influências às quais as comunidades da Idade do Bronze Final foram sujeitas e pelas quais se moldaram. Tendo isto em conta, e de modo a compreendermos melhor as possíveis diferenças regionais e as próprias adaptações e absorções específicas das influências por parte das comunidades, apresentámos os diferentes cenários encontrados no território português, em que no Norte e Centro foram adotadas principalmente as influências do Bronze Atlântico e do Mediterrâneo Oriental, enquanto que no Sul foram adotadas as influências do Sudoeste Peninsular.

Em seguida, começámos a análise das figurações zoomórficas, estas que assentam em objetos de culto, nomeadamente fúrculas e espetos articulados (exceto a figurinha de bovino da Cachouça), o que nos permitiu conectá-las aos rituais de comensalidade e aos cenários simbólicos que estes possam conter. No caso das fúrculas, as figurações zoomórficas são escassas, tendo sido encontradas, até à data, apenas três (a de Dunaverney, a de Rouen e a de Cantabrana), porém nos espetos articulados já são mais comuns, apresentando, no entanto, alguma diversidade, havendo figuras de aves, quadrúpedes não possíveis de identificar à espécie e até, no caso do espeto de Challans, a representação da cabeça de um veado.

As figuras são esquematizadas, sendo muitas vezes difícil identificar a espécie do animal caracterizado. No entanto, estipula-se a representação de pombas, anatídeos, e ainda aves de rapina e/ou corvídeos. Infelizmente, de todas as figuras de quadrúpedes nenhuma chegou ao presente com a cabeça intacta, mas representariam bovídeos (vacas/touros, cabras ou ovelhas), cervídeos (veados, damas, corças), e/ou equídeos.

Estes objetos seriam uma componente muito importante das elites do Bronze Final Atlântico, devido principalmente à sua complexidade, simbologia e significado inerente, pois quando uma elite detinha um destes objetos, principalmente com uma figuração zoomórfica, esta era assoberbada de prestígio e poder, e com este objeto como figura central de um banquete a elite conseguia demonstrar a sua generosidade, o seu privilégio e a sua capacidade de manter o poder, tendo assim a comunidade do seu lado.

Tendo isto em conta, numa tentativa de nos aproximarmos da função e, portanto, do significado das figuras zoomórficas, aprofundámos mais o nosso conhecimento no que toca aos rituais de comensalidade. Por conseguinte, discutimos, de um modo geral, as

complexidades dos rituais de comensalidade, tentando perceber a sua importância para as comunidades do Bronze Final, assim como procurámos indícios da sua execução, que como verificámos poderá ser atestada com a presença de utensílios rituais, como fúrculas, caldeirões e espetos, por exemplo, e/ou através da presença evidente de seleção de partes do esqueleto, no registo faunístico, como poderá ter acontecido nos povoados da Beira Interior.

Outro ponto fulcral para discernir a simbologia e significado das figurações zoomórficas é o conhecimento que se obtém a partir do contexto de descoberta da figura, no sentido de que quanto mais detalhes forem adquiridos mais hipóteses teremos de chegar a uma premissa viável que nos conduza a uma ilação sustentada. Infelizmente, na maioria dos casos o estudo dos contextos de achado não está completo ou é mesmo desconhecido na totalidade, acrescentando, no caso dos depósitos, impasses às problemáticas já existentes.

Deste modo, é também fundamental tentar compreender a razão da junção da figura com o objeto, para compreendermos melhor a sua relação e ser possível incorporá-los no meio em que seriam utilizados. Assim, a junção dos dois poderia ser uma tentativa de dar um propósito funcional à figura e uma simbologia mais aprofundada ao utensílio, ampliando deste modo a simbologia e o significado que estes teriam para a comunidade.

A partir da recolha de todos os dados aqui apresentados, tentámos, então, retirar ilações acerca da simbologia e significado das figurações zoomórficas. Num primeiro ponto, averiguámos que há uma grande disparidade de possibilidades no que toca às hipóteses, como simplesmente serem utilizadas como catalisadores do prestígio emanado do objeto em que estas assentariam, ou serem a representação de uma divindade, porém, no geral, a hipótese mais aceite, e aquela que mais se parece enquadrar com a maioria dos casos, será a interpretação totémica, em que as figuras se comportariam como símbolo identificativo da comunidade, servindo como expressão ideológica da mesma. No entanto, nem todos se enquadram neste ponto de vista.

A fúrcula de Dunaverney é mais explícita quanto à simbologia, representando muito provavelmente a dualidade da vida e da morte. Contudo, por um lado, cinco figuras, retratando duas espécies diferentes, com uma simbologia aparentemente oposta, parece ser difícil poder representar em termos identitários uma comunidade. Por outro lado, o facto deste artefacto ter sido encontrado num pântano, aparenta reforçar esta dualidade entre a vida e a morte e o ciclo da vida no geral, que se revê nas figurações, o que poderá

indicar uma consciencialização do mesmo, por parte da comunidade e deste modo exprimindo as suas ideologias, enquadrando-se assim na interpretação totémica.

O espeto articulado de Amathus apresentou também algumas dificuldades, assim como a figura avulsa da Cachouça. No primeiro caso, o facto do objeto ter um mecanismo de rotação diferente dos restantes espetos articulados, de ter a figuração partida, assim como um contexto de achado único, impossibilitou a comparação com os outros artefactos, pois não podemos ter a mínima certeza de que a figura seria realmente zoomórfica, podendo ser antropomórfica, mudando deste modo o seu significado e simbologia possíveis. No segundo caso, como não sabemos a que objeto a figurinha estava associada e até se estava associada a algum, não a podemos enquadrar no seu contexto de utilização, impedindo-nos de retirar quaisquer ilações.

Por último há que realçar o caso do espeto articulado com figuração zoomórfica de Alvaiázere. Provavelmente, a figura teria uma simbologia ligada à fecundidade e à vida, esta que é acentuada com a localização do depósito perto de uma nascente natural. Por outro lado, a possível tríade divina na qual o artefacto se enquadra, poderá significar que a figura representa uma divindade, mais provavelmente ligada à fecundidade. Tendo isto em conta, a interpretação totémica mantém-se plausível para este quadro, porém, parece enquadrar-se melhor a possibilidade do espeto articulado (e da figura) ser utilizado em rituais de comensalidade em honra da divindade, e/ou a celebrar o casamento entre pessoas importantes para a comunidade, ou pessoas de diferentes elites, celebrando também a união entre as elites, e/ou a celebrar a gravidez ou nascimento de alguém importante no seio da comunidade.

Sendo assim, as ilações que retirámos deste estudo, quanto ao significado e simbologia das figurações zoomórficas enquadram-se maioritariamente na interpretação totémica, havendo, no entanto, algumas discrepâncias. Ora, como pudemos verificar, os registos arqueológicos em alguns casos estão muito incompletos, sendo por vezes mesmo inexistentes, o que dificultou grandemente a sua análise. Posto isto é fácil a compreensão de que quanto menos dados obtivermos, mais generalizadas se enquadram as ilações, como aconteceu nesta dissertação, o que não deveria acontecer. Como vimos ao longo do terceiro capítulo, o modo de vida, ideologias e modo de ver o mundo das comunidades difere de região para região e até de comunidade para comunidade, possivelmente mudando também os seus pontos de vista quanto à cultura material.

Tendo isto em conta, relembramos que a presente investigação não pretendeu chegar a qualquer conclusão, mas sim promover uma discussão da razão pela qual as figurações zoomórficas em metais do Bronze Final Atlântico eram utilizadas e qual a sua simbologia e significado para as comunidades. Para tal, para os eixos de investigação futura será interessante abordar o que não conseguimos nesta dissertação (devido a questões de tempo e espaço), nomeadamente estudos mais aprofundados e individualizados das comunidades do Bronze Final na região atlântica, dos objetos e da relação entre ambos, assim como o impacto das figurações zoomórficas em objetos metálicos noutras regiões e “culturas”, como na Europa Central dos Campos de Urnas, e até mesmo em outras cronologias, como a Idade do Ferro, por exemplo, tentando ao mesmo tempo compreender a sua origem.

Como menciona Vilaça (2006: 91), apesar de ser direcionado para os depósitos de bronze, também se revê neste tema: “(...) para os mesmos conteúdos podem existir razões distintas, assim como (...) diferentes objectos podem significar o mesmo. É fundamental desenvolver abordagens articuladas, cruzadas e globalizantes com as demais manifestações humanas, pois o que importa é a percepção do valor social e simbólico do bronze (...). Ir ao encontro a esse mundo, às sociedades pretéritas que o criaram e perceberam, é confrontarmo-nos e prepararmo-nos para lidar, necessariamente, com dados desconcertantes, com valores onde prevalece o não-económico, o não-funcional, e mesmo, aos nossos olhos de ocidentais, o ilógico e o irracional”. E deste modo e por estas razões, é virtualmente impossível chegar-se a uma conclusão, porém isso não significa que o tema seja posto de parte, muito pelo contrário, necessita de ser investigado.

8. Bibliografia

- ALMAGRO-GORBEA, M. (1974) - "Los asadores de bronce del Suroeste peninsular". Em *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos* 77.1. Madrid, Imprenta y Esterotipia de M. Rivadeneyra: 351-395.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) - *El bronce final y el período orientalizante en Extremadura*. Madrid, Ed. Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1998) – “”Precolonización” y Cambio Socio-Cultural en el Bronze Atlântico”. Em Jorge, S. O. (ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia: 81-100.
- ALMEIDA, N., DIAS, I., DETRY, C., PORFÍRIO, E. & SERRA, M. (2020) – “As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)”. Em Arnaud, J. M., Neves, C. & Martins, A. (eds.) *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM: 1041-1054.
- ALVES, L. B.; REIS, M. (2011) – “Memoriais de pedra, símbolos de identidade. Duas novas peças escultóricas de Cervos (Montalegre, Vila Real), Estelas e Estátuas-Menires, da Pré à Proto-História”. Em *Actas das IV Jornadas Raianas*. Sabugal, Câmara Municipal do Sabugal/Centro de Estudos: 187-216.
- ANTUNES, M. T. (1992) - “Povoados do Bronze Final da Beira Baixa – Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade: elementos arqueozoológicos”. *Conimbriga*, XXXI. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Arqueologia: 31-39.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. (2016) – “Meat consumption as a social strategy: feeding new identities in Early Bronze Age societies in Iberia”. Em Vilaça, R. e Serra, M. (coord.) *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades: Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas*. Coimbra, Instituto de Arqueologia, Secção de Arqueologia, FLUC, Centro de Estudos Pré-Históricos da

-
- Beira Alta (CEPBA), Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural Lda.: 17-38.
- ARMADA PITA, X.-L. (2002) – “A propósito del Bronce Atlántico y el origen de los calderos de remaches peninsulares”. Em *Saguntum (PALAV)* 34. València, Facultat de Geografia i Història, Department de Prehistòria i d’Arqueologia, Universitat de València: 91-104.
- ARMADA PITA, X.-L. (2005a) – *Formas y rituales de banquete en la Hispania indoeuropea*. Tesis Doctoral. Universidade da Coruña.
- ARMADA PITA, X.-L. (2005b) – “Asadores de la Península Ibérica y Cuestión Orientalizante: Un Ensayo de Síntesis”. Em Celestino Pérez, S. & Jiménez Ávila, J. (eds.) *El Periodo Orientalizante Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Anejos de AEspA XXXV*. Instituto de Arqueología-Mérida: 1249-1267.
- ARMADA PITA, X.-L. (2008) – “¿Carne, Drogas o Alcohol? Calderos y Banquetes en el Bronce Final de la Península Ibérica”. Em *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada*, 18. Granada, Universidad de Granada: Departamento de Prehistoria y Arqueología: 125-162.
- ARMADA PITA, X.-L. (2011) – “Feasting Metals and the ideology of power in the Late Bronze Age”. Em Aranda Jiménez, G., Montón-Subías, S. e Sánchez Romero, M. (eds.) *Guess Who's Coming To Dinner: Feasting Rituals in the Prehistoric Societies of Europe and the Near East*. Oxbow Books: 158-183.
- ARMADA PITA, X.-L. e VILAÇA, R. (2016) – “Rituales de comensalidad en el Bronce Final de la Iberia atlántica: artefactos metálicos, contextos e interpretación”. Em Vilaça, R. e Serra, M. (eds.) *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas*. Coimbra, Instituto de Arqueologia FLUC, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural Lda.: 127-158.

-
- ARMBRUSTER, B. R. (2000) - *Goldschmiedekunst und Bronzetechnik Studien zum Metallhandwerk der Atlantischen Bronzezeit auf der Iberischen Halbinsel*. Monographies Instrumentum 15, Montagnac.
- ARRUDA, A. M. e VILAÇA, R. (2006) – “O Mar Greco-Romano antes de Gregos e Romanos: Perspectivas a partir do Ocidente Peninsular”. Em Oliveira, F., Thiery, P. & Vilaça, R. (coords.) *Mar Greco-Latino*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra: 31-58.
- AUBET, M. E. (1987) – *Tiro y las Colonias de Occidente*. Barcelona, Ediciones Bellaterra, S. A.
- BAUMANS, L. & CHEVILLOT, C. (2007) – “La broche à rôtir articulée de Port-Sainte-Foy (Dordogne). Un instrument lié aux banquets de la fin de l’Âge du Bronze sur la façade atlantique, à paraître”. Em *Beyond Stonehenge: Essays on the Bronze Age in Honour of Colin Burgess*. Oxbow Books: 359-364.
- BECKER, S. (2012-2013) – “The materiality of religious discourse in Late Bronze and Early Iron Age Central Europe: A study of birds on bronzes”. Em *The European Archaeologist*, 38. Acedido em 23/06/2020 no website <https://www.twirpx.com/file/1536119/> : 5-8.
- BELL, C. (1997) – *Ritual Perspectives and Dimensions*. Oxford, Oxford University Press.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1995) - “Dos Inícios aos Finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal”. Em *A Idade do Bronze em Portugal, Discursos de Poder*. Lisboa, IPM: 110-115.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1998) – “O Conceito de Bronze Atlântico na Península Ibérica”. Em Jorge, S. O. (ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia: 18-39.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1999) – *A Paisagem e o Homem na Bacia do Cávado Durante o II e o I Milénio a.C.* Vol.3. Dissertação de Doutoramento apresentada

ao Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000) – “O Vale do Cávado (Norte de Portugal) dos Finais do III Milénio aos Meados do I Milénio a.C.: Sequências Cronológico-Culturais”. Em Bueno, P., Cardoso, J.L., Díaz-Andreu, M., Hurtado, V., Jorge, S.O. & Jorge, V.O. (eds.) *Pré-história Recente da Península Ibérica. Actas do IIIº Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto, ADECAP: 79-93.

BETTENCOURT, A. M. S. (2009) – “A Pré-História do Minho do Neolítico à Idade do Bronze”. Em Pereira, P. (coord.) *Minho. Traços de Identidade*. Braga, Universidade do Minho: 70-118.

BETTENCOURT, A. M. S. (2013) – “O Bronze Final no Noroeste Português. Uma rede complexa de lugares, memórias e ações”. Em Cardoso, J. L. (ed.) *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Vol. 20. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras: 157: 172.

BLANCHET J.-C. (1984) – *Les Premiers Meallurgistes en Picardie et dans le Nord de la France. Calcolithique, Age du Bronze et debut du premier Age du Fer. Memoires de la Société Préhistorique Française*, 17. Paris, Société Préhistorique Française.

BORDAS, F., GOMEZ DE SOTO, J. & VALLÉE, M. (2020) – “Un Dépôt de fragments de crochet(s) à viande de la Fin du Bronze Final en Normandie” Em *Archäologisches Korrespondenzblatt*, 50, vol. 2. Römisch-Germanischen Zentralmuseum Mainz, Leibniz-Forschungsinstitut für Archäologie: 161-186.

BOWMAN, S. & NEEDHAM, S. (2007) – “The Dunaverney and Little Thetford Flesh-Hooks: History, Technology and Their Position within the Later Bronze Age Atlantic Zone Feasting Complex”. Em *The Antiquaries Journal*, 87: 53-108. doi:10.1017/S0003581500000846.

BUENO RAMÍREZ, P., BARROSO BERMEJO, R., BALBÍN BEHRMANN, R. & SALVADO, P. (2019) – “Stone Witnesses: armed stelae between the International Tagus and the Douro, Iberian Peninsula”. Em *Spal* 28.2. DOI: <http://dx.doi.org/10.12795/spal.2019.i28.17>: 143-164.

-
- BURGESS, C. & O'CONNOR, B. (2004) – “Bronze Age Rotary Spits: Finds Old and New, some False, some True”. Em Roiche *et al.* (eds.) *From Megaliths to Metal. Essays in Honour of George Eogan*. Oxford, Oxbow Books: 184-199.
- BURGESS, C. e O'CONNOR, B. (2008) – “Iberia, the Atlantic Bronze Age and the Mediterranean”. Em Celestino, S., Rafel, N. e Armada Pita, X.-L. (eds) *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e) La precolonización a debate*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma: 41-58.
- CARDOSO, J. L. (1996) - “Bases de Subsistência em Povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do Território Português: o Testemunho dos Mamíferos”. Em *De Ulisses a Viriato: o Primeiro Milénio a.C.*. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia: 160-170.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – “Aspectos do Povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze”. Em Cardoso, J. L. (coord.) *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Vol. 8. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras: 355-413.
- CARDOSO, J. L. (2000) – “A sepultura da Roça do Casal do Meio (Sesimbra) no quadro dos rituais funerários da Idade do Bronze da Baixa Estremadura”. Em *Discursos. língua, cultura e sociedade*, 3 (2). Centro de Estudos Históricos Interdisciplinares: 243-251.
- CARDOSO, J. L. (2002) – “Arqueofaunas-balanço da sua investigação em Portugal”. Em Arnaud, J. M. (coord.) *Arqueologia & História* Vol.54. *Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses: 281-298.
- CARDOSO, J. L. (2004) - A Baixa Estremadura dos Finais do IV Milénio a.C. até à Chegada dos Romanos: um ensaio de História regional. Em *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 12. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2006) – “A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas”. Em *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 9, nº1. Lisboa, Direção-Geral do Património Cultural: 21-46.

-
- CARDOSO, J. L. (2017) – “As faunas de grandes e médios mamíferos e a alimentação humana na região de Lisboa, do Paleolítico ao Bronze Final”. Em Senna-Martinez, J. C., Martins, A. C., Melo, A., Caessa, A., Marques, A. & Cameira, I. (eds.) *Diz-me o que Comes... Alimentação antes e depois da Cidade. Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 1*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa: 8-23.
- COFFYN, A. (1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris, Diffusion de Boccard.
- COFFYN, A. e SION, H. (1993) – “Les relations atlanto-méditerranéennes. Eléments pour une révision chronologique du bronze final atlantique”. Em *Méditerranée*, vol. 2. Lisboa, Instituto Mediterraneo: 285-310.
- DELIBES, G., FERNÁNDEZ MANZANO, J. & CELIS, J. (1992-1993) - "Nuevos 'ganchos de carne' protohistóricos de la Península Ibérica". Em *Tahona VIII* (2): 417-434.
- DELIBES de CASTRO, G., FERNÁNDEZ MANZANO, J., FONTANEDA PÉREZ, E. & ROVIRA LLORENS, S. (1999) – *Metalurgia de la Edad del Bronce en el Piedmonte Meridional de la Cordillera Cantábrica. La Colección Fonaneda. Arqueología en Castilla y León 3*. Zamora, Junta de Castilla y León Consejería de Educación y Cultura.
- DIETLER, M. (2011) – “Feasting and Fasting”. Em Insoll, T. (ed.) *Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. Oxford, Oxford University Press: 179-194.
- DRISCOLL, P. (2010) – “The Past in the Prehistoric Channel Islands”. Em *Shima: The International Journal of Research into Island Cultures*, Vol. 4, N°1. Acedido em 26 de agosto de 2020, no Web site: de Shima Journal: <https://www.shimajournal.org/issues/v4n1/h.-Driscoll-Shima-v4n1-65-81.pdf>.
- EARLE, T. (2013) – “The 3M: Materiality, Materialism and Materialization”. Em Bergerbrant, S. e Sabatini, S. (eds.) *Counterpoint: Essays in Archaeology and Heritage Studies in Honour of Professor Kristian Kristiansen, BAR International Series 2508*. Oxford, Archaeopress: 353-360.

-
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (1983) – “Una nueva estela de guerrero y três asadores de bronce procedentes de los alrededores de Orellana la Vieja (Badajoz)”. Em *Museos* 2. Madrid, Ministerio de Cultura Direccion General de Bellas Artes y Archivos, Subdireccion General de Museos - Patronato Nacional de Museos: 2-8.
- FÉLIX, P. (1999) – “Serra de Alvaiázere: um Povoado Fortificado do Bronze Final do Centro de Portugal”. Em *Al-Madan*, II Série, nº8. Centro de Arqueologia de Almada: 63-71.
- FIDALGO, D., PORFÍRIO, E. & SILVA, A. M. (2016) – “Novos dados sobre os hipogeus do Bronze Pleno de Torre Velha 3 (Serpa): contextos sepulcrais e estudo do espólio osteológico humano”. Em *Estudos do Quaternário*, 15. Braga, APEQ: 1-25.
- GARDETE, F. (2015) - *As Estelas Decoradas da Idade do Bronze Final do Território Português Sistematização e Problemáticas Sócio-Culturais*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- GIARDINO, C. (1995) – *Il Mediterraneo Occidentale fra XIV ed VIII secolo a.C.; Cerchi Minerarie e Metallurgiche*. BAR, International Series 612. Oxford, BAR publishing.
- GOMES, M. V. (1995) – “As Estelas Funerárias, da Idade do Bronze Final, no Centro e Sul de Portugal”. Em *A Idade do Bronze em Portugal, Discursos de Poder*. Lisboa, IPM: 130.
- GOMES, M.V. e MONTEIRO, J. P. (1977) – As Estelas Decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel-Beja) – Em *Estudo Comparado, Setúbal Arqueológica*, vols II-III. Setúbal. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal: 279-343.
- GÓMEZ DE SOTO, J. (1991) - "Le fondeur, le trafiquant et les cuisiniers. La broche d'Amathonte de Chypre et la chronologie absolue du Bronze Final atlantique". Em Chevillot, C. & Coffyn, A. (eds.) *L'Age du Bronze Atlantique. 1er Colloque du parc archéologique de Beynac*. Beynac, Association des Musées du Sardaiais (A,MU.SA.): 369-373.

-
- GRAMSCH, A. & MEIER, T. (2013) – “An Archaeological Outline of Ritual Dynamics and Social Space”. Em Bergerbrant, S. e Sabatini, S. (eds.) *Counterpoint: Essays in Archaeology and Heritage Studies in Honour of Professor Kristian Kristiansen*, BAR International Series 2508. Oxford, Archaeopress: 193-198.
- JORGE, S. O. (coord.) (1995) - *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*. Lisboa, Instituto Português de Museus.
- JORGE, S. O. (2012) – “Pensar a arqueologia do ritual: breve apontamento”. Em *Iª Mesa-Redonda Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo. Trabalhos de Arqueologia 54*. Lisboa, Direção-Geral do Património Cultural: 25-32.
- KALB, P. (1980) – “O Bronze Atlântico em Portugal”. Em *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 1. Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, Centro de Estudos do Património: 113-120.
- KARAGEORGHIS, V. & LO SCHIAVO, F. (1989) – “A west Mediterranean obelos from Amathus”. Em *Revista di Studi Fenici*, 17. Edizione Quasar: 15-29.
- KNAPP, A. B., e DOMMELEN, P. van (eds.). (2015) - “Materiality, Memory and Identity”. Em *The Cambridge Prehistory of the Bronze and Iron Age Mediterranean*. Cambridge, Cambridge University Press: 317–319.
- KRISTIANSEN, K. (1998) – *Europe Before History*. Cambridge, Cambridge University Press.
- KRISTIANSEN, K. (2002) – “The Tale of the Sword – Swords and Swordfighters in Bronze Age Europe”. Em *Oxford Journal of Archaeology* 21(4). Oxford, Blackwell Publishers Ltd.: 319-332.
- LEONARD, K. (2014a) - *Ritual in Late Bronze Age Ireland: Material Culture, Practices, Landscape Setting and Social Context*. PhD Thesis, National University of Ireland, Galway College of Arts, Social Sciences & Celtic Studies, Department of Archaeology.

-
- LEONARD, K. (2014b) – “Birds of the Otherworld: Sacred Symbolism and the Dunaverney Flesh-Hook”. Em Jones, C. (ed.) *The Journal of Irish Archaeology*, Vol. XXIII. Dublin, Wordwell Ltd.: 123-142.
- LETTOW-VORBECK, C. L. e GARCÍA GARCÍA, J. (2010) – “La fauna de Ratinhos: estudio de la fauna y de la industria ósea procedente de la tercera línea de muralla”. Em Berrocal-Rangel, L. e Silva, A. C. (eds.) *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007. O Arqueólogo Português - suplemento 6*. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia: 329-348.
- LEWIS, S. & LLEWELLYN-JONES, L. (2018) - *The Culture of Animals in Antiquity: A Sourcebook with Commentaries*. Nova Iorque, Routledge.
- LO SCHIAVO, F. (1991) – “La Sardaigne et ses relations avec le Bronze Final Atlantique”. Em Chevillot, C.; Coffyn, A. (Eds.) *L'âge du Bronze Atlantique: ses faciès, de l'Ecosse à l'Andalousie et leurs relations avec le Bronze continental et la Méditerranée (actes du Ier Colloque du Parc archéologique de Beynac)*. Beynac-et-Cazenac, Publication de l'Association des Musées Sarladais (A.MU.SA.): 213-226.
- LO SCHIAVO, F. (2008) – “La Metallurgia Sarda: Relazioni fra Cipro, Italia e la Penisola Iberica. Un Modello Interpretativo”. Em Celestino, S., Rafel, N. e Armada Pita, X.-L. (eds) *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e) La precolonización a debate*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma: 417-436.
- LULL, V., MICÓ, R., RIHUETE HERRADA, C. e RISCH, R (2013) – “Bronze Age Iberia”. Em Fokkens, H. e Harding, A. (eds.) *The Oxford Handbook of the European Bronze Age*. Oxford, Oxford University Press: 594-616.
- MacWHITE, E. (1951) – *Estudios Sobre las Relaciones Atlanticas de la Peninsula Hispanica en la Edad del Bronce*. Madrid, Publicaciones del Seminario de Historia Primitiva del Hombre.

-
- MASSETI, M. (2008) – “A Zoomorphic Gold Figurine from the Late Bronze Age on the island of Thera (Santorini), Greece”. Em *Archaeozoology of the Near East VIII: Actes des huitièmes Rencontres internationales d'Archéozoologie de l'Asie du Sud-Ouest et des régions adjacentes*. Lyon, Maison de l'Orient et de la Méditerranée Jean Pouilloux: 553-559.
- MATALOTO, R. (2013) – “Do Vale à Montanha, da Montanha ao Monte: a ocupação do Final da Idade do Bronze no Alentejo Central”. Em Cardoso, J. L. (ed.) *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras: 221-272.
- MATIAS, H., ANDRADE M. A., COSTA, C., SAMPAIO, H. A., SIMÃO, I., SOARES, A. M., SOARES, R. M. & MONTEIRO, P. (2017) – “O sítio de fossas da Horta do Cabral 6. Contribuição para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Torrão (Alcácer do Sal, Portugal)”. Em Arnaud, J. M. & Martins, A. (coords.) *Arqueologia em Portugal Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses: 849-864.
- MILLOTTE, J.-P. & RIQUET, R. (1959) – “La cachette de bronze de Notre-Dame d'Or (Vienne)”. *Gallia préhistoire*, tome 2: 71-80.
- NEEDHAM, S. e BOWMAN, S. (2005) - “Flesh Hooks, Technological Complexity and the Atlantic Bronze Age Feasting Complex”. Em *European Journal of Archaeology*, Vol.8 (2): 93-136. doi:10.1177/1461957105066936.
- NIJBOER, A., J. (2013) – “Banquet, *Marzeah*, *Symposion* and *Symposium* during the Iron Age: Disparity and Mimicry”. Em Angelis, F. (ed.) *Regionalism and Globalism in Antiquity: Exploring their Limits (Colloquia Antiqua, 7)*. Leuven, Peeters: 95-126.
- OLIVEIRA, C. (2013) – “O Final da Idade do Bronze no Algarve: Balanço e Resultados da investigação arqueológica”. Em Cardoso, J. L. (ed.) *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Vol. 20. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras: 339-354.
- PARREIRA, R. (1995) – “Aspetos da Idade do Bronze no Alentejo Interior”. Em *A Idade do Bronze em Portugal, Discursos de Poder*. Lisboa, IPM: 131-134.

-
- PEÑALVER, E., BARRÓN, E., DELCLÒS, X., *et al.* (2018) – “Amber in Portugal: State of the Art”. Em Vaz, N. e Sá, A. (eds.) *Yacimientos Paleontológicos Excepcionales en la Península Ibérica*. Madrid, Cuadernos del Museo Geominero, nº 27. Instituto Geológico y Minero de España: 279-287.
- PERIDON, L. (2017-2018) – *Les Figurations Humaines et Animales dans l’Art Mobilier de l’Age du Bronze et du debut de l’Age du Fer en France*, Tome II. Mémoire de Master 1 mention Histoire, Arts et Archéologie, Spécialité Arts, Sociétés Environnement de la Préhistoire et de la Protohistoire: Europe, Afrique.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995a) – “Cronología de la ría de Huelva en el marco del bronce final de la Europa occidental”. Em Ruiz-Gálvez Priego, M. (ed.) *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*. Madrid, Complutense: 79-83.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995b) – “El Significado de la Ría de Huelva en el Contexto de las Relaciones de Intercambio y de las Transformaciones Producidas en la Transición Bronce Final/Edad del Hierro”. Em Ruiz-Gálvez Priego, M. (ed.) *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*. Madrid, Complutense: 129-155.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1998a) – *La Europa Atlántica en la Edad del Bronce: un viaje a las raíces de la Europa Occidental*. Barcelona, Crítica.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1998b) – “Peripheral, but not that much...!”. Em Jorge, S. O. (ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia: 101-113.
- RUIZ-GÁLVEZ, M. & GALÁN, E. (2012) – “A Meal Fit for a Hero. On the Origins of Roasted Meat, Spits and the Male Ideal”. Em Eugenia Aubet, M. & Sureda, P. (eds.) *Interacción Social y Comercio en la Antesala del Colonialismo. Actas del Seminario Internacional Celebrado en la Universidad Pompeu Fabra el 28 y 29 de Marzo de 2012*. Barcelona, Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona: 43-69.

- SCATE, A. & THORNE, P (2007-2008) – “Schedule of sites of archaeological importance”. Acedido em 26 de agosto de 2020, no Web site: <https://www.gov.je/SiteCollectionDocuments/Planning%20and%20building/SPG-Policy%201%20-%20ArchAndPlanning%202.pdf>.
- SAVORY, H. N. (1951) – “A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa”. Em *Revista de Guimarães*, 61 (3-4). Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, Centro de Estudos do Património: 323-377.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1995) – “Entre Atlântico e Mediterrâneo: Algumas Reflexões Sobre o Grupo Baiões/Santa Luzia e o Desenvolvimento do Bronze Final Peninsular”. Em *A Idade do Bronze em Portugal*, Discursos de Poder. Lisboa, IPM: 110-115.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (2007) – “O Bronze Final no Centro de Portugal: Contribuição para um estudo acerca da etnogénese regional”. Em Barbosa, P. (ed.) *Arte, História e Arqueologia. Pretérito sempre presente*. Lisboa, Ésquilo: 17-36.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. & PEDRO, I. (2000) – “Between Myth and Reality: The Foundry Area of Senhora da Guia de Baiões and Baiões/Santa Luzia Metallurgy”. Em *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa, Colibri: 61-77.
- SENRA, M., COSTA, C., BETTENCOURT, A. M. S., BAPTISTA, L. & GOMES, S. (2019) – “Faunal Remains from Torre Velha 12 (Serpa, Beja, Southwest of Portugal): Relationship between Animals and Bronze Age Communities”. Em *Heritage 2*. MDPI: 216-229. doi:10.3390/heritage2010016.
- SILVA, A. C. F. (2007) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Centro de Arqueologia Castreja e Estudos Célticos.
- SILVA, A. C. F., PARENTE, J. R. (2013) – “As estelas de Castelões e as representações Prtoto-Históricas do Poder”. Em Arnaud, J. M., Martins, A. & Neves, C. (coords.) *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses: 625-632.

-
- SILVA, A. C. F., SILVA, C. T. & LOPES, A. B. (1984) – “Depósito de Fundidor do Final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu)”. Em *Lycerna, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*. Porto, Ministério da Cultura/Delegação Regional do Norte, Centro de Estudos Humanísticos: 73-109.
- SILVA, P. D. & LUÍS, L. (1995) – “Localização de Alguns Objetos de Bronze Provenientes do Concelho de Alvaiázere”. Em *Munda*. Grupo de Arqueologia e Arte do Centro: 83-89.
- SOARES, A. M. (2005) – “Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos”. Em *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8: 1. Lisboa., pp.111-145.
- SPINDLER, K., BRANCO, A., ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1973-74) – “Le monument à coupole de l’âge du bronze final de la Roça do Casal do Meio”. Em *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo LVII. Lisboa, Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos: 91-154.
- TREHERNE, P. (1995) – “The warrior’s beauty: the masculine body and self-identity in Bronze Age Europe”. Em *Journal of European Archaeology*, 3 (1). European Association of Archaeologists: 105-144.
- VALERA, A. C., EVANGELISTA, L. S. & CASTANHEIRA, P. (2014) – “Zoomorphic Figurines and the Problem of Human-Animal Relationship in the Neolithic and Calcolithic Southwest Iberia”. Em *Menga: Revista de Prehistoria de Andalucía*, nº 5. Junta de Andalucía: 15-41.
- VALÉRIO, P., ARAÚJO, M. F., SENNA-MARTINEZ, J. C. & VAZ, J. L. (2006) – “Caracterização química de produções metalúrgicas do Castro da Senhora da Guia de Baiões (Bronze Final)”. Em *O Arqueólogo Português*, série IV, vol.24. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia: 289-319.
- VERNEY, A. (1990) – “Le dépôt de Challans (Vendée)”. Em *Bulletin de la Société préhistorique française*, tome 87, nº10-12. Spécial bilan de l’année de l’archéologie: 396-418. doi: <https://doi.org/10.3406/bspf.1990.9923>.

-
- VERHOEVEN, M. (2011) – “The Many Dimensions of Ritual”. Em Insoll, T. (ed.) *Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. Oxford, Oxford University Press: 115-132.
- VILAÇA, R. (1990) – “Broche à rôtir articulée de Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Portugal)”. Em *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Tome 87, nº6. Paris, Société Préhistorique Française: 167-169.
- VILAÇA, R. (1992) – “Integração Cultural dos Restos Faunísticos de Três Povoados do Bronze Final da Beira Baixa”. Em *Conimbriga*, XXXI. Coimbra. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Arqueologia: 5-29.
- VILAÇA, R. (2003) - “Acerca da Existência de Ponderais em Contextos do Bronze Final/Ferro Inicial no Território Português”. Em *O Arqueólogo Português*, XXI. 245-288.
- VILAÇA, R. (2006) – “Depósitos de Bronze do Território Português, Um debate em aberto”. Em *O Arqueólogo Português*, Série IV, 24. Lisboa, Direção Geral do Património Cultural: 9-150.
- VILAÇA, R. (2007a) – “Todos os caminhos vão ter ao Ocidente: trocas e contactos no Bronze Final”. Em Cardoso, J. L. (ed.) *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15. Câmara Municipal de Oeiras: 135-154.
- VILAÇA, R. (2007b) – “A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco). Construção e organização de um caso singular de inícios do I milénio AC”. Em Jorge, S.O. *et al.* (eds) *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*: 67-77.
- VILAÇA, R. (2008) – “Reflexões em Torno da «Presença Mediterrânea» no Centro do Território Português, na Charneira do Bronze para o Ferro”. Em Celestino, S., Rafael, N. e Armada Pita, X.-L. (eds) *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e.) La precolonización a debate*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma: 371-400.
- VILAÇA, R. (2012) – “Late Bronze Age: Mediterranean Impacts in the Western end of the Iberian Peninsula (Actions and Reactions)”. Em Eugenia Aubet, M; Sureda, P

-
- (eds) *Interacción Social y Comercio en la Antesala del Colonialismo*. Madrid, Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona: 13-41.
- VILAÇA, R. (2013) – “O Povoamento da Beira Interior Durante o Bronze Final: Evidências, Interações e Simbolismos”. Em Cardoso, J. L. (ed.) *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras: 191-220.
- VILAÇA, R. (2014) – “Ensaio sobre a região de Beja em torno do ano mil a.C. Entre a tradição e a inovação”. Em Vilaça, R. e Serra, M. (coord.) *Idade do Bronze do Sudoeste: Novas perspectivas sobre uma velha problemática*. Coimbra, Instituto de Arqueologia, Secção de Arqueologia, FLUC: 101-126.
- VILAÇA, R. (2020) – “O Ocidente Peninsular de há 3000 anos num cruzamento de escalas. Itinerários das coisas e das pessoas”. Em Cardoso, J. L. (ed.) *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 27. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras: 281-316.
- VILAÇA, R., BECK, C. W. e STOUT, E. C. (2002) – “Provenience Analysis of Prehistoric Amber Artifacts in Portugal”. Em *Madrider Mitteilungen* 43: 61-78.
- VILAÇA, R. & CARDOSO, J. L. (2017) – “O Tejo Português durante o Bronze Final”. Em Celestino Pérez, S. & Rodríguez González, E. (eds.) *Territorios Comparados: los Valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en Época Tartésica*. Mérida, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Arqueología: 237-281.
- VILAÇA, R., CARDOSO, J. L. & SILVA, A. M. (2018) – “A Gruta do Medronhal (Arrifana, Ega, Condeixa-a-Nova) e a sua importância arqueológica”. Em *Actas do Colóquio de História, Arte, Arqueologia, Geografia e Etnografia, IV Jornadas de valorização do património cultural e natural de Condeixa-a-Nova*. Condeixa-a-Nova: 53-66.
- VILAÇA, R. & CUNHA, E. (2005) – “A Roça do Casal do Meio (Calhariz, Sesimbra) novos contributos”. Em *Al-madan* II Série (13). Centro de Arqueologia de Almada: 48-57.

VILAÇA, R. & CRUZ, D. J. (1999) – “Práticas Funerárias e culturais nos finais da Idade do Bronze na Beira Alta”. *Arqueologia* 24. Porto: 73-99.

VILAÇA, R., SANTOS, A. T. & MARQUES, J. N. (2004) – “78 Menir”. Em *arqueologia: colecções de francisco tavares proença júnior*. Castelo Branco, Instituto Português de Museus: 164.

Índice de Figuras

Figura 1. Distribuição de Metais de Banquete do Bronze Final na Península Ibérica. Figura adaptada de Armada Pita, 2011: 161.	19
Figura 2. Norte de Portugal.	22
Figura 3. Centro de Portugal.	25
Figura 4. Estremadura portuguesa.	28
Figura 5. Alentejo.	30
Figura 6. Algarve.	33
Figura 7. Fragmento de placa estalagmítica com diversos restos faunísticos incrustados recuperada na Gruta do Medronhal (Condeixa-a-Nova). Destaque para a mandíbula de cão doméstico no canto superior esquerdo. Imagem retirada de Vilaça et al. (2018: 61). Fotografia de J. L. Cardoso.	38
Figura 8. Fauna da Horta do Cabral 6. A. Ortofoto da deposição de <i>Cervus elaphus</i> no interior da fossa 3. B. Detalhe do crânio do mesmo veado. C. Ortofoto do nível onde foi recolhido um crânio de <i>Bos taurus</i> . D. Detalhe do crânio do mesmo bovídeo. Imagem retirada de Matias et al. (2017: 864).	40
Figura 9. Fragmento de tíbia direita de ovelha, recuperado no Castro dos Ratinhos (Moura), com um orifício provocado pela punção de um objeto de secção quadrangular ou retangular, provavelmente um espeto. Imagem adaptada de Lettow-Vorbeck & García García, (2010: 332).	42
Figura 10. Seleção de restos faunísticos de Outeiro do Circo: astrágalo de <i>Cervus elaphus</i> queimado (a), cone de percussão (b), fragmento diafisário com impactos de percussão antrópica (c), exemplos de ossos com dano de queima em diversos graus (d), calcâneo de <i>Bos sp.</i> com marcas de corte (e), metatarso de <i>Bos sp.</i> com marcas de dentes (f) e mandíbula de <i>Bos sp.</i> com marcas de corte (g). Imagem retirada de Almeida et al. (2020: 1052).	44
Figura 11. Estela de Castelões II (Chaves). Destaque feito à figura zoomórfica. Imagem retirada de Silva et al. (2013: fig.2).	45
Figura 12. Estela de Ervidel II (Beja). À direita o monólito original, à esquerda o decalque das gravuras. Imagem adaptada de Gomes e Monteiro (1977: fig. 4 e est. 6).	46
Figura 13. Estela de Tojais (Vila Real). Destaque da figura zoomórfica. Imagem retirada de Alves e Reis (2011: est. 8).	47

Figura 14. Estela de São Martinho II. À direita o monólito original, à esquerda o decalque das gravuras. Imagem adaptada de Gomes e Monteiro (1977: fig.7) e Bueno Ramírez et al. (2019: 155 fig.10).	48
Figura 15. Representação faunística dos diferentes sítios arqueológicos. Eixo vertical: número de fragmentos encontrados. Eixo horizontal: espécies de animais representados.	52
Figura 16. Distribuição geográfica de espetos e fúrculas. Adaptado de Needham & Bowman (2005: 125).	54
Figura 17. Elementos de um espeto articulado. Espeto articulado de Forêt de Compiègne. Figura adaptada de Burgess & O'Connor (2004: 185).	55
Figura 18. Fúrcula de Cantabrana. Imagem retirada de Delibes de Castro et al. (1999: 106).	59
Figura 19. Fúrcula de Dunaverney. Imagem retirada de Leonard (2014b: 123).	60
Figura 20. Virola do gancho da fúrcula de Dunaverney. Imagem retirada de Bowman & Needham (2007: 54).	60
Figura 21. Virola central da fúrcula de Dunaverney. Imagem retirada de Bowman & Needham (2007: 54).	61
Figura 22. Virola de trás da fúrcula de Dunaverney. Imagem retirada de Bowman & Needham (2007: 54).	62
Figura 23: Fragmentos da fúrcula de Rouen. Retirado de http://www.la-detection.com/dp/message-105984.htm . Acedido em 01/12/2020.	63
Figura 24. Ilustração dos elementos recuperados da fúrcula de Rouen. Imagem retirada de Bordas et al. (2020: 164).	63
Figura 25. Hipóteses de estrutura da fúrcula de Rouen segundo Bordas et al. (2020). Imagem retirada de Bordas et al. (2020: 168).	64
Figura 26. Ilustração do gancho da fúrcula do depósito de Langoëlan. Imagem retirada de Bowman & Needham (2005: 96).	66
Figura 27. Proposta de reconstituição da fúrcula de Rouen.	66
Figura 28. Semelhanças entre a figuração de ave da fúrcula de Rouen e de uma pomba (<i>Columba palumbus</i>). Imagem retirada de Bordas et al. (2020: 176).	67
Figura 29. Espeto com figuração zoomórfica de Port-Sainte-Foy, Dordogne, França. Imagem retirada de Baumans & Chevillot (2007: 1).	70

Figura 30. Espeto articulado com figuração zoomórfica de Forêt de Compiègne, Oise, França. Imagem retirada de https://twitter.com/Archeonationale/status/1253339054420029440 acessado a 2/12/2020.	71
Figura 31. Espeto articulado de Challans, Vendée, França. Imagem retirada de Peridon (2017-2018: 19).	71
Figura 32. Espeto articulado de Notre Dame d'Or, França. Imagem retirada de Peridon (2017-2018: 50).	72
Figura 33. Espeto articulado com figuração zoomórfica de St Mary, Jersey, Canal da Mancha. Destaque para a fratura da possível figuração zoomórfica na imagem da direita. Fotografias cedidas pelo Jersey Heritage.	72
Figura 34. Espeto articulado com figuração zoomórfica de Orellana la Vieja, Badajoz, Espanha. Imagem adaptada de Enriquez Navascués (1983: 3 e 4).	73
Figura 35. Espeto articulado com figuração zoomórfica de Monte Sa Idda, Sardenha, Itália. Imagem retirada de Bordas et al. (2020: 172).	74
Figura 36. Espeto articulado com figuração de Amathus, Chipre. Imagem adaptada de Lo Schiavo (2008: 429).	74
Figura 37. Espeto articulado com figuração zoomórfica de Alvaiázere. Imagem retirada de: http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=120049	76
Figura 38. Pormenor da figura zoomórfica do espeto articulado de Alvaiázere. Imagem retirada de Armada Pita & Vilaça (2016, 157).	76
Figura 39. Espeto articulado com figura zoomórfica de Baiões. Retirado de Armbruster (2000: Taf. 23 e 24).	78
Figura 40. Espeto articulado com figuração zoomórfica da Cachouça.	79
Figura 41. Pormenor da figura zoomórfica do espeto articulado da Cachouça.	80
Figura 42. Figura zoomórfica avulsa da Cachouça.	80
Figura 43. Distribuição dos objetos metálicos com figurações zoomórficas da Idade do Bronze Atlântico.	82
Figura 44. Gráfico dos animais representados pelas figurações zoomórficas por objeto.	97

Índice de Tabelas

Tabela 1. Informações relativas aos artefactos a ser estudados.....	90
Tabela 2. Informações relativas às figuras de animais dos objetos a ser estudados.....	98

ANEXOS

Catálogo de objetos metálicos com figurações zoomórficas

Introdução

O presente catálogo tem como principal função auxiliar o leitor quanto aos objetos de estudo da dissertação através da sintetização da informação destes, de modo a facilitar o seu acesso e a sua compreensão, expondo-os de modo mais direto.

Este catálogo será composto por 15 objetos com figurações zoomórficas ou apenas figurações zoomórficas, divididos entre “figuras isoladas”, “fúrculas” e “espetos articulados”, que serão apresentados com uma ordenação segundo o número de exemplares que cada tipologia tem (do menor para o maior) e depois por ordem alfabética.

Tendo isto em conta, cada objeto terá uma ficha individual com a seguinte estrutura:

Nome;
Proveniência;
Medições;
Contexto de achado;
Localização atual;
Breve descrição;

Referências bibliográficas.

Página da figura

Quanto ao nome, será apresentado aquele pelo que o objeto é mais conhecido, que geralmente refere também a sua proveniência, e entre parênteses outro nome pelo qual pode ser conhecido¹.

No seguinte ponto refere-se o sítio em que os utensílios foram encontrados com o maior detalhe possível.

No campo das medições, como o nome indica, são representadas as medições dos objetos, expondo-as por “comprimento x altura x largura”². Por vezes apenas uma medida é conhecida, e nesse caso é expressa qual, sendo comprimento representado por “C”, largura por “L” e altura por “A”.

No quinto ponto expomos o contexto arqueológico em que o utensílio foi encontrado, podendo variar entre depósito, povoado, túmulo e desconhecido.

¹ É de salientar que nos casos em que foi encontrado mais que um objeto do mesmo tipo no mesmo contexto (caso dos espetos de Alvaiázere), o que consta no catálogo é o que contém a figuração zoomórfica.

² Por vezes não é possível saber as medições exatas pelo que serão apresentadas as medições que se conhecem com o sinal de “maior que” (>), antes da medição.

Seguidamente, referimos o local em que o artefacto está acondicionado na atualidade.

No seguinte ponto apresentamos uma breve nota descritiva do objeto, tendo em conta as partes existentes e a(s) figura(s) zoomórfica(s), de modo a que o leitor consiga visualizar o mesmo.

No penúltimo ponto, são expostas as principais referências bibliográficas para o estudo do artefacto em questão.

Por último referimos as páginas na dissertação e o número da figura onde se encontra a figura referente ao objeto.

Há que sublinhar, novamente, que a grande maioria dos artefactos estudados nesta dissertação não foram examinados em pessoa. O estudo apoiou-se unicamente (exceto o espeto articulado com figuração zoomórfica e a figurinha da Cachouça) em bibliografia.

Figuras isoladas

1. CACHOUÇA

Cachouça, Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Portugal.

16 x 15 x 16mm.

Povoado.

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Pequena figura em bronze que retrata uma figura zoomórfica, talvez um bovino ou um canídeo (cão ou raposa).

Vilaça, 2007b: 68.

Pág. 80, fig. 42.

Fúrculas

2. CANTABRANA

Cantabrana, Burgos, Espanha; durante algum tempo pensou-se que provinha de Monte Bernorio (Palencia).

C 617mm.

Desconhecido, em tempos pensou-se que esta fúrcula tinha sido encontrada numa necrópole da Idade do Ferro, associada a um objeto metálico (atualmente perdido), em forma de inseto.

Fundación Eugenio Fontaneda, Castillo de Ampudia, coleção Eugenio Fontaneda.

Objeto composto por três partes: a zona do gancho, a zona central e o cabo. A primeira contém um suporte de secção cilíndrico em forma de “T” alargando-se nas bordas. Um dos lados do suporte apresenta uma decoração composta por dois orifícios e uma protuberância, talvez numa tentativa de representar um bovino ou uma *Capra pyrenaica* através do

artefacto. A partir do centro das bordas de cada suporte surge um dente de gancho de forma quadrangular, encurvado, sendo que um se encontra fragmentado. A zona central é composta por três varetas torcidas e o cabo é composto por uma zona lisa bitroncocónica que acabaria num pomo, atualmente mal preservado.

Delibes de Castro *et al.*, 1992-93;
Delibes de Castro *et al.*, 1999: 105-109.

Pág. 59, fig. 18.

3. DUNAVERNEY

Garry Bog, Dunaverney, Antrim
County, Irlanda do Norte.

C >700mm.

Depósito, achado isolado.

Museu Britânico (P&EE 185.12-
22.1).

Objeto composto por três partes metálicas (virola do gancho, virola central e virola de trás), as quais seriam conectadas por um cabo de madeira que estaria presente aquando da descoberta, mas atualmente apenas um fragmento se encontra conservado. A virola do gancho, como o nome indica, contém o gancho, a virola central cinco figuras zoomórficas de anatídeos (duas de tamanho médio e três pequenas) e a virola de trás duas figuras de corvídeos,

terminando num pomo que em tempos deteve um anel.

Needham & Bowman, 2005: 103,
119-120; Bowman & Needham, 2007;
Leonard, 2014b.

Págs. 60-62, figs. 19-22.

4. ROUEN (NORMANDIE)

Encontrada num “buraco” na floresta
perto da cidade de Rouen, Seine-
Maritime, França.

C >300mm.

Depósito, achado isolado.

Desconhecido.

Fúrcula composta por vários fragmentos: três extensões tubulares fragmentadas (indicando-nos que o objeto poderia ser constituído por duas virolas, à semelhança da fúrcula de Killeonan II), o final da virola de trás, que termina num aro com anel, o que poderá ser parte da barra transversal de onde surgiria o gancho, quatro figurações zoomórficas de aves, sendo que apenas uma parece estar completa. Na parte de baixo das figuras foi forjado um espigão de secção circular. A extensão tubular de menor comprimento tem um formato ligeiramente afunilado, pelo menos três orifícios e está decorada com cinco ou seis ranhuras. A de comprimento médio (em relação às

restantes) vai-se gradualmente afunilando e contém quatro orifícios. A de maior comprimento, tal como as anteriores, afunila-se gradualmente e tem uma decoração em ranhuras. A figuração zoomórfica completa, apesar de estilizada, tem algum detalhe na cabeça, no pescoço e no corpo, que relembram uma pomba.

Peridon, 2017-2018: 69 n° 40; Bordas *et al.*, 2020.

Págs. 63-67, figs. 23-25 e 27-28.

Espetos articulados

5. ALVAIÁZERE (MARZUGUEIRA)

Junto a uma nascente de água, adaptada atualmente a uma fonte e tanque da aldeia de Marzueira, Alvaiázere, Leiria, Portugal.

706 x 115 x 60mm.

“Depósito periférico” constituído por três espetos articulados, sendo que este é o único com figura zoomórfica.

Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

Artefacto completo, com haste de secção quadrangular e punho de secção circular que termina em anel. A figuração zoomórfica é composta por duas aves, provavelmente anatóides, uma maior que a outra, sobrepostas.

Jorge coord., 1995: 32 n° 23; Armbruster, 2000: 96 e 199; Burgess & O’Connor, 2004: 196 n° 1; Armada Pita & Vilaça, 2016: 135.

Pág. 76, fig. 37-38.

6. AMATHUS (AMANTHUS, AMATHOUS)

Túmulo 523, Amathus, Limassol, Chipre.

Desconhecidas.

Depósito funerário.

Desconhecido.

Espeto articulado sem diferenciação entre haste, suporte da haste, fuso e punho. O suporte da haste gira em torno da haste e é mantida no lugar entre paragens separadas em forma de disco. Está em falta a ponta da haste. A figura está partida, não sendo possível saber o que retrataria.

Karageorghis & Lo Schiavo, 1989, 15-17. Fig. 3b; Lo Schiavo 1991: 220; Giardino, 1995: 238, fig. 117.15; Burgess & O’Connor, 2004: 196 n° 8.

Pág. 74, fig. 36.

7. BAIÕES

Castro de Nossa Senhora da Guia, Baiões, São Pedro do Sul, Viseu, Portugal.

C 560mm; A ±50mm.

- Povoado.
- Museu do Seminário Maior de Viseu,
Universidade Católica Portuguesa,
Viseu.
- Objeto fragmentado em duas partes,
incluindo a haste, corpo do espeto e
punho. O anel neste último encontra-se
incompleto. A figuração zoomórfica
representa uma ave, talvez uma pomba.
- Kalb, 1980: 30 n° 43; Silva, 1986: 210
n° 314; Armbruster, 2000: 180, 200;
Burgess & O'Connor, 2004: 196 n° 2.
Pág. 78, fig. 39.
8. CACHOUÇA
- Cachouça, Idanha-a-Nova, Castelo
Branco, Portugal.
- C >263mm; A >54mm.
- Povoado, recolhido em prospeção
- Instituto de Arqueologia da
Faculdade de Letras da Universidade
de Coimbra.
- Espeto articulado composto por dois
fragmentos: parte da haste, de secção
quadrangular, faltando a extremidade, e
corpo do espeto e punho, faltando o
suporte em gancho e o anel do punho. A
figuração zoomórfica representa um
quadrúpede, porém tem a cabeça partida,
não sendo possível discernir a espécie.
- Provavelmente seria um cervídeo, um
equídeo ou um bovídeo.
- Vilaça 1990, 168; Jorge coord., 1995:
32, n° 24; Burgess & O'Connor, 2004:
196 n° 3; Vilaça, 2007b: 68.
Págs. 79-80, figs. 40-41.
9. CHALLANS
- Champ de la Villate, commune de
Challans, Vendée, França.
- >110 x >35 x 32mm.
- Depósito constituído por 298
artefactos de bronze, incluindo
espadas, machados braceletes, entre
outros.
- Musée d'Archéologie Nationale
Saint-Germain-en-Laye.
- Artefacto composto apenas pelo
corpo do espeto, incluindo o suporte da
haste, anel móvel, parte do punho e
figuração zoomórfica representativa da
cabeça de um veado.
- Verney, 1990: 409 n° 11; Burgess &
O'Connor, 2004: 196 n° 9; Peridon,
2017-2018 vol.2: 19-20 n° 9.
Pág. 71, fig. 31.
10. FORÊT DE COMPIEGNE (ARRY)
- Forêt de Compiègne, Oise, França.
- C >597mm.
- Depósito, achado isolado.

Musée d'Archéologie Nationale
Saint-Germain-en-Laye (13 684).

Espeto articulado completo, à exceção do punho que se encontra fragmentado no final. A figuração zoomórfica provavelmente representará uma ave, talvez uma pomba, porém é altamente esquematizada, pelo que é difícil saber ao certo qual será o animal.

Blanchet, 1980: 316-318; Burgess & O'Connor, 2004: 196 n° 10; Peridon, 2017-2018: 5 n° 1.

Pág. 71, fig. 30.

11. MONTE SA IDDA

Colina granítica em nível inferior a um complexo Nurago, Monte Sa Idda, Decimoputzu, Cagliari, Sardenha, Itália.

Desconhecidas.

Depósito contido em dois grandes vasos. A maior parte dos seus conteúdos são de origem ou de influência peninsular, e ainda alguns de origem cipriota. Contém o que parece uma acumulação de objetos de variados períodos, estendendo-se por mais de 1500 anos.

Museo Archaeologico Nazionale di Cagliari.

Espeto articulado composto por parte do suporte da haste, suporte do anel de gancho e parte do punho, em espiral. A figuração zoomórfica representa um quadrúpede sem cabeça provavelmente um bovídeo, um cervídeo ou um equídeo.

Karageorghis & Lo Schiavo, 1989: 19-22; Lo Schiavo, 1991: 216; Burgess & O'Connor, 2004: 196 n° 7.

Pág. 74, fig. 35.

12. NOTRE DAME D'OR (LA GRIMAUDIÈRE)

Encontrado a alguns quilómetros da cidade de Mirabeau, Notre-Dame-d'Or, La Grimaudière, Vienne, França.

C >128mm; A >30mm.

Depósito composto por cerca de 104 objetos metálicos, incluindo espadas, pontas de lança, machados, braceletes, entre outros.

Musée de L'Echevinage à Poitiers.

A peça perdeu a haste, o gancho de suporte do anel e parte do suporte da haste, restando apenas o mecanismo rotativo, o punho, de secção circular com término em anel, parte do suporte da haste e o elemento zoomórfico

representando um quadrúpede, porém com a cabeça partida.

Millette & Riquet, 1959: 77; Burgess & O'Connor, 2004: 196 n° 11; Peridon, 2017-2018: 50-51 n° 27.

Pág. 72, fig. 32.

13. ORELLANA LA VIEJA

Orellana La Vieja, Badajoz, Espanha.

C 605mm.

Desconhecido, mas encontrado com outros dois espetos articulados (sem figuração zoomórfica) e doados por Dom Adelardo Covarsí em 1939.

Museo Arqueológico Provincial de Badajoz.

Espeto articulado completo, à exceção do suporte em gancho, com haste de secção quadrangular. A figura encontra-se partida, não sendo possível perceber qual animal representaria.

Enríquez Navascués, 1983; Burgess & O'Connor, 2004: 196 n° 6.

Pág. 73, fig. 34.

14. PORT-SAINTE-FOY

Encontrado no sítio denominado “Gué de Chantier“, Port-Sainte-Foy-et-Ponchapt, Dordogne, França.

670 x >100 x 37mm.

Depósito, encontrado no leito do rio Dordonha, aquando da sua dragagem na década de 1960.

Collection G. Parcelier, Brantôme.

Artefacto completo, de haste de secção quadrangular e punho de secção circular que no final alarga, formando uma proeminência e acabando em anel. Um dos pés do suporte do anel está dobrado em volta do suporte da haste, e a figuração zoomórfica representa uma ave de rapina (talvez uma águia) ou corvídeo de asas estendidas, cauda de três partes e bico em forma de gancho.

Burgess & O'Connor, 2004: 196 n° 12; Baumans, Chevillot, 2007; Chevillot, 2007; Peridon, 2017-2018: 65-66 n° 37.

Pág. 70, fig. 29.

15. ST. MARY (JERSEY ISLAND, CADORET)

49°14'29.4" N; 2°10'55.2" O³,
Campo 341, La Rue de Crabbe, St Mary, Jersey, Canal da Mancha.

C >59mm; L 35mm⁴

Depósito de fundidor que consiste em 178 peças, incluindo fragmentos de

³ Sistema de coordenadas WGS 84 Web Mercator.

⁴ Medidas cedidas por Olga Finch, curadora de Arqueologia do *Jersey Heritage*.

armas, utensílios, ornamentos e restos de fundição.

Museu de Jersey.

Apenas resta parte do suporte de haste (que dentro ainda contém parte da haste de secção quadrangular), parte do punho, com secção circular e suporte de anel. No topo deste encontra-se uma saliência que, em tempos teria uma figuração zoomórfica.

Burgess & O'Connor, 2004: 189 e 196 n° 15.

Pág. 72, fig. 33.